

Revista da Semana

ANO XLIII
N.º 37
12 DE SETEMBRO
DE 1942

DISTRITO FEDERAL
1\$500
ESTADOS
2\$000



Presidente da República e Chefe Supremo das Forças Armadas dos Estados Unidos do Brasil.

CONSTANCE E JOAN BENNETT

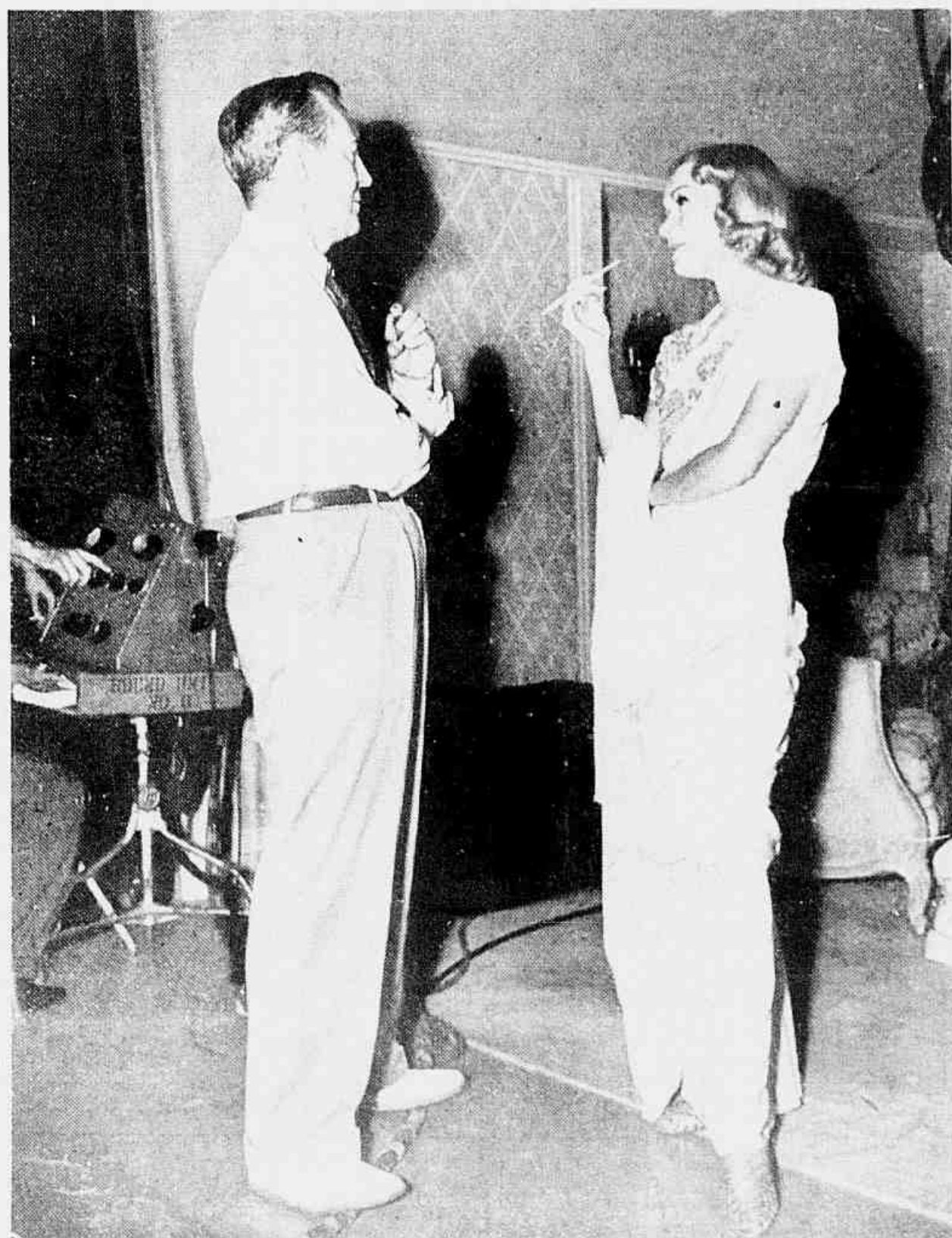
uma piteira e um cigarro

de MARIA LUIZA

A face do mundo está sendo mudada de uma forma tão vertiginosa que nós mesmos não percebemos as profundas modificações que vêm sendo operadas não só nas causas externas que regem as nossas vidas, mas nas nossas necessidades íntimas, sobretudo intelectuais ou artísticas. Aquilo que há um ano ou dois ainda nos satisfazia plenamente, na arte cinematográfica por exemplo, dando-nos uma impressão agradável de beleza e despreocupação e auxiliando a distrair o nosso espírito quando o tínhamos atribulado por este ou aquele motivo — os filmes leves, repletos de mulheres bonitas e bem vestidas, agindo em ambientes deslumbrantes auxiliadas por galãs mais ou menos cínicos, atualmente

perderam todo o senso comum que porventura pudessem ter e surgem aos nossos olhos, futeis e sem sentido, deixando-nos apenas uma impressão de vacuo produzido por alguma coisa que não cumpriu o seu destino, que deveria ser o de distrair-nos integralmente. As glamorosas de todos os tipos que perdiam horas diante do espelho ou do diretor estudando a forma de olhar, de andar ou de segurar a piteira — sempre muito longa e de preferência branca — cedeu lugar à pequena de aspecto aparentemente insignificante, mas que tem capacidade de sobra para segurar uma padiola ou fugir de um bombardeiro sem que se desmanchem os seus "impecáveis bouclés" e sem correr o risco de tropeçar na piteira porque traz apenas o cigarro entre os dedos ageis e uteis.

Isto faz-me lembrar a história das duas irmãs Bennett. Constance e Joan. Há alguns anos atrás Constance era uma das estrelas que mais brilhavam no firmamento de sonho, luxo e deslumbramento que era Hollywood; vestia como ninguém, pisava como ninguém, fumava como ninguém. Não havia nem uma estrela mais requintada, nenhuma mais elegante; os seus filmes eram sempre um prazer, um grande prazer... A pequena Joan era um zero à esquerda. Quizeram fazer dela uma "glamour" e fracassaram; era uma estrela triste e apagada, da qual se contava uma história de amor também fracassado. Pequena demais para segurar uma grande piteira... humana demais para tornar-se glamorosa... Agora porém chegou a sua vez, a vez da garota tipo camarada, capaz de aparecer tão encantadora com a cara suja como com um belo vestido de baile, a garota cujo talento não repousa nas atitudes estudadas mas sim nela própria, a garota que segura o cigarro com naturalidade e fuma simplesmente porque gosta e não porque seja elegante. Constance desceu; sua última oportunidade já não foi como estrela e sim fazendo fundo de quadro para Greta Garbo em um filme em que a sueca também não obteve o sucesso esperado. E é pena porque seu talento continua intacto e a mulher que dá aqueles gritos na frente do espelho bem pode fazer coisas mais aproveitáveis principalmente se lhe trocarmos a piteira por um simples cigarro e as atitudes glamorosas por outras mais de acordo com a vida atual...



O BRASIL E A LIBERDADE DE VIVER

Por DE MATTOS PINTO

RECONHECENDO o estado de beligerância entre a Alemanha e a Itália, os brasileiros refugiaram a doutrina homicida do nazismo. O Brasil reconhece, em harmonia com as suas tradições históricas, que viver e ser livre formam uma unidade indivisível. A segunda guerra mundial determinará que a democracia pode evoluir e a sua evolução extirpará a teoria de que a força prima sobre o direito. Considerávamos inferiores os povos antigos, porque ignoravam a liberdade material e desconheciam a liberdade moral, a iniciativa de pensamento, a virtude da crítica, o dom de repudiar as leis anti-humanas e protestar contra o egoísmo jurídico. A civilização e o progresso estacionaram na Índia, Egito, Persia, Arabia, China, Turquia, porque o indivíduo não participava do Estado. Os interditos de pensar, de se instruir, de progredir, o medo de abandonar o passado, a proibição de ler os livros, sob o pretexto de serem sagrados, a ignorância obrigatória e tradicional, todos esses crimes incriveis e obsoletos, o apanágio do Oriente ou, para melhor dizer, o privilégio da ausência do espírito de Democracia, reaparecem hoje, como há três mil anos. Os povos gemem e as tiranias esmagam. As instituições livres, cuja primazia se coloca na Grécia, com os homens delegando aos seus representantes, poderes públicos, para defender as causas populares, a multidão reinando soberana, na companhia da realeza, veem sendo assaltadas pela teoria da força. Novo crepúsculo de feudalismo ofusca a alma do mundo, submerge a Democracia, que Fouillée qualificava a forma inevitável das sociedades modernas. Inventando uma suposta decadência da Democracia, o nazismo e o fascismo retiraram dos museus todos os instrumentos de tortura do feudalismo. Hitler e Mussolini recolheram os velhos costumes da Persia, que ficou imóvel na sua antiguidade porque a administração dispunha do absolutismo, o povo vegetava e os indivíduos não agiam, os sátrapas exauriam as províncias, os reis não encontravam quem os repreendesse. Conhecemos bem a história da falência da Democracia, quinhentos anos antes de Cristo. Prevendo os excessos dos absolutistas, os espartanos elegeram dois reis de poderes iguais, que se vigiavam e equilibravam as suas autoridades. Previdente e incontentável, a constituição de Esparta subordinava os soberanos aos éforos, juízes encarregados de resguardar os direitos do povo. Os éforos acabaram por usurpar a autoridade, julgavam contra a justiça, vilavam a constituição. Isso só prova a corrupção dos homens e não da essência democrática. Duas vezes os políticos destruíram o governo da livre opinião, em Atenas e em Roma, mas nunca a Democracia. Aos nazistas e fascistas, que apregoam a traição entre os povos e a deslealdade entre os homens, podemos gritar-lhes como Jean-Jacques Rousseau: "As leis da liberdade são mil vezes mais austeras do que o jugo dos tiranos". A Democracia não safu vencida de Atenas e de Roma, porque nunca existiu totalmente. O espírito liberal orgulha-se de ser incompatível com o espírito da sombra. Os povos perpetuam-se sempre ignorantes e sombrios, logo já mais conheceram a luz e a claridade da Democracia. Fazem a crítica da Liberdade, argumentando com as inconveniências das opiniões múltiplas, que embaraçam a política, esquecendo que a passividade imobiliza o Estado, tornando-o refratário ao movimento e à inovação. Com uma só classe dirigente, a sociedade fica monótona, insuficiente em face da polimorfia da vida econômica. Desde o século XVII, compreendemos Locke que o Estado não pode ser tudo. O indivíduo perturba a imobilidade, a cristalização e a mumificação do Estado. Os athenienses se revoltaram contra o Areópago, por causa da sua intangibilidade, da sua aristocracia política e da resistência às reformas. A Liberdade solta o homem, infunde-lhe o horror das atitudes convencionais. Até o fim do século XVII, a Inglaterra sofreu a supremacia absoluta da classe aristocrática. Doavam os cargos públicos como honraria. A sociedade rolava dos preconceitos políticos para os fetiches sociais. As coisas iam a tal ponto, que se negava até aos

membros da Câmara dos Comuns o direito de demissão. No século XVIII, o espírito da Democracia arrancou o indivíduo do isolamento, arrojando-o na atividade social. Daí começou a verdadeira expansão mercantil e naval da Inglaterra. Dominou os ingleses a filosofia da utilidade de Bentham, esse Jeremy Bentham que refutou o absolutismo e a teocracia de Blackstone. A filosofia da utilidade ensinava que a sociedade se organizou de tal modo que, trabalhando pela nossa prosperidade particular, trabalhamos pela prosperidade geral. A civilização se quebra sem o indivíduo; J. J. Rousseau estabeleceu a solução da política social, numa sociedade onde cada homem, se unindo a todos, não obedeça senão a si próprio e fique tão livre quanto antes. Se o sufrágio universal parece turbilhões de poeira, rolando num sentido e n'outro, explica-se porque a tormenta de que fala Bluntschli não parte da Democracia, mas dos partidos políticos, ambiciosos de implantar as suas oligarquias na república. Regime republicano não quer dizer nada. Roma, Itália e Suíça conheceram repúblicas aristocráticas. Esparta e Roma conheceram repúblicas monar-

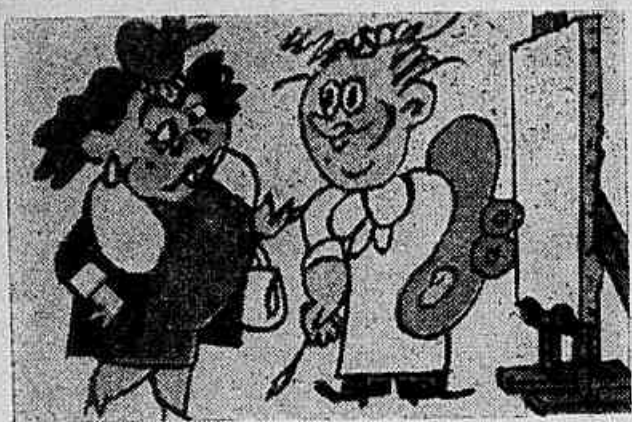
quias. Hitler e Mussolini querem se perpetuar pela força e repetem a façanha de Luiz XIV: "Sou eu o Estado". Trata-se do furor de governar e de dominar, que tanto deploravam Mirabeau e Humboldt, vício rebelde do nazismo e do fascismo. Por isso, apreciando os governos democráticos, não quis Ostrogorski estudar nem a forma política, nem os costumes, nem as instituições, mas as forças políticas em atividade. Não pode haver vida liberal, onde pululam as tentativas oligárquicas. A sociedade se debate no conflito, entre a democracia política, que apregoa a igualdade civil-social dos homens, e os fenômenos econômicos, exilados da Democracia. Ou, melhor, as repúblicas teimaram em ser políticas, quando deveriam ter sido econômicas. Quando triunfava a democracia atheniense, Temístocles venceu os persas e quis dominar a Roma, Sicília, Carthago. Para conquistar os mares, os gregos se empenharam em guerras onerosas. Nesse momento corria pela Grécia o provérbio "O ouro faz o homem". Não se pode falar de democracias antigas, porque as velhas civilizações restringiram-se a ser civilizações de cidades. Agora, milhões de homens agem sobre o governo e deslocam a sociedade. Insistimos com força que não houve até hoje república democrática, pois a ignorância já mais permitiu a totalidade do povo participar do Estado. Mais ou menos aristocráticas, as repúblicas elegem minorias cultivadas, que representam verdadeiras aristocracias sobre a massa ignorante. Nos tempos bíblicos, percebeu Moisés que a humanidade não deve viver à mercê dos partidos, das seitas, das opiniões de classe. Codificando os Dez Mandamentos, o legislador hebreu fez presente aos povos da obra prima da jurisprudência, a primeira constituição verdadeiramente internacional e universal. Ouvimos Emile de Laboulaye dizer que pelo respeito da pessoa se mede a verdadeira grandeza da civilização. O grande milagre da Democracia não provém tanto da sua



Washington, o fundador da Democracia Norte-Americana, hoje aliada do Brasil.

política cordial, nem das suas promessas de liberdade, mas de que introduz na vida do povo o mais energético fator de movimento — o homem. Não o homem diplomado, o homem elegante, o homem clássico e convencional do Estado. A democracia introduz o homem eventual e desconhecido, estranho e surpreendente que a superioridade natural dos dons traz à cena da vida pública. Napoleão, um desses entes saídos do acaso, não se sabe por que leis secretas de seleção, ele que encarnou simultaneamente os direitos do homem e os crimes da força, Napoleão Bonaparte compreendeu e disse "Eu sou uma fita, posta no livro da Revolução. Depois de mim, ela recomeçará a página e a linha onde a deixei". A revolução democrática continua refazendo e renovando a sua obra. Imortal como o seu futuro, a democracia transpassa luminosa todas as sombras. Entrando na segunda conflagração mundial, o Brasil fará a guerra contra todas as formas de tirania social e intelectual, contra todos os modelos de traidores e de traição. A Democracia evoluirá com o Brasil.

OUTROS RIRAM...



— Mas o senhor tem certeza de que sairei bem nesse retrato?
— Absoluta certeza, minha senhora. Nem parecerá a mesma!



— Estou ansiosa por ver que presente meu marido me traz hoje.
— Por que? É o dia dos teus anos?
— Não, nas brigamos esta manhã.



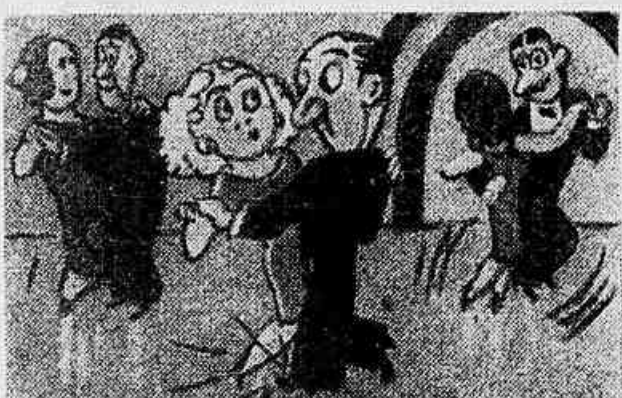
— E foi o melhor dos seus livros que o senhor dedicou a sua esposa?
— Perfeitamente. O meu livro de cheques.



— E como permitiu você que uma mulher lhe puzesse a mão na cara?
— Não foi a mão, foi um prato!



— Mas então o senhor não gosta do Rio?
— Adoro-o. A questão é que para viver aqui um homem pobre como eu... só tendo muito dinheiro!



— O senhor não podia mudar de pé?
— De pé, como, senhorita?
— Já me pisou o esquerdo tantas vezes... que não aguento mais!



— O senhor é mesmo muito pobre?
— Não tanto assim... Mas por que pergunta você isso?
— Papai, quando fala do senhor, sempre diz: "esse pobre homem..."



— A senhora está, esta noite, encantadora.
— Muito obrigada pelas outras noites!



...O SEU SABOR REFRESCANTE E'

Delicioso

Escovar os dentes deixa de ser uma obrigação para tornar-se um prazer quando se usa o delicioso e estimulante Creme Dental Squibb. Experimente a agradável diferença e sinta, de fato, uma sensação de sadio bem-estar. O Creme Dental Squibb limpa bem os dentes, sem prejudicá-los. Na sua composição científica não entram substâncias raspantes ou adstringentes, nem sabão.

Contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na boca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Preparado com a cooperação de odontologistas, com o objetivo de manter, no lar, um eficiente colaborador dos cuidados profissionais do dentista, proteger os seus dentes e evitar as cáries. Compre um tubo hoje mesmo.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO

ESCOVA *ANGLE* SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.

435



— O senhor é peixe?
— Não. Que idéia!
— Então, por que é que mamãe e meninha dizem que o senhor caiu no anzol.



— Acha você que Heloisa tenha trinta anos?
— Com franqueza: Ela o diz há tanto tempo... que começo a acreditar-lo.



— Quero-te muito porque te pareces com um homem por quem tive verdadeira adoração.
— Teu primeiro marido?
— Não. Meu avô materno

Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal
Procurar á Rua Maranguape, 15 - Telefone 22-2550

UNIVERSALIDADE DA OBRA DE STEFAN ZWEIG

por José Carlos Ferreira

Petrópolis foi teatro, há pouco de um dos muitos episódios da catástrofe sem limite que a tirania totalitária houve por bem desencadear sobre a Terra.

Esta guerra, que já se alastra por todos os continentes com a voluptuosidade do fogo em mata ressequida, não se limita aos campos de batalha. Está em toda parte. Trava-se, principalmente, nas fábricas, nos laboratórios, nas minas, nos campos. E, porque empolga assim a vida, penetra os templos, nas preces dos desgraçados. Invade os lares, nas inquietações das esposas saudosas e das mães aflitas. Atinge as escolas, no luto e na melancolia dos órfãos. Abate, finalmente, as individualidades que têm a suprema desventura de abranger, numa visão ampla e profunda, todo o imenso cenário universal, onde assume proporções sem precedentes na história da civilização a velha luta entre o Bem e o Mal, entre o Crime e o Direito, entre a Justiça e a Violência, entre a Liberdade e a Tirania.

Essas são, na realidade, as maiores vítimas. Dotadas de profunda sensibilidade moral, sentem elas, mais do que a generalidade dos homens, os martírios com que o moderno absolutismo busca desviar a humanidade do rumo que o Mártir do Calvário lhe traçara há dois mil anos.

A acuidade que lhes amplia o campo de ação, a sã consciência que lhes ilumina a trajetória, a inteligência que lhes alcantila a visão dos fatos e dos homens transformam-se, na obscuridade medieval desta dolorosa etapa, em terríveis abutres a espicaçar-lhes o coração como os corvos mitológicos o fígado de Prometeu.

A vida se lhes afigura, então, um inferno mais infernal que o de Dante, porque as chamam atingem, de preferência, os inocentes, nas cidades abertas e desprevenidas, nos transatlânticos preñes de mulheres e crianças, nos hospitais assinalados pela cruz de Cristo.

Aos seus olhos bondosos e cheios de sonhos, ela se afigura um inferno de bons e de justos, um inferno de mães e crianças, um inferno de anjos.

E' a mais completa inversão daquele painel do «Juízo Final» com que Miguel Angelo enriqueceu a Capela Sixtina. Os puros tomaram o lugar dos pecadores. Os bons substituíram os máis. Aos Ugolinos sucederam as suas vítimas.

A' visão panorâmica deste negro quadro, não resistiu o grande espírito de Stefan Zweig.

O vendaval produzido pelas hostes da «Besta do Apocalipse» em disparada vândica apagou para sempre a flama de sua alma devotada às mais altas aspirações do pensamento humano.

As suas asas condoreiras baquearam carbonizadas, como as de Icaro, pelo imenso fogueirão que o nazismo acendeu no mundo.

Mas, nessa tragédia de pássaro sem espaço para voar, como os melros de Guerra Junqueiro, vê-se claramente a impotência da força bruta ante o poder do espírito.

Não sucumbiu o intelectual que produziu obras magistrais em todo o mundo e para todo o mundo. Vive e viverá sempre nos tesouros imperecíveis com que aumentou o patrimônio espiritual da humanidade.

Viverá enquanto viver o gênero humano.

Não se encerrou a grande vida do escritor exilado. Sua morte foi apenas a última página de ironia, de sarcasmo e — por que não dizê-lo? — de amor que o seu talento escreveu. Ela tem o mérito de ressaltar a inanidade da tirania em face dos supremos desígnios da espiritualidade humana. As grandes vítimas do despotismo poderão desaparecer materialmente, vencidas por irresistíveis traumatismos. Mas, moralmente, farão troar sempre as trombetas das reivindicações espirituais da humanidade a conchamar o mundo para as santas reações da convivência universal que condena e pune, como o faz neste momento, os malfetores ditatoriais.

Vivendo da humanidade, pela humanidade e para a humanidade, Stefan Zweig soube interpretar-lhe, com prodigiosa fidelidade, a natureza vária, os anseios insopitáveis, os grandes sonhos e as revoltas irreprimíveis que a agitam nesta encruzilhada da História.

Sua obra se estende da pura poesia à bibliografia de fortes individualidades. Mas há em toda essa heterogeneidade um denominador comum: — a mística da liberdade.

Nenhuma outra lhe empolgara mais o espírito do que esta, em toda a sua agitada existência. Assim é que, ainda muito moço, os primeiros vôos do seu pensamento tomaram a direção do movimento intelectual que, ao declinar do século XIX, demarcou esplendidamente decisiva etapa da evolução revolucionária do povo russo, ançoso de repetir, no vasto cenário de sua grande pátria, as façanhas libertárias com que os franceses, em 14 de Julho de 1789, deram novos rumos à humanidade. Isto porque coexistiam na Rússia tsariana as mesmas circunstâncias sociais que produziram a «Tomada da Bastilha». A História não pode negar a revolução essencialmente democrática de Kerenski a denominação de «verdadeira revolução do povo russo». A intrujice de Lenine nada mais fez do que deturpar a índole do movimento redentor.

Então, as vozes de Dostoiévski, Tolstoi, Gorki e tantos outros soaram-lhe aos ouvidos perscrutadores com a fascinação liberal das estrofes heróicas de Rouget de Lisle:

Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé!

E, dentre estes, aquele que mais se impôs à sua admiração foi o grande autor de «Pobre homem», «Noites brancas», «Crime e castigo», cuja estranha obra foi por ela assim definida: «Dostoiévski é o homem para quem o incomensurável e o infinito eram tão necessários como a própria terra».

Frase felicíssima em que Zweig, retratando uma grande cerebração, define com perfeição a própria natureza do seu espírito!

E' velha a metáfora a que os poetas recorrem frequentemente para designar a transcendência intelectual de certas individualidades, comperando-as às águias, aos condores, às grandes aves de vôo altaneiro. Esta antiga figura como que se torna menos retórica quando define homens da envergadura mental de um Stefan Zweig.

Realmente, pode-se dizer que um dos motivos que o conduziram à suprema evasão do suicídio, foi o fato de o nazismo ter reduzido, com diabólica obstinação, o espaço necessário ao desdobramento da sua extraordinária personalidade.

Não lhe bastava toda a terra para as perscrutações da sua inteligência de obstinado amante da vida universal, em todos os seus múltiplos fenômenos, em todas as suas ansiedades, em todos os seus mistérios, revoltas e martírios. E, no entanto, as atuais circunstâncias paralisaram-no no dorso de uma montanha, em país muito distante e muito diferente do seu, se bem que sem rival em beleza e hospitalidade.

Mas o simples fato de sentir a terra amesquinhada pelo totalitarismo dera-lhe a impressão de que o seu fecundo e imenso espírito se encontrava em irremediável reclusão.

E os panoramas que então se distendiam aos seus olhos inquietos, panoramas que a sua imaginação dilatava até às terras e às gentes de outros continentes, marcaram-lhe as dimensões de sua ansiedade de águia enclausurada em face das circunstâncias mesquinhinhas e, dia a dia, mais restritivas que lhe circunscreviam os vôos.

E, como essas aves que se não adaptam à prisão, que morrem quando lhes falta a liberdade, que sucumbem quando as esmaga o contraste entre a exiguidade da gaiola e a imensidade do céu, Stefan Zweig não se conformou com as limitações mesológicas que a tirania lhe impusera, e procurou na morte o inestimável bem da liberdade.

Deve-se ver no suicídio de Stefan Zweig — mais do que o trágico desaparecimento de um célebre escritor — uma atitude, um gesto, um flagrante da vida pública de um grande poeta — sim, porque ele foi sobretudo poeta! — cuja vocação liberal e libertária lhe ditara, desde a juventude, a mais ostensiva insubmissão a toda e qualquer restrição à espontaneidade do pensamento poético. De certo, sempre o inspirou a convicção de que muitos poetas cantariam com mais beleza e inspiração se lhes não limitassem o estro as regras dos compêndios de rimas e métrica.

Assim é que, dentre a sua vasta e variada bibliografia, se destacam obras que, como «Amok», «Vinte e quatro horas de vida de uma mulher», «Os olhos do irmão eterno», «Angústia», «Jeremias», «Ocaso de um coração» e tantas outras, são verdadeiras odes à vida universal.

Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para

tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

A nossa capa

Mercê de Deus, apraz-nos constatar que o Brasil, sendo arrastado à grande conflagração que os ditadores totalitários desencadearam, não foi apanhado desprecebido. Antevendo os caminhos sombrios a que os terroristas internacionais estavam dispostos a atrair todos os povos de bem, o Chefe do Governo fez por onde as nossas forças armadas fossem equipadas e adestradas à altura das mais arduas tarefas que lhes pudessem ser cominadas. Paralelamente desenvolveu no povo, através de uma bem orientada educação cívica, o sentimento de união com os soldados da Pátria e de comunhão de interesses com os seus dirigentes. Assim é que, comemorando o centésimo vigésimo aniversário de sua independência política, num momento dos mais graves de sua história, o Brasil pôde e o trar-se como uma força, sólida e ordenada, expressão legítima dos valores renovados que a sanha destruidora pretendia destruir em todo o mundo. A «Revista da Semana» estampando neste número, em sua primeira página, o retrato do sr. Getúlio Vargas, reconhece e proclama o quanto deve o nosso país, por estar forte e unido neste momento, ao seu Chefe Nacional.



EDIÇÃO DEDICADA AO V CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

A próxima edição da REVISTA DA SEMANA, a circular no dia 19 deste mês, será dedicada ao V Congresso Eucarístico Nacional há pouco realizado em São Paulo. Ofereceremos aos nossos leitores uma vasta reportagem fotográfica, em que será fixada, em todos os seus detalhes, essa grande festa religiosa.

Outrossim publicaremos uma série de novas e belas fotos relativas aos festejos da Semana da Pátria, que a angústia de espaço não nos permitiu inserir neste número.

De fato, retrata-se, na universalidade destes contos e romances, o extremado humanismo do extraordinário vate vienense.

«Sei que sou homem e quero sê-lo» — eis a transcendente afirmação que ressurma de toda a sua obra. Mas Homem no sentido mais humano da expressão — Ser integrado na coletividade universal, Ser apto a compreender todas as almas, Ser capaz de lutar, com suprema obstinação, pela preservação dos mais legítimos direitos do homem, Ser, enfim, predestinado às mais estóicas renúncias para fazer do silêncio de um túmulo perdido em placida montanha o mais reboante libelo que o verbo da consciência universal já proferiu contra o despotismo sistematizado com que o velho povo-invasão porfia em eclipsar o século XX, certo de, com a cumplicidade medieval de uma imensa noite cíclica, dominar impunemente grandes povos pacíficos e pacifistas, cujos interesses, cujos ideais, cujas aspirações, longe de se chocarem com as aspirações, os ideais e os interesses da humanidade, com eles se confundem na solidariedade das nações britânicas, na fraternidade dos povos americanos, na comunhão das democracias em luta pela sobrevivência de princípios mais necessários à vida humana que este mísero planeta.

Do outro lado da parede

Conto do escritor polono-israelita Chalom Ache

A meio da planície deserta, erguia-se vasta fortaleza cercada por um rio largo e poderoso. Desde o anoitecer e quando tudo o mais era silêncio, o ruído das águas aumentava consideravelmente.

Lá dentro, todos os pavimentos estavam cheios de presos. Dir-se-ia aquilo, durante o dia mesmo, uma casa morta. Parecia uma catacumba cujas cavidades se povoaassem de homens vivos e saos. Os encarcerados dormitavam nas enxergas ou se entretinham olhando até à idéia fixa, até à loucura, qualquer forma ou aspecto do recinto.

A' noite porém a casa enorme passava, com veemência, a viver. De todos os lados se batiam pancadas nas paredes e, graças ao alfabeto secreto, se travavam e sustentavam longas conversações. A's vezes, um passo lento, soando pesadamente pelos corredores, fazia que tudo se calasse, parasse. Mas o guarda afastava-se e logo tudo recomeçava. Os presos habituavam-se àquela existência muda. Chegavam a só saber falar com os dedos. E conseguiam reconhecer, pela energia e o ritmo das pancadas, o caráter do interlocutor e a sua situação social. Certos dias, porém, vinha-lhes um desejo ansioso de chamar, proferir algumas palavras, como quem impõe um mecanismo adormecido, para verificar se ele ainda funciona...

Ora, uma noite, estando todo o carcere em ativa, solta a correspondência de sinais através das paredes, ouviu-se de repente uma risada fresca, vibrante, vigorosa, uma alegria, de mulher ainda moça, cheia de saúde e da satisfação de viver. Os presos imobilizaram-se de assombro. Certamente se ia passar qualquer coisa de anormal. Cessaram os ruídos, toda a fortaleza emudeceu. Mas novamente o riso cristalino e alacre se desprende, estranho entre aquelas paredes como o caso dum morto que desatasse a falar.

Aquela que tinha rido era quasi uma criança. Quando a foram buscar à casa paterna, não compreendeu a gravidade do seu caso: respondeu altivamente ao que lhe perguntavam e seguiu os policiais, dando-se ares de protagonista de romance. Esperava que em tal aventura lhe viesse a caber um papel de heroína de primeira classe. Uma vés, porém, sósinha entre as quatro paredes sentiu bem no coração o destino que sobre ela pesava. Muito tempo chorou em silêncio; depois, sentiu-se melhor e recomeçou a imaginar-se uma figura heroica. Erguida na enxerga, com os punhos cerrados, avançou resolutamente o peito, como para receber as balas dos soldados. Lembrou-se, porém, subitamente de que estava sósinha e rompeu a soluçar como uma criança.

Acudiu o guarda que deitou um olhar irritado pelo postigo do cubículo. A aparição daquele olho colérico no retângulo sombrio ao alto da porta provocou o riso da encarcerada. O guarda, sensibilizado, chegou, um momento, a sorrir; mas logo depois, dominado pelo sentimento do dever, amarrou a cara e retirou-se, pisando com mais força pelo corredor afóra.

Assim a disciplina foi pela primeira vez quebrada na casa sinistra. E não tardou a espalhar-se por todo o cárcere a notícia da chegada duma pobre moça... Como se soubera do caso? Não se podia distinguir a voz da criatura desde que ela fôra encarcerada na célula. Só as pancadas do alfabeto secreto atravessavam a parede. Também não era possível terem-na visto, porque era levada a passear sósinha. Sem dúvida, quando ela caminhava pelo corredor, se percebia que eram passos de mulher.

A moça era pianista; e ao segundo ou terceiro dia, para se consolar da falta do instrumento adorado, sentava-se ajuizadamente a um canto e batia com os pés o compasso das melodias prediletas. Os presos visinhos, reconhecendo o ritmo, entoavam a divina música. E toda a cadeia se transformava em virtude da presença daquela mulher.

Na célula visinha, estava um homem, moço ainda. A paredes da prisão lhe haviam roubado oito meses de vida, mas sem lhe alterar o coração ardente. Ele o sentia no peito, sempre o mesmo, apenas adormecido. De manhã, pouco depois de se levantar, voltava a estender-se na enxerga e passava longas horas a recordar episódios da sua vida de criança, que lhe sorria agora, como através dum sonho. Assim a energia que nele se acumulava estava amodorrada. Era-lhe indiferente saber que lá fora refulgia gloriosamente o sol ou a chuva caía em torrente. Um sopro, porém, bastaria para lhe despertar o coração.

Ouvia os passos da moça do outro lado da parede; e quando, ao crepúsculo, ela ritmava um noturno de Chopin, o rapaz se perdia em deliciosos devaneios. Via uma floresta nova ainda, nos primeiros dias do outono. Aquí e além vagas manchas de sol se distribuíam por entre as árvores moças; um castelo abandonado se mirava no espelho da água mansa e azul. Uma donzela passava sob as ramagens; silenciosa, encerrada no seu mistério, caminhava com lentidão por entre as árvores, indo dum mundo estranho para um mundo longínquo...

O preso tentava conversar com a visinha através da parede que os separava. Os seus dedos compunham as palavras duma declaração de amor. "Quem és tu? Adivinho a tua moidade, a tua beleza; e sinto que te amo. Sou forte como um leão. Quando anoitecer, arrombarei esta parede e passarei para o teu lado. Esconder-te-ei contra o meu peito, como um passáro; e fugiremos para longe, muito longe..."

A encarcerada ouvia o ruído dos dedos, mas sem o compreender. Ignorava o alfabeto da prisão. Sabia, porém, da existência, para além daquela parede, dum coração que se lhe afeiçoara, uma alma que ansiosamente chamava a sua. De quando em quando, ia encostar a face à parede para ouvir melhor, para tentar decifrar a linguagem misteriosa. A's vezes batia também, como se os seus dedos soubessem falar. E assim os dois ficavam tempos esquecidos, interpretando com os dedos a mesma canção de amor...

Certo dia, deu-se um acontecimento que espalhou o terror pelo edifício inteiro. Um sentenciado percebera que estavam erguendo uma força. Toda a noite, como chuva caindo duma goteira as pancadas do alfabeto se repetiam no silêncio angustioso; de vés em quando, multiplicavam-se alarmadas, frenéticas; depois, espaçavam-se, como fatigadas e desanimando. Transmitem interrogações, conselhos, fórmulas de consolo ou encorajamento... E algumas se diziam adeus... Aquelas pancadas leves soavam como se o anjo da morte andasse roçando as asas pelas paredes. Depois os ruídos foram pouco a pouco cessando; e cada preso se isolou nos seus pensamentos, na história da sua vida, na idéia da sua morte.

Ora, naquela noite, as pancadas desferidas pelo visinho da moça produziam um som estranho. E' que os dedos tremiam de febre. Sem dúvida ele tinha alguma coisa de grande e ur-

gente a dizer. Os ruídos precipitavam-se, imploravam, depois amorteciam, como um frêmito. A encarcerada adivinhou que ele encostava o rosto à parede, lhe mandava um beijo... Os dedos insistiam, variavam a maneira de se exprimir martelavam, arranhavam, acariciavam... Ela, porém, não sabia não imaginava que segredo o rapaz desejaria confiar-lhe...

O vento gemia lá fóra, agitando os postigos, correndo pelas grades. A presa olhava, espavorida, sem saber o que. Nunca a célula lhe parecera tão horrenda. Repetidamente ia bater na parede, chamando o visinho; este, porém, não respondia, como se estivesse amuado. Ela, então, amuava também e ia se estender na enxerga. Invadia-a uma tristeza imensa; vinham-lhe impetos de o chamar outra vez, mas resolvera, por amor próprio, capricho de namorada, esperar que ele chamasse primeiro.

O silêncio da fortaleza tornara-se mais lugubre que nunca. As pancadas tinham cessado por completo. Mal se ouviam, ao longe, os passos duma sentinela. Por fim a presa, cheia de pavor, ergueu-se, correu à parede, desatou a bater, implorando, soluçando, rasgando contra a aspereza da calça a pele da face a arder em febre. E a garganta ressecada, quasi estrangulada pela emoção, murmurava:

— Responde! Que estás fazendo? Que aconteceu? Tenho medo! Responde... Responde...



No seu almoço, lanche ou jantar, proporcione uma festa ao seu paladar com uma saborosa Malzbier da Brahma. Associada às suas refeições, a Malzbier da Brahma aumenta o poder nutritivo dos alimentos, tornando-os mais assimiláveis pelo organismo. A Malzbier da Brahma é rica em malte, refrescante e saudável. Ligeiramente adocicada, a Malzbier da Brahma é sempre apetecida a qualquer hora.



Malzbier DA BRAHMA

Numeros atrasados
desta revista em
São Paulo

Procurar á "Agencia Sici-
liano". Rua D. José de
Barros, 323. Telefone 4-7866

Santos e Efemérides da Semana

S E T E M B R O

12 São Guido. — Nascido em Laeken, perto de Bruxelas, de pais pobres, demonstrou a maior piedade. Desde a mocidade, dividia o pão com os mais pobres do que ele. Empreendeu uma viagem à Terra Santa e não regressou à Bélgica senão sete anos depois, esgotado pelas fadigas. Não tardou a morrer entre os religiosos que o haviam acolhido.

— São Leoncio. — Cristão de Alexandria que, por volta do ano 300, com vários dos seus companheiros, foi jogado ao mar, por ordem de Maximiano Hercules, por haver proclamado publicamente o nome de Jesus-Cristo.

— Bemaventurada Maria Fornari. — Maria-Vitoria Fornari Strata, viúva de Genova, foi favorecida por várias aparições da Virgem. Em memoria desses prodígios, fundou a ordem das Anunciadas Celestes, "para honrar Maria no mistério da Anunciação". Morreu em 1617.

— Batalha naval dos Abrolhos, ganha pela esquadra de Oquendo sobre a holandesa de Adrian Pater (1631). — A esquadra francesa de Duguay-Trouin força a entrada da barra do Rio de Janeiro (1711). — Falece em Lisboa o bispo de Elvas, d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, natural de Campos (E. do Rio), deputado do Rio de Janeiro às Cortes Constituintes portuguesas (1821). — Nasce em São Paulo Alvares de Azevedo, poeta e prosador, patrono da cadeira 2 da Academia Brasileira (1831). — Criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, inaugurado quatro dias depois (1854). — Inaugura-se o engenho central de Quissamã, primeiro fundado no Brasil, por iniciativa do conde de Araruama.

13 São Maurilo. — De uma nobre família milanesa, foi educado por São Martinho e Santo Ambrosio. Mais tarde levou o Evangelho aos pagãos dos arredores de Angers; destruiu um templo, sobre cuja base ergueu um convento e uma igreja. Foi bispo de Angers.

— Santo Amado. — Nasceu no Delfinado. Fez-se monge muito cedo e acompanhou Eustásio, abade de Luxenil, em uma viagem a Roma. Um pouco mais tarde, fundou um convento em Remiremont, do qual foi o primeiro abade. Morreu em 627.

— Bemaventurada Margarida Fontana. — Nascida em 1440 em Modena (Itália), deu os mais notáveis exemplos de todas as virtudes e morreu em 1513.

— Nasce em Porto das Caixas (E. do Rio) Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí, varias vezes ministro do Estado, conselheiro e senador do Império (1802). — Falece no Rio Antonio Gerardo Curado de Menezes, ministro do Supremo Tribunal (1832). — Falece no convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro o notável pregador frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, natural da mesma cidade (1830). — Falece no Rio Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquês de Abrantes, natural da Bala, ministro de Estado, senador (1865). — Falece em Paris Raimundo Corrêa, natural do Maranhão, magistrado, poeta, da Academia Brasileira (1911).

14 Exaltação da Santa Cruz. — Tendo sido a verdadeira Cruz levada de Jerusalem por Cosróes, rei da Persia, o imperador Heráclio fez-lhe guerra para rehavê-la. Tendo-a reconquistado, quiz levá-la nos ombros até ao Calvário, o que fez, após haver vestido o hábito de penitente (642).

— São Materno. — Fundador da diocese de Colonia e de Trêves. Evangelizou todo o vale do Reno e foi cognominado o apóstolo da Alsácia.

— Santa Nothburgas. — Virgem do Tyrol, nascida em Rottembourg em 1265. Como serviçal, converteu seu patrão à religião cristã e praticou uma ardente caridade. Morrendo em 1313, muitos milagres atestaram sua santidade.

— Falece o major Manuel Clementino de Souza Martins, ferido no encontro que teve com as tropas do Piauí sobre os "balaços", e que redundou numa vitória a que sobreviveu poucos minutos (1839). — Falece em Lisboa o poeta Luiz de Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro (1876). — Falece no Rio Antonio Paulino Limpo de Abreu, visconde de Abaeté, varias vezes ministro de Estado, senador (1883).

15 São Valeriano. — Martir da Borgonha, da época de Marco Aurélio. Após haver sofrido em vão diversos suplicios, foi decapitado em 179. Foi edificada uma igreja sobre o seu túmulo e, mais tarde, um convento lhe foi consagrado.

— Santa Melitina. — Virgem da Trácia, martirizada em razão da sua fé cristã em Marcianópolis, no século II.

— Veneravel Ursula de Valença. — Virgem, morta em 1608.

— Nasce os ministros do Supremo Tribunal Candido José de Araujo Viana, visconde e marquês de Sapucaí, ministro de Estado, em Congonhas de Sabará (1793), e Francisco Domingues da Silva em Sobral, no Ceará (1812).

— Falece no Rio de Janeiro o tenente-general Joaquim Xavier Curado, conde de S. João das Duas Barras, figura de varias campanhas (1830).

**NUMEROS ATRAZADOS
DESTA REVISTA NA CA-
PITAL DE S. PAULO**

Procurar á

"AGENCIA SICILIANO"
Rua D. José de Barros, 323
Telefone: 4-7866

dades decorrentes do cisma de Novaciano. São Cornélio teve de multiplicar sua sabedoria. Sofreu, afinal, o martírio em meados do século III.

— Santa Edith. — Nasceu em 961 e morreu, aos vinte e três anos, em 984. Da família real inglesa, fez-se religiosa no convento de Wilson, consagrou-se aos pobres e recusou a corôa que lhe foi oferecida após a morte do pai e a de seu irmão, Santo Eduardo.

— Morre no Rio de Janeiro Mariano José Pereira da Fonseca, marquês de Maricá, natural da mesma cidade, ministro de Estado, senador, autor de "Máximas e Pensamentos" (1848). — Falece no Rio Francisco de Paula Cerqueira Leite, ministro do Supremo Tribunal (1875). — Falece no Rio Luiz Carlos, natural da mesma cidade, engenheiro, poeta, prosador, da Academia Brasileira (1932).

17 São Lamberto. — Bispo de Maëstricht em 668, foi conselheiro de Childerico II, rei da Austrásia. Após a morte deste príncipe, foi apeado por Ebroin de seu bispado e das funções que lhe foram restituídas mais tarde. Foi assassinado em Liège em 708, por Dodon, irmão de Pepino de Herstal.

— Santa Colomba. — Nascida em Córdova, na Espanha, mostrou-se muito piedosa desde os primeiros anos de vida. Recolheu-se cedo a um convento, mas tendo os mouros invadido a Espanha foi decapitada em 853.

— Capitulação dos holandeses em Porto-Calvo (1645).

— São elevadas à categoria de cidades as vilas de Cuyabá (com o nome de Mato-Grosso), Vila-Nova e Vila-Bôa, com o nome de Goiás (1818). — Falece no Rio Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, da Regencia Provisoria de 1831, ministro de Estado, senador (1859). — Nasce na Baía Francisco de Castro, médico notável, professor, poliglota, da Academia Brasileira (1857).

18 São Ferreol. — Tribuno do exército romano convertido à religião cristã pelo exemplo e as exortações de São Juliano. Como o seu exemplo e o seu proselitismo se tornassem perigosos em razão das suas funções no exército imperial, foi condenado à morte e sofreu o martírio em Viena, em 304.

— Santa Ricarda. — Mulher de Carlos, o Gordo, foi por ele repudiada em consequência de vis calúnias e refugiou-se no convento de Andlau, onde morreu.

— Santa Sofia. — Companheira de Santa Irene, martirizada com ela.

— São creados a bandeira e o novo escudo de armas do Brasil independente (1822). — Falece no Rio Antonio Luiz Pereira da Cunha, marquês de Inhambupe, ministro por varias vezes de Pedro I (1837). — Falece em São Paulo José da Costa Carvalho, marquês de Monte Alegre, regente do Império, ministro de Estado, senador (1860). — Rendição dos paraguaios em Uruguaiana (1865).

O Coração NÃO ENVELHECE!



tomando

IODALB

um produto *Raul Leite*

REMÉDIO DA ARTERIOSCLEROSE

R. L. G. I. E. R. N.

LIVROS

NOVOS

O PAPAGAIO CHINÊS, romance de Earl Derr Biggers, tradução de Anita Martins de Souza — Rio de Janeiro, 1942.



Charlie Chan continua. Quando terminará? Não de certo enquanto o seu próprio criador, Earl Derr Biggers, se não fatigar de tanta proeza de bandidos e tanto fiasco da policia oficial.

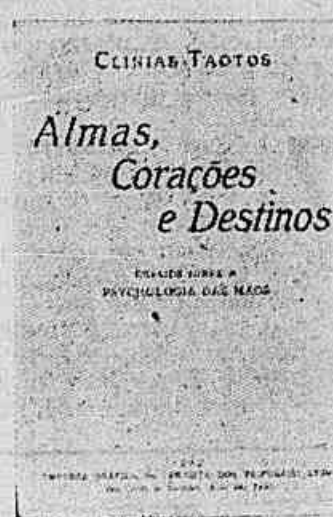
Como Sherlock Holmes, Charlie Chan veio ao mundo... da livraria para dar quinaus nos funcionários do detectivismo. Os episódios se organizam de maneira a que agentes e investigadores burocráticos caiam em toda a sorte de equívocos, pratiquem toda a sorte de disparates, até que ele, com a sua serenidade, a sua reflexão e os seus aforismos, revele definitivamente a verdade. A ação do romance presente parte da compra de famoso colar de pérolas por um milionário de Wall Street. Forma-se uma verdadeira conspiração para a conquista da joia maravilhosa. E por quasi trezentas páginas a trama crimínica se desenvolve, sempre misteriosa e excitando cada vez mais a curiosidade do leitor, até que o infalível Charlie tudo esclarece e resolve.

PENSAMENTOS, de Renato Kehl — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Renato Kehl, autor de tantos volumes consideráveis de educação física, moral e social, considerou desta vez que "a vida contemporânea, veloz e agitada, não deixa a todos o tempo indispensável à leitura de obras completas." E esta fácil concepção o induziu a compor, em termos tanto quanto possível claros na sua brevidade, uma série ou varias séries de conselhos a todos nós.

Começa ministrando-nos uma verdade bem conhecida: "A vida é para os que sabem querer e não para os que apenas querem." Nem todos os seus *Pensamentos*, porém, obedecem a esta nota singela. Outros trazem a sutileza superior dum La Rochefoucauld, a gravidade dum Marquez de Maricá ou a elegancia dum Rivarol... E na última parte, "Aforismos eugênicos", o sr. Kehl nos mostra em síntese a sua legítima autoridade de especialista no assunto.

ALMAS, CORAÇÕES E DESTINOS, ensaios de Clinias Taotos — São Paulo, 1942.



São ensaios "sobre a psicologia das mãos". O sr. Clinias Taotos consagrou, pelos modos, boa parte da sua vida a esse estudo especial, que nos pode parecer bem limitado, bem reduzido, mas no qual, com o tempo, ele foi descobrindo horisontes cada vez mais largos e maravilhosos.

Para isso botou, como se costuma dizer, bibliotecas abaixo. O que as simples ciganas lêem na palma das nossas mãos e não passa de meia dúzia de fórmulas sempre as mesmas para a infinita variedade dos destinos humanos, o autor deste livro o ampliou, aprofundou e pormenorizou para o considerar um conjunto, um sistema de ciências não apenas sublimes mas, o que realmente é mais ainda, exatas. Provido de todo esse cabedal de saber, juntou-lhe o resultado das suas experiências pessoais. Diz-nos agora as revelações pasmosas, os segredos mágicos — mágicos, bem entendido, para nós que ignoramos — surpreendidos pelos seus olhos nas mãos de numerosas pessoas, das mais ilustres e poderosas às mais humildes e obscuras, no Brasil

como por esse mundo fóra.

A leitura é sempre curiosa, cativante. E de vez em quando julgamos ouvir a voz do locutor norte-americano já traduzido para o nosso Radio e que, afirmando-nos as coisas mais extraordinárias ao mesmo tempo nos vai dizendo: "Acredite quem quiser."

MOCORORÓ, versos de Edigar de Alencar — Rio de Janeiro, 1942.

São bem raros os volumes, como este, de versos humorísticos. "Poesia cômica" chama o sr. Edigar de Alencar à sua. Em geral os poetas de hoje não sabem rir nem sorrir. Mostram-se cheios de amargura ou de gravidade. Grandes desgraçados ou filósofos persuadidos de que vêem o mundo de maneira genial — e nova... O autor de *Mocororó* considera ditosamente a vida, saboreando-a como se fôra feita daquele suco de cajú, capitoso nectar do seu Ceará natal. Se lhe reconhece azedume ou qualquer deterioração, dá-o a beber a outrem. Graças a este sistema, realmente simples e ditoso, pode, conforme os momentos, louvar as mulheres e zombar dos homens. E de ambos os modos assinala recursos poucos comuns de espontaneidade, fantasia e espirito. Alguns dos seus epigramas:

Mente tanto, tanto mente,
que quando êle vem chegando
eu penso que está ausente.

A assistência apareceu:
— Que veneno êle ingeriu?
Nenhum. A lingua mordeu.

Tão intrigante êsse caboclo sai
que nasce com feições de puro china
e intriga desde o berço a mãe com o pai.

Como êsse rapaz é belo,
aos mais belos deixa atrás,
mas se fala, que flagelo!
Como é burro êsse rapaz!

Que asseio teria o Piza,
que limpeza, que tetéial
se mudasse de camisa
sempre que muda de idéia.

Trata e cura qualquer louco,
é psiquiatra afamado
se de alienista tem pouco
tem bastante de alienado.



LONDRES, 1 (R). — O embaixador brasileiro nesta capital, Sr. Moniz do Aragão, recebeu centenas de cartas de admiradores do Brasil elogiando a aquele país pela sua declaração de guerra às potências do Eixo.

O tributo mais comovente foi o de um pequeno escolar de Enfield, suburbio londrino, que escreveu a lapis, e em papel pautado da escola, as seguintes frases:

"Caro Sr. embaixador: — Sou um menino inglês de onze anos de idade. Desde que o vosso país — o Brasil — declarou guerra ao Eixo, desejava escrever a um brasileiro para dizer-lhe o que penso do Brasil. Penso que o vosso auxilio moral e material à Grã Bretanha será de valor inestimável, especialmente o porto de Natal. Que os soldados brasileiros marchem lado a lado com as forças britânicas, que os aeroplanos brasileiros voem em formação com os aviões ingleses e que os navios do Brasil partam em comboio juntamente com os vasos de guerra da Grã Bretanha. Saudações ao povo brasileiro em nome do povo britânico. Longa vida ao Brasil! Redobremos nos nossos esforços e peçamos a Deus que nos dê uma vitória segura e rápida. Vosso amigo e admirador — Peter Morgan".

O embaixador vai responder pessoalmente enviando ao menino alguns selos brasileiros.



Não há mais resíduos de tinta com QUINK. Esta tinta da Parker protege tôdas as canetas

Imagine uma tinta que dissolve todos os sedimentos e que, de fato, limpa a sua caneta, à medida que escreve... que evita a evaporação e assegura a imediata fixação do traço... que seca 31 % mais depressa. Quink da Parker — uma nova espécie de tinta — consegue todos estes milagres.

Quink foi criada quando os peritos em consêrtos da Parker verificaram que 2/3 de todos os desarranjos de canetas eram causados por tintas pegajosas. Para proteger a famosa caneta Vacumatic contra as tintas inferiores, Parker gastou três anos de pesquisas científicas a fim de inventar Quink — a tinta perfeita, tanto para canetas como para penas de aço. Dois tipos: Permanente e Lavável. Várias cores brilhantes.

Para conseguir que sua caneta velha escreva como nova e para proteger uma caneta nova contra tintas pegajosas — compre hoje Quink — de preço módico. E para a suprema satisfação no escrever experimente a nova caneta Parker Vacumatic com Quink.

Contrato de Garantia por Vida

O «Diamante Azul» no segurador representa nosso Contrato por Vida com o possuidor, garantindo o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda ou dano intencional), cobrando apenas seis mil réis para embalagem, porte e seguro, desde que a caneta venha completa para consêrto.

TELEVISÃO
Total
do Depósito
de Tinta

Mostra
sempre
o nível

**Parker
Quink**

7323

A venda em tôdas as boas casas do ramo

Canetas Diamante Azul, 265\$ para cima; outras canetas Parker, desde 60\$. — Únicos distribuidores para todo o Brasil e Posto Central de Consêrtos: COSTA, PORTÊLA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9-1.ª — Rio — Caixa Postal 508

QUANDO AS LUZES SE ACENDEM, romance de W. Cavalcanti Nogueira — Rio de Janeiro, 1942.

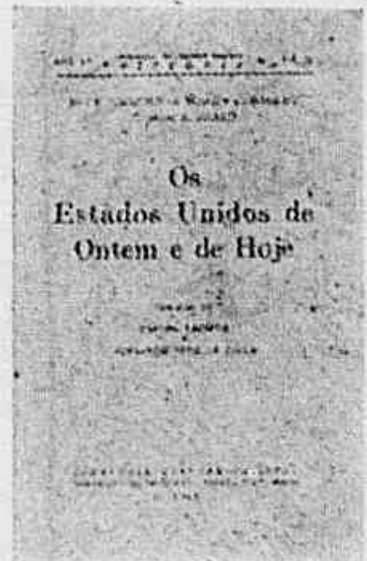
O sr. Cavalcanti Nogueira escreveu um romance independente de qualquer cuidado técnico ou regra literária. Não deu importância ao seguimento, à coerência dos episódios. Não tratou de definir os personagens acentuadamente, de maneira a torná-los bem diversos, cada um com a sua figura, o seu carácter, o seu sentimento. Não



quizesse condenar ou defender coisa alguma. A sua história não tem fabulação. E todavia este livro nos desperta a simpatia e nos faz ir sem nenhum enfado, nenhuma espécie de canseira, até ao fim.

E' o herói, Gilberto, que nos conta a sua vida, como se costuma dizer, desde criança. Talvez na sua narração haja alguma coisa, ou muito, de autobiografia. Aparece-nos aos dez anos, com dois amigos, Amado e Mauro, de pouco mais idade. Por algumas dezenas de páginas os acompanhamos nas aventuras infantis, no período do collegio interno. Gilberto diz-nos dos seus projectos, dos seus ideais. Como sempre, porém, a realidade lhes vem mais tarde desfazer os cálculos e os sonhos. O narrador não lhes poupa os desenganos e nem por terem sido seus companheiros de infância deixa de os julgar como merecem. Mauro sai-se, no capítulo amores, um patife sem sombra de escrúpulo nem de piedade para com as suas vítimas. Ele próprio, Gilberto, comete, por fraqueza ou egoísmo, faltas graves. E, depois que se reabilita na dignidade e no afeto de chefe de família, ainda volta a errar. A esposa é apanhada por um automovel e morre. Teve sorte, pois amorosa e confiante como era muito sofreria com as infidelidades de que, mais dia ou menos, havia de ter conhecimento. E o romance acaba, como a ingénua senhora, de repente.

Os ESTADOS UNIDOS DE ONTEM E DE HOJE, da autoria de Roy F. Nichols, William C. Bragley e Charles A. Beard, tradução de Carlos Lacerda e Fernando Tude de Souza — Rio de Janeiro, 1942.



assume o carácter revelador e explicativo. A começar pelas aventuras dos primeiros colonizadores a narrativa corre a par dum exame reconstitutivo da natureza dos fatos, do pensamento e carácter dos personagens. E pelos três séculos e três quarteirões que decorrem da fundação da colônia de Santo Agostinho, na Flórida, até ao Presidente Roosevelt e ao "New Deal", a mesma orientação se mantém, metódica e magistral. E' realmente uma lição que se desenvolve por estas quatrocentas e trinta páginas do formato geral da "Biblioteca do Espírito Moderno" — lição longa, profusa, mas sempre clara, sempre proveitosa e que toda a gente deve ter desejo de aprender.

J. L.

AINDA O NOSSO NUMERO DE 15 DE AGOSTO

Do interventor Pedro Ludovico recebeu o tenente-coronel Lima Figueiredo o seguinte telegrama:

Apraz-me agradecer vivamente ilustre patricio grande serviço prestou a Goiaz, por isso que em artigo publicado Revista Semana de 15 sua pena brilhante dirigida por um

agudo espirito de observação ventillou magistralmente varios assuntos interesse este Estado focalizando goiânia como motivo crescente volume rendas publicas e influencia que, pelas possibilidades de que dispõe, terá esta capital nos futuros destinos do Brasil.

Cordiais saudações.

PEDRO LUDOVICO
Interventor Federal.

AGUA DE COLONIA REGINA



T. TARQUINO

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

A VENDA EM TODO O BRASIL

ODONTOLOGIA

ANES TROTA (Minas Gerais) — A historia da odontologia é muito rica em fatos e episodios que, certamente, virão a ser um dia reunidos em livro.

Sales Cunha, quando ainda apenas cirurgião-dentista, publicou interessante livro, demonstrando qualidades de historiador.

Mas hoje, o Professor Sales Cunha parece ter vistas apenas voltadas para alunos, esquecendo-se das promessas feitas aos seus colegas e admiradores, de voltar ao assunto.

E' pena que assim seja, pois esse professor de odontologia tem todas as qualidades e atributos para oferecer uma interessante obra sobre a parte historica da odontologia no Brasil.

ERMANO COIMBRA (S. Paulo) — O Conselho Nacional de Odontologia, em projeto, seria submetido á apreciação do 3.º Congresso Brasileiro de Odontologia, cuja reunião está para ser adiada devido a actual situação brasileira.

FARIA JUNIOR (Rio Grande do Sul) — A Federação Odontológica Brasileira, já realizou

dois grandes congressos, o primeiro em S. Paulo e o segundo no Rio de Janeiro.

O 5.º deverá reunir-se em Belo Horizonte, provavelmente logo depois de melhorar a situação da guerra, a envolver no momento até o Brasil.

ZILDA COSTA (Sta. Catarina) — Antes de deitar-se, de preferencia.

ALEXANDRINO AGRA

PENSAMENTOS

A verdadeira coragem não consiste em chamar a morte, mas lutar contra o infortunio.

Séneca.

♦♦♦

A ginástica é a cultura regular do corpo; ela é para este o que o estudo é para o espirito.

B. St. Hilaire.

RECORTE ESTE AVISO

ANTIGO PREPARADO INGLES PARA ATURDIMENTO E ZUMBIDOS DOS OUVIDOS

Se V. S. conhece alguma pessoa que sofra de congestão catarral ou aturdimiento, recorte este aviso e leve-lh'o.

O catarro, o aturdimiento e a dificuldade de ouvir são provocados por uma enfermidade constitucional. Por essa razão, dedicou-se muito tempo ao estudo de um tonico suave e eficaz para combater os males causados pela afecção catarral. E esse remédio, cuja fórmula está plenamente vitoriosa e tem proporcionado alívio a muitos sofredores, é conhecido sob o nome de PARMINT e está á venda em todas as farmácias e drogarias.

Logo nas primeiras doses, Parmint alivia a cabeça, a congestão e o aturdimiento catarral, enquanto o ouvido se restabelece prontamente. A perda de olfato e a descida do catarro para a garganta são outros sintomas da afecção catarral que se combate com Parmint.

Sendo muitos os males do ouvido provocados directamente pelo catarro, pode-se evitá-los com Parmint.

PRODUTOS PROIBIDOS DE EXPORTAÇÃO NO URUGUAI

O governo do Uruguai proibiu, por decreto de 14 de Abril, a exportação de lubrificantes derivados de petróleo. Também por decreto de 6 de Maio ultimo, foi naquela Republica proibida a exportação de borracha elaborada ou não, e de todo e qualquer artigo de borracha, usado ou não.

PRINCIPE DE GALES



COSTA PENNA & Cia - BAHIA

O MELHOR CHARUTO

Dóres e mais
dóres... Para
aliviar-las
use-se

OLEO ELECTRICO

remedio insubsti-
tuivel contra ne-
vralgias, dóres
musculares, caim-
bras, torceduras
e dóres reumá-
ticas.

LSK



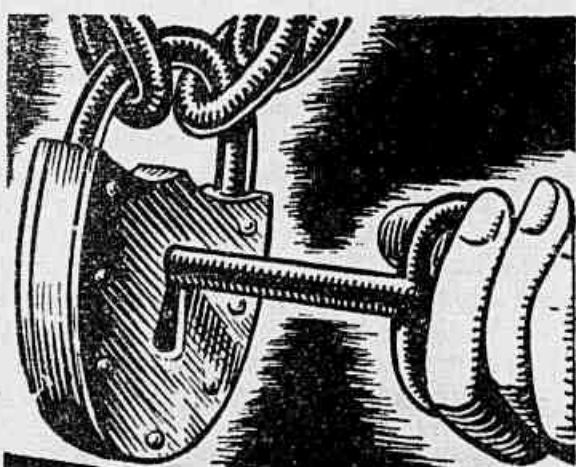
Terrível insônia

Querer dormir e não poder!
Só quem já experimentou esse
tormento pode avaliar quanto
ele nos afflige e abate, moral
e fisicamente.

É uma felicidade ter à mão
um tubo de ADALINA de Bayer.
Um ou dois comprimidos, atu-
ando suavemente sobre o sis-
tema nervoso, põem termo à
insônia. E consegue-se dormir
tranquilamente e ter um desper-
tar calmo e natural. ADALINA
não prejudica órgão algum.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARGUINO

INDEPENDENCIA ou MORTE!



RAUL
Setembro-1942

Uma Denúncia Singular

Conto de *M. Eichemberger*

— O lugar não podia ser mais propício. O que tenho a dizer-te é assunto importante. Um segredo...

Os dois homens se acomodaram a quem de umas elevadas moitas de cana, numas rochas brutas que se eternizavam cravadas à sombra da paineira anosa e gigantesca.

O mais jovem, um rapaz alto e louro, em traje de caça, com uma carabina e outros petrechos precisos, teria quando muito vinte e cinco anos; chamava-se Laércio Moraes e pertencia à classe de pessoas que escondem sob uma aparência inofensiva uma alma daninha. O outro, em cujo rosto malandro, acabocinado e seco, sobressaíam dois olhinhos maliciosos, espremidos e inquietos, era de pouca estatura. Caminhava pela madureza, entre trinta e trinta e poucos anos. Seu nome era Olegário, mas alcunhavam-no o "Perigoso", em virtude das suas façanhas frequentes...

Foi este quem reiniciou a conversa:

— Queres dizer então que tens um negócio grave a tratar comigo...

Laércio Moraes passou o olhar em volta como a cientificar-se se estavam efetivamente a sós.

— Talvez te vás infernar com o que ouvires de mim...

— Deveras?

— Planejei um crime... Um assassinio, compreendes agora?

— Oh! E' mais grave do que eu supunha... e a quem devo matar?

— Tu não adivinhas...

— Sou bom "capoeira" mas péssimo adivinhador. Quem é?

— Ora, quem devia de ser? Meu padrinho

— Deveras?!

— Eu disse que te ias embasbacar

— Não é para menos.
— Aborreço-me dele. Sempre a me pregar sermões, a me encher de conselhos tolos... Toda a vez que aqui venho, como agora, em época de férias, é aquela lábia que não tem fim. Ora, isto me aborrece. Não gosto de conselhos.

O "Perigoso" inquiriu meio irônico, meio intencional:

— E' esse o único motivo?

Laércio Moraes movimentou-se impaciente.

— Vamos falar com seriedade. Bem sabes que há outro motivo. Não és tolo. Pelo contrário: és muito mais arguto do que eu...

O "Perigoso" fez girar uns atrás dos outros os dedos da mão direita, num gesto canalha.

— E' isto?

— Mais ou menos.

— Explica-te melhor.

Laércio Moraes agitou a carabina que se desviava. Estirou as pernas. Tornou a retrai-las. Começou:

— Há muito o dinheiro de meu padrinho me vem tentado. Com o rendimento desta fazenda que não é das piores, passarei uma vida de lord quando o idiota daquele português deixar de pôr olhos sobre ela...

Terei dinheiro à farta para as minhas noitadas alegres na cidade. E mandarei às favas os estudos... Estudar para que? Estudo é para os trouxas. Si a gente morre mesmo... Para que estudar?

— O Manuel, teu padrinho, queria ver-te formado, hein?

— Aquêle imbecil sempre teve idéias de progresso apesar de não ir além do que é... Um roceiro analfabeto...

— Analfabeto? Que exagero!

— Modos de falar, meu caro. Mas é certo que não passa de um estúpido. Por isto todos o fazem de tolo. E ele sempre a suportar tolices com resignação... Não vês o que se dá com a Juliana?

— Não é de hoje que ele a sustenta sem medir despesas.

— E ela a enganá-lo sempre com uns e outros

— E' o demo aquela mulata!

— Tu mesmo o exploras de toda a maneira

O "Perigoso" sorriu, um sorriso malandro

— Quem manda ele ser burro?

— Agora vive a fazer projetos de futuro: Promete-me o que jamais ambicionei: Um escritório luxuoso na cidade. Fama e conceito é o que vive a desejar para mim... Isto irrita-me!

— És pouco reconhecido...

— Quando não me agradam os arranjos dele, tenho que ser. Ele pensa que por ter velado por mim desde pequenino poderá obrigar-me a lhe fazer as vontades... Quando mozinho, ao terminar o curso no ginásio, achou que eu devia seguir adiante, procurar uma carreira com estudos superiores. Protestei. Não queria estudar. Ele, porém, mandava... Obrigou-me. Eu precisava dele e tive que obedecer. Dentre as profissões por ele citadas preferi a de advogado que me pareceu menos trabalhosa. Hoje avanço pelo terceiro ano e já estou farto dos livros e dos estudos. Não dou para advogado, nem para coisa nenhuma... Prefiro as aventuras duvidosas. Também... Acho que é herança de sangue...

— E'?

— Meu pai foi ladrão de cavalos. Isso caiu na herança de me contar um dia aquela besta do meu padrinho...

O "Perigoso" tirou um cigarro.

— Tu o odeias de fato, hein?

— Porque quer me mandar... E, sobretudo, porque tem dinheiro, dinheiro que poderá ser meu com facilidade.

O "Perigoso" soltou uma fumaça.

— Acalma-te. Nós o exterminaremos. Quanto vou ganhar pelo trabalho?

Laércio Moraes não refletiu muito para responder

— Dez contos, não bastam?

O "Perigoso" cuspiu entre os joelhos.

— E' pouco. Para um serviço destes é pouco

— Vinte?

— Aceito.

Depois de alguns minutos de silêncio, achegando-se mais do companheiro, Laércio Moraes continuou a sua confidência criminosa expondo o melhor meio de executá-la:

— Já sabias que meu padrinho vai à cidade segunda-feira?

— Hoje é segunda-feira.

— Na primeira depois desta

— E então?

— A sorte nos protege. Essa viagem nos vai valer de muito.

— Será?

— Meu padrinho vive a dizer a todo o mundo que qualquer dia "voará" de surpresa desta para a "terra".

Farei crer aos outros que ele cumpriu o que propalava

— Ótimo!

— E ninguém se importará mais com isso. E como ninguém ignora que ele faz tudo por mim, ninguém se admirará ainda que eu me apodere disto tudo quando o tal se fôr para a "sua terra"... A fazenda "São Manoel" será minha. E si algum dia houver complicações, saberei valer-me de papéis falsos para justificar a coisa. Mas penso que isto não acontecerá nunca... Ele não tem parentes, nem mesmo afastados.

— Só a Juliana.

— Não é sua mulher legítima. Não tem direito a reclamações.

O "Perigoso" mandava ao ar espirais seguidas de fumo nauseativo.

— Devo abordá-lo de emboscada?

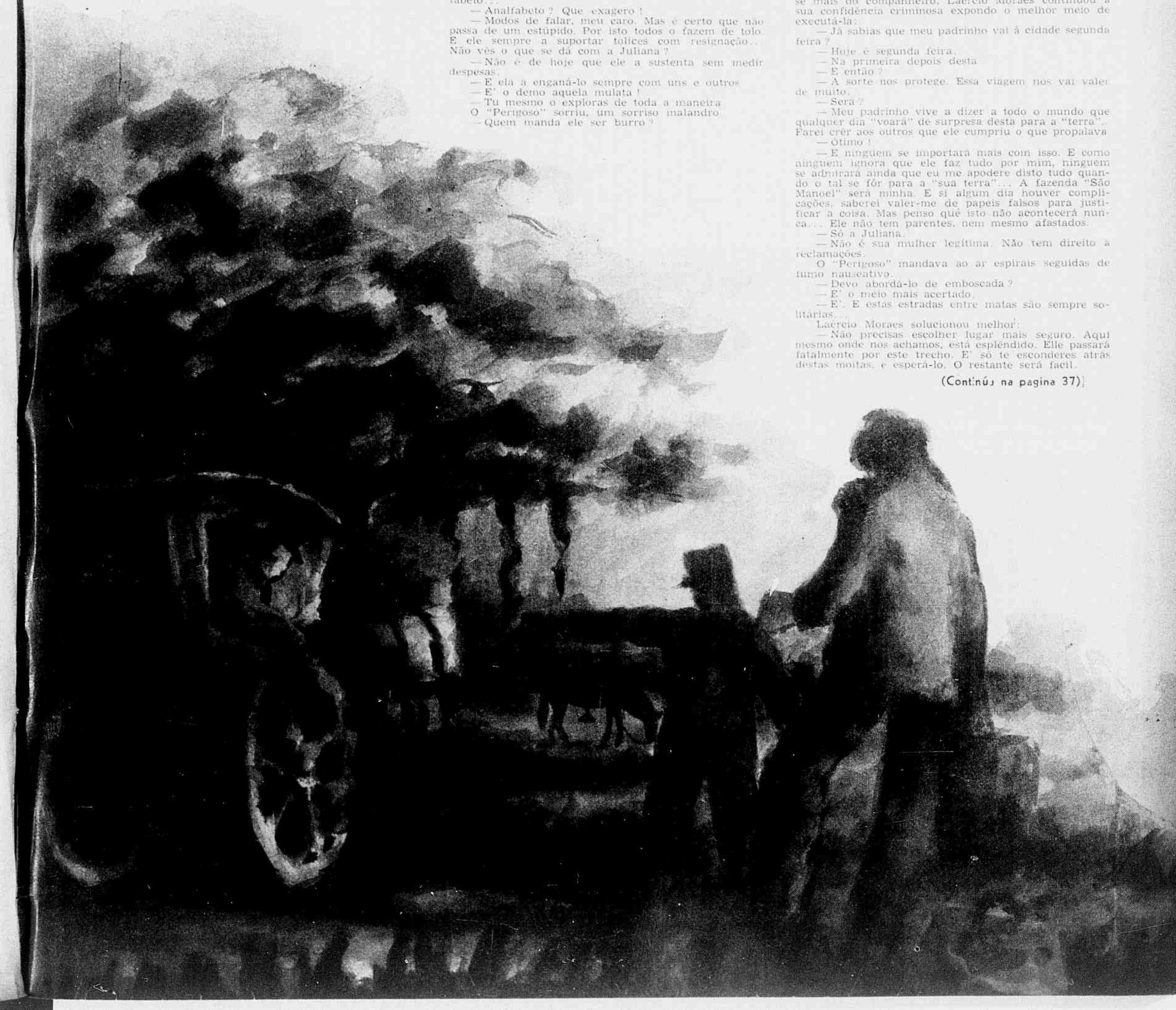
— E' o meio mais acertado.

— E' E estas estradas entre matas são sempre solitárias...

Laércio Moraes solucionou melhor:

— Não precisas escolher lugar mais seguro. Aqui mesmo onde nos achamos, está esplêndido. Ele passará fatalmente por este trecho. E' só te esconderes atrás destas moitas, e esperá-lo. O restante será fácil.

(Continúa na pagina 37)





Um lugar para
cada coisa



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

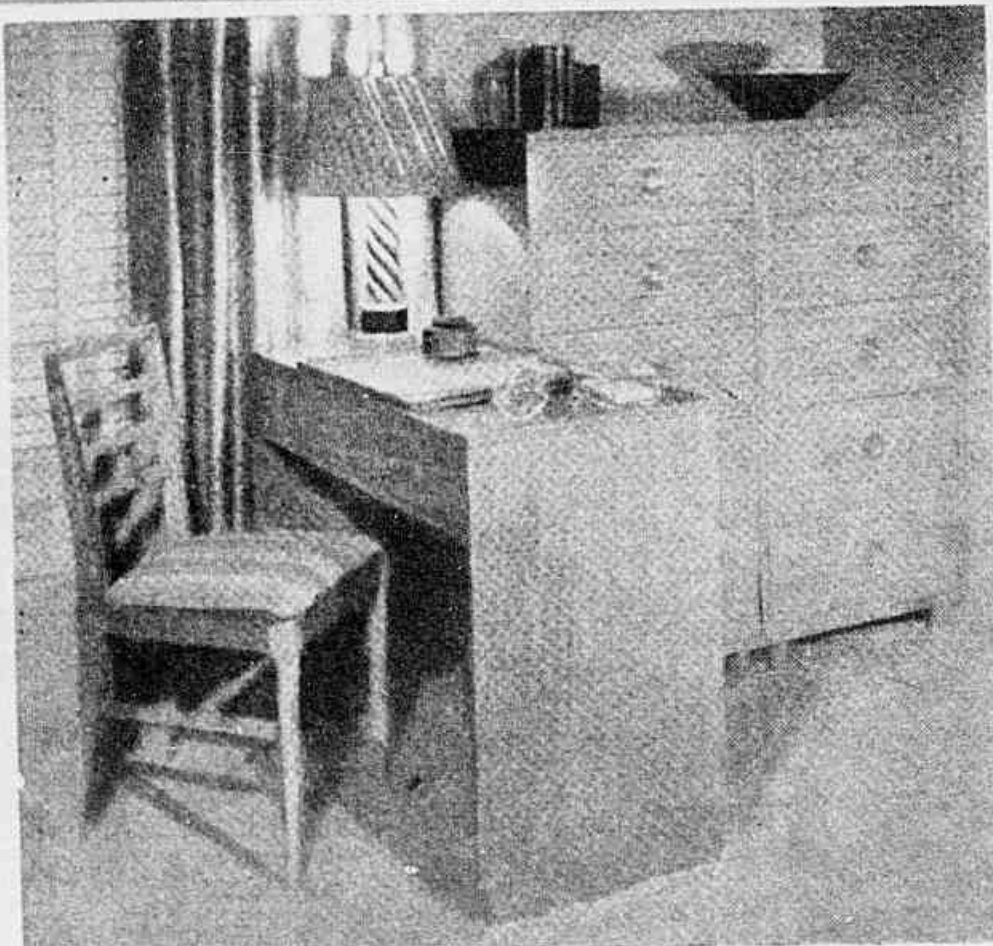
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



"Um lugar para cada coisa. Cada coisa no seu lugar". E' assim que os professores e os pais resumem a primeira lição de ordem. Na decoração do seu lar, a preocupação de ordem e à procura de beleza, o preceito deve servir ainda como um dogma de conforto. Repare, nas gravuras desta página, o cuidado com que foi escolhido o lugar para cada móvel. Veja como fica bem a mesa baixa e longa junto ao sofá! No quarto da garôta, a estatueta na mesa de cabeceira, a poltrona junto à cómoda-escrivãzinha, um brinquedo sobre a cama compõem o ambiente de estudo e de repouso da menina-moça. Veja como a lampada junto à poltrona, sobre a mesinha do rádio minúsculo, convida à leitura e ao devanço. Uma estante de vidro para os objetos de arte quebra a solenidade severa do sofá vitoriano. E como é belo o grande quarto com a penteadeira escondida entre as pregas amplas da cortina; a pequena cómoda de ébano iluminada por um quadro de cores vivas. E flores muito claras, originalmente brotando das paredes, em floreatas de cristal! "Um lugar para cada coisa". Escolhe-lo deve ser o seu grande segredo.



Escragnolle Doria MAIORIDADE E MAIORISTAS

O artigo 721 da Constituição do Imperio indicava a D. Pedro II menor a sua maioridade aos dezoito anos. Nasceu em 1825 tel-os-ia em 1845, por ele desde

o Sete de Abril em exercicio uma regencia sucessivamente trina, duas véses, e outras duas una. Em 1840, em nome do imperador menor, dirigia o Brasil o senador Araujo Lima, oitavo regente fadado a ultimo.

A principio, quando trina, a Regencia emanara duas véses do poder legislativo, depois ainda duas véses a legitimaram pleitos eleitorais em urnas do paiz inteiro. Trina ou una, a Regencia suportou crises não raro intensas, devidas as piores a lutas civis e sublevações militares. No meio de ambições politicas, de oposições parlamentares aticadas por imprensa partidaria, surgiu a idéa da antecipação da maioridade de D. Pedro II, que na sua adolescencia no sentir de muitos era parecido a salvador.

No Rio de Janeiro ju'sos e oposições dispersas congregaram-se formando o Clube da Maioridade, respeitada na época a ortografia inglesa da palavra clube. Na intimidade os maioristas não se mostravam iracundos, comparados estes por Manoel Bernardes a armas de fogo, com as quais é perigoso brincar.

O Clube Maiorista funcionava na residência do senador Alencar, rua do Conde 55, via publica hoje trasendo o nome do visconde do Rio Branco. Nas reuniões maioristas noturnas e secretas discutia-se, comiam-se bolos, tomava-se chocolate, no testemunho de José de Alencar, menino ainda e filho do dono da casa. Alencar politico, ministro, escreveria que "no fundo de todas as evoluções, sob varios aspectos, lá está o chocolate".

Das chcaras maioristas a idéa da Maioridade passou a fervura parlamentar, do mexer das colheres ao mover das iniciativas. Adjuvados por agitação popular, os maioristas combateram na Camara dos Deputados. O chocolate de todas as evoluções figurou em projetos, emendas apresentadas e rejeitadas, discussões entre apartes e voser'o, até de galeras, desaforos e desaforos. Destratavam-se maioristas e anti-maioristas como o fariam se fossem adversarios irreconciliaveis e não amigos para depois. Cousas do teatro-universo.

Tudo no mundo obedece ao ponto final, a causa maiorista havia de ter o seu, na sessão de 22 de Julho de 1840 na Camara dos Deputados onde foram lidos dous decretos regenciaes, um nomeando Bernardo de Vasconcellos ministro do Imperio, outro ad'ando a Assembléa Geral para 20 de Novembro. Ad'ando-a usava a Regencia de atribuição constitucional, mas nos momentos de confusão geral e apaixonada, sem nenhuma astronomia, a lei é de eclipse total ou parcial. A razão foi dada ao homem só para os periodos de calma, nos opostos ele delira crendo estar pensando.

A sessão de 22 de Julho de 1840 poz a Camara em meio manicomio pelos excessos de muitos deputados. Quando cada um quer gritar mais do que o outro o côro da desordem é inevitavel. Vozes parlamentares uniam-se ás de espectadores. Que podia contra umas e outras, para restabelecer ordem e silencio, o som da campainha do presidente da Camara, Marcelino de Brito? Agitava-se ele por simples dever de officio.

No tumulto foi alto uma frase, destacou-se um homem. Partio a frase do deputado Carneiro Leão declarando o seu colega Navarro "não em estado de deliberar". O homem foi o deputado Pontes Visgueiro agarrando-se a Navarro para imped-lo de ir a vias de fato. A frase voltaria á Camara, em 1871, nos debates da lei do Ventre Livre, ao dizer o visconde do Rio Branco o deputado Pinto Moreira não em estado de deliberar. Pontes Visgueiro, o deputado de 1840, tinha a sina de envolver-se, desde estudante de Direito em S. Paulo, em situações violentas, a ultima das quais, privando-o de toga, o levaria ao carcere onde a morte com misericórdia sem perda de tempo o livrou de pena e desgraça.

Na sessão de 22 de Julho de 1840 estrondosos apoiados davam força ás mais singulares opiniões. Assim a opinião de Martim Francisco exclamando que embora a Regencia ad'ando a Assembléa Geral usasse de atribuição constitucional no caso era ilegal. Legal, repetiam numerosas vozes.

Afinal, de impeto, Antonio Carlos encerrou a discussão, e tambem a sessão, voseando: "Quem é patriota siga comigo para o Senado, abandonemos esta Camara prost'uida." O momento desculpa um pouco ante a fria Historia o calor da frase, a impropriedade do adjetivo.

Lá se foram precipites para o Senado Antonio Carlos, muitos deputados e multidão, vort'cosa, infalivel logo aos primeiros ind'cios de alteração da ordem publica. Quantos t'nham sah'ido da Camara, e mais quantos a curiosidade se não o entusiasmo haviam recrutado pelo trajeto da Misericórdia ao Areal, chegaram ao paço do Senado para que inc'minenti se reunissem deputados e senadores. Entre aqueles decorativamente desceitava especial atenção o bispo do Rio de Janeiro, D. Manoel do Monte, revestido de vistosas vestes prelaticas.

Os maioristas, reunidos em sessão permanente no Senado, deliberaram mandar emissario ao palácio de S. Cristovão para dar ao imperador conhecimento da situação e partic'ar-lhe a ida de uma deputação parlamentar. O emissario foi o medico Soares de Meirelles, que desempenhou incumbência junto ao imperador. Segundo o conego Fernandes Pinheiro, o adolescente imperial não mostrara durante sua longa minoridade desejo algum de governar, entregue aos seus estudos e aos seus folguedos de menino, estranho ás lutas politicas, ind'ferente á longa discussão em que se repetia a todo momento seu nome, deglad'ando-se por ele dois partidos.

Quantos tratam historia patria sabem o resto, isto é conhecem os sucessos que culminaram com a decretação da maioridade imperial a 23 de Julho de 1840. En-

zembro, a sua data natalicia, que o regente, em 1837, assinalára creando o Colégio de Pedro Segundo. "Quero já", foi a resposta atribuida ao imperador.

Para acusados o direito de defesa é sagrado, concedido aos piores delinquentes. Como o imperador tornado homem considerou a frase que á fina força se quis e quer incrustar como verdadeira na historia patria? E' o que convem examinar.

Não é i'cito ignorar a proteção e o desvelo consagrados por D. Pedro II ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Nessa instituição, por duas véses, o imperador declarou não haver proferido o *Quero já* que se lhe attribuia. Conforme Moreira de Azevedo, em nota a escrito seu sobre a Maioridade, em sessão do Instituto Historico, a de 3 de Julho de 1863, o imperador "declarou que consultado em 1849 para aceitar a corôa não disse — eu quero já"

Em 1880, presidia o Instituto Historico o visconde do Bom Retiro, realizando-se as sessões ordinarias da instituição no paço da cidade e em geral ás sete da noite á luz de candelabros. Em sessões magnas aniversarias do Instituto oradores officiais dele, assim Macedo, assim Taunay, uniram a noite a descer sombras á noite da morte, já descida sobre os socios da associação cuja memoria aqueles dous oradores evocavam em discursos necrológicos.

Na sessão ordinaria do Instituto Historico, de 2 de Julho de 1880, sob a presidencia do visconde de Bom Retiro, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe leu a consocios parte de trabalho seu intitulado *Nôcia sobre a maioridade de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II*, a leitura de tal estudo encerrando sessão finda ás nove da noite. Foi a leitura cuidada, entre outros membros do Instituto, por Moreira de Azevedo, Candido Mendes, Nicolau Moreira, Batista Caetano, Alfredo Taunay e João Brígido dos Santos.

Araripe usava ortografia fonica, conservada a pedido do autor pelo Instituto ao publicar este a bem documentada memoria do consocio estudando a Maioridade. Araripe suprimia as letras dobradas das palavras, o *h* no verbo haver, escrevia Ferreira de Melo e Olanda Cavalcanti, os maioristas decididos, grafava "solene, capela imperial, xegou o dia". Outros acompanharam Araripe modificando ortografia corrente. Não xei, si ôia, haghora, escrevia Caetano Filgueiras, Teixeira Mendes biografiando Benjamin Constant aludindo "á moral cristã".

Araripe, o preconizador da ortografia fonica, terminou a leitura do seu estudo sobre a Maioridade em nova sessão ordinaria do Instituto Historico, a Academia de Letras do Segundo Reinado, a 16 de Julho de 1880, presidida ainda por Bom Retiro. A leitura feita por Araripe, em presença do imperador como a 2 de Julho, deram atenção varios consocios, entre os quais alguns não presentes á primeira leitura tais como Souza Fontes, Capanema, Luiz Francisco da Veiga e Rosendo Muniz Barreto.

Um dos periodos da memoria Araripe dizia que "no momento do planejar da Maioridade pessoa familiar do Imperador revelára-lhe a existencia do plano. A pessoa assim com'ssionada não se demorara em anunciar que o Imperador não hes'tara em manifestar querer a maioridade, desejando-a logo realisada, estimando muito que a idéa partisse dos Andradas e seus amigos."

Ao ser publicada na Revista do Instituto Historico a memoria lida nas sessões de 2 e 16 de Julho de 1880, Araripe lealmente após nota ao seu trabalho, a nota seguinte digna de transcrição integral.

"Quando lia este periodo da presente memoria no Instituto Historico e Geografico, S. M. observou não ser exacta a circumstancia aqui referida; e finda a leitura d'ce-me que se não recordava de ter sido jamais provocado por pessoa alguma para enun-

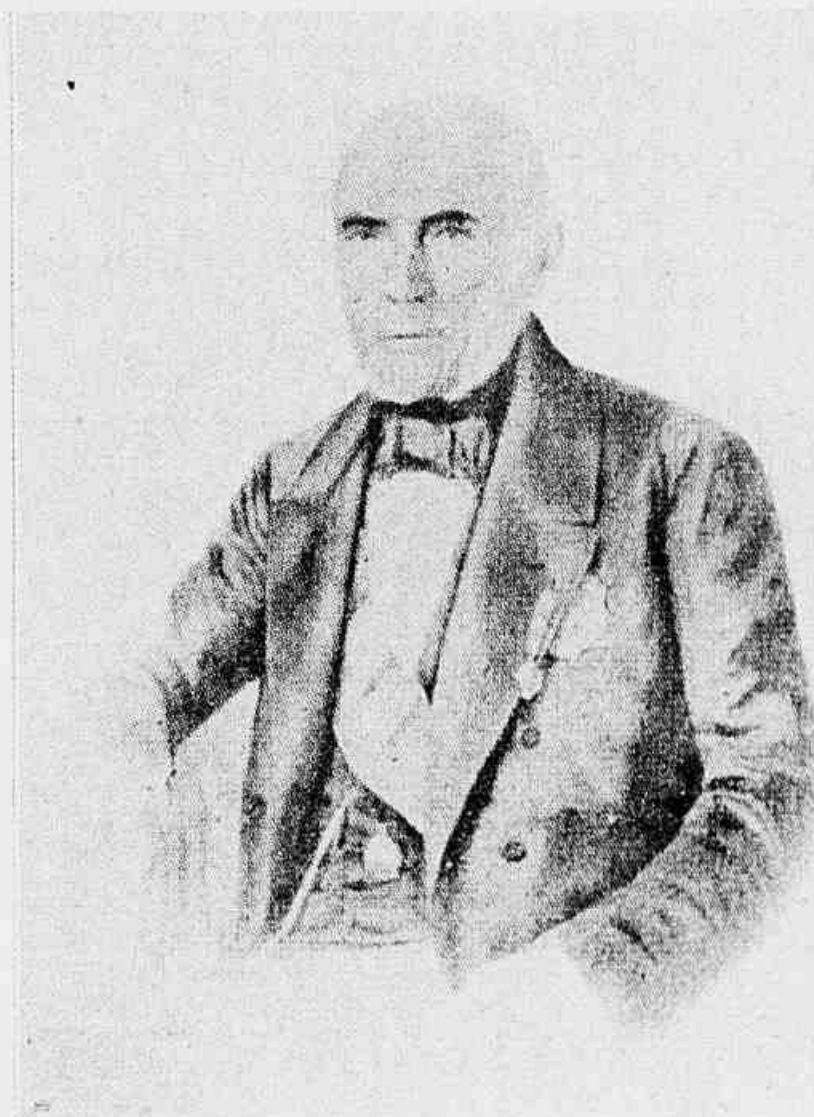
ciar-se acerca da projectada declaração da maioridade. Reflexionei que a minha asserção fundava-se nas actas do club maiorista, seguindo eu na exposição dos successos os documentos contemporaneos.

S. M. replicou, que, sem contestar o accordo da exposição com os documentos, a verdade era que nenhuma recordação tinha de que alguém fizesse declarações sobre a maioridade, manifestando desejos de vêr esta providencia realisada, pois, sendo então de annos juvenis preocupava-se com seus estudos e não cuidava da politica militante do paiz, lembrando-se sim de ouvir conversar no paço sobre o assunto da maioridade, a respeito da qual apenas pronunciou-se quando no d'a 22 de Julho a comissão do Senado e o Regente forão ao paço na quinta da Boa Vista.

Acrescentou S. M. que nessa occasião, depois de ouvir a comissão e o Regente, consultando particularmente com o seu tutor, o Marquez de Itanhaen, e accitando os conselhos de ambos, declarára que accetava o governo, e porque ao dizer o Regente que ia convocar a Assembléa Geral para Novembro, a mesma comissão insistisse sobre a necessidade de pronta convocação, S. M. d'ce então ao Regente que fizesse a convocação para o d'a seguinte.

Ouvidas estas palavras, observei que tendo eu por fim com a presente memoria aclarar os factos e estabelecer a verdade, convinha ser conhecida a contrad'cta, e pedi permissão para a consignar em meo trabalho, ao que S. M. graciosamente acquiesceu."

O curso do tempo escurece muita cousa. Assim mais ainda do que em 1880 convem hoje pôr em claro de n'e nor'a o depoimento de quem foi tantas véses acusado sem poder defender-se. Tem isto succ'do a muito personagem historico para mal da legítima Historia, aquela que nos homens e nos successos examina o branco e o preto, isto é o que honra ou deshonra uma geração e os seus representantes no passar incessante dos acontecimentos.



O senador e regente Pedro de Araújo Lima (1793-1870) contra quem dirigido o movimento maiorista.



Aspecto da recepção dada pela administração aos médicos do Rio.

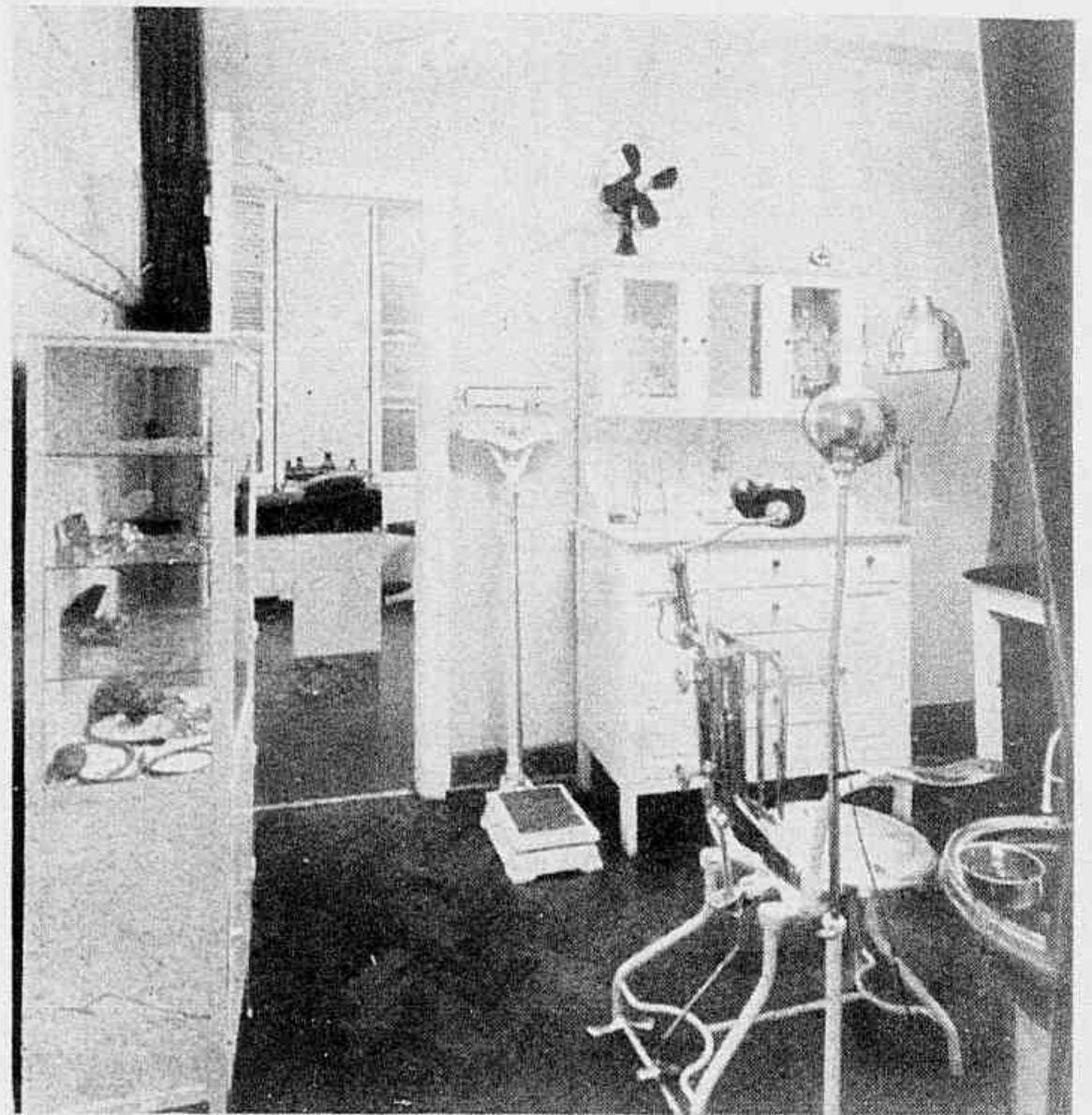
O serviço médico da STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Um dos mais perfeitos
do país, no seu genero

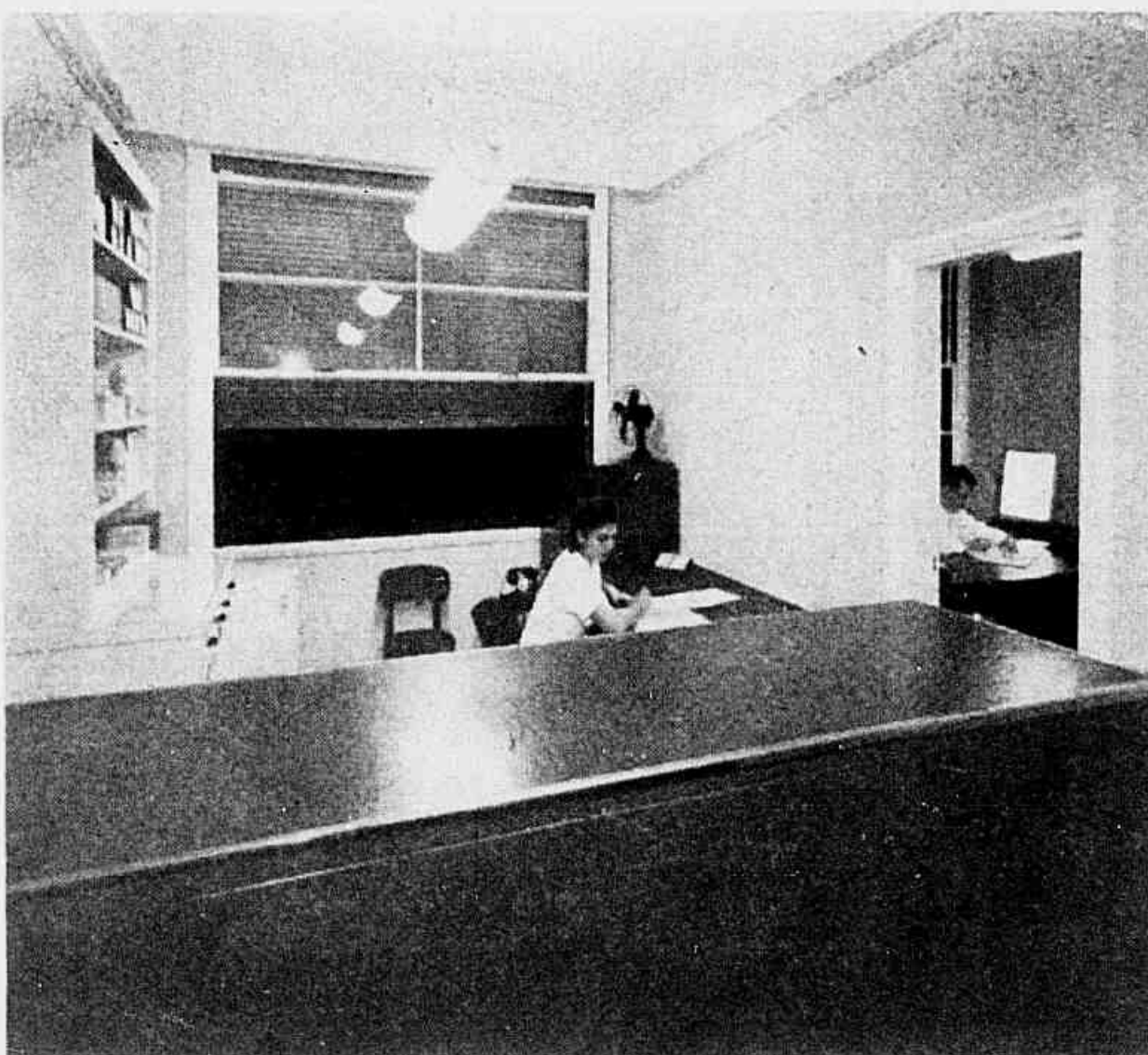
Há dias, os facultativos cariocas tiveram oportunidade de conhecer nesta capital uma das mais bem montadas instalações médicas já feitas por uma empresa particular para seus auxiliares dentro dos moldes da moderna especialização médica, que é a medicina industrial. E realmente encontraram eles uma aparelhagem completa, a mais moderna no gênero, capaz de facilitar um eficiente serviço visando sobretudo, por meio de contínuos exames periódicos, uma constante assistência médica de caráter preventivo.

Essas instalações são as que a Standard Oil Company of Brazil montou em seu edifício, à Avenida Presidente Wilson 118, nesta capital. Ali os seus funcionários disporão de constante assistência médica dentro dos planos da medicina industrial, ministrada pelo Dr. Fernando Diaz, sob cuja direção ficará esse serviço.

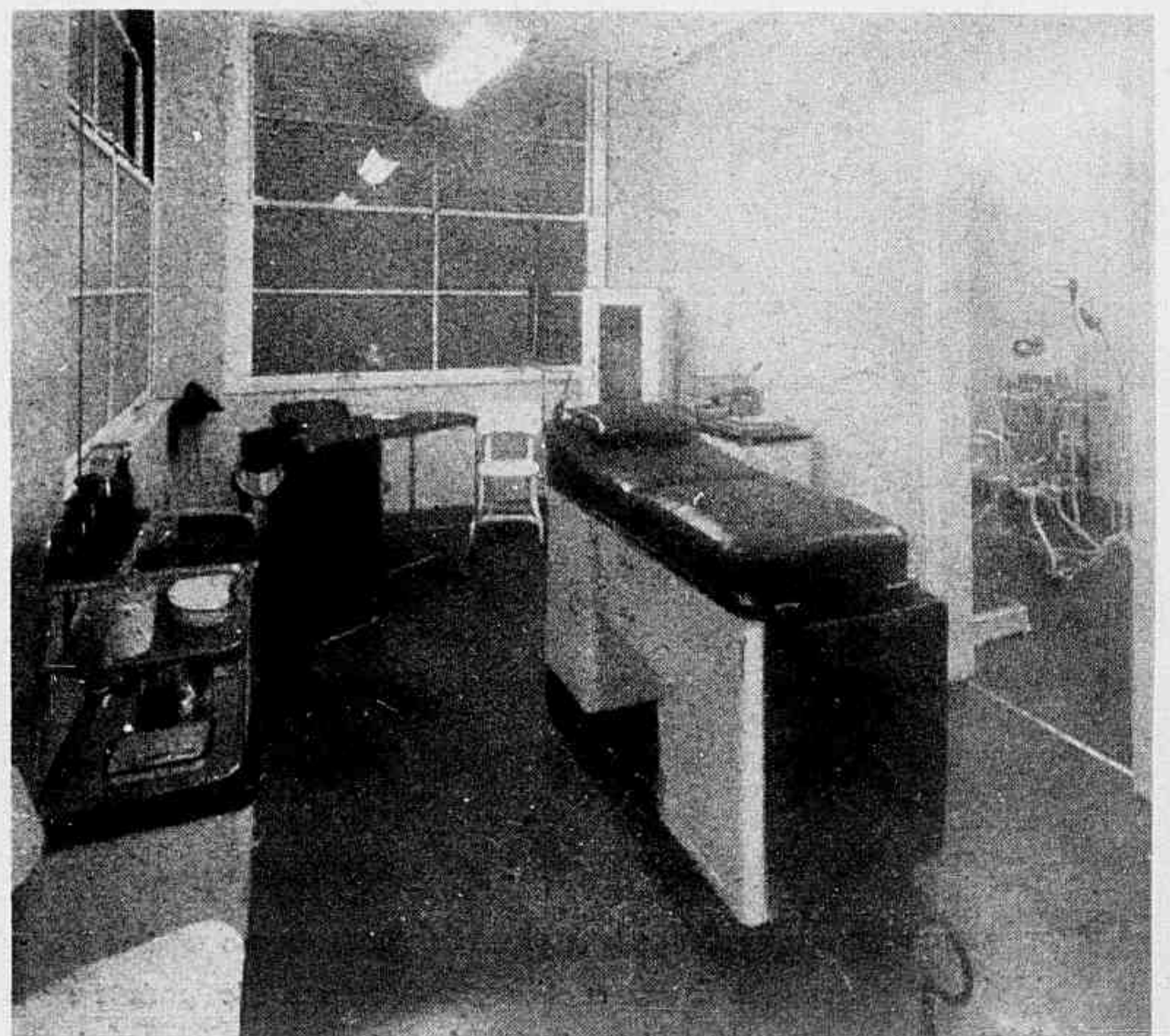
Os visitantes saíram muito bem impressionados com o que viram, constatando a perfeição do serviço médico que a Standard Oil Company of Brazil acaba de instalar, compreendendo perfeitamente as finalidades do novo Departamento, que prestará valiosa assistência aos seus numerosos auxiliares.



Gabinete de fisioterapia, curativos e exames complementares.

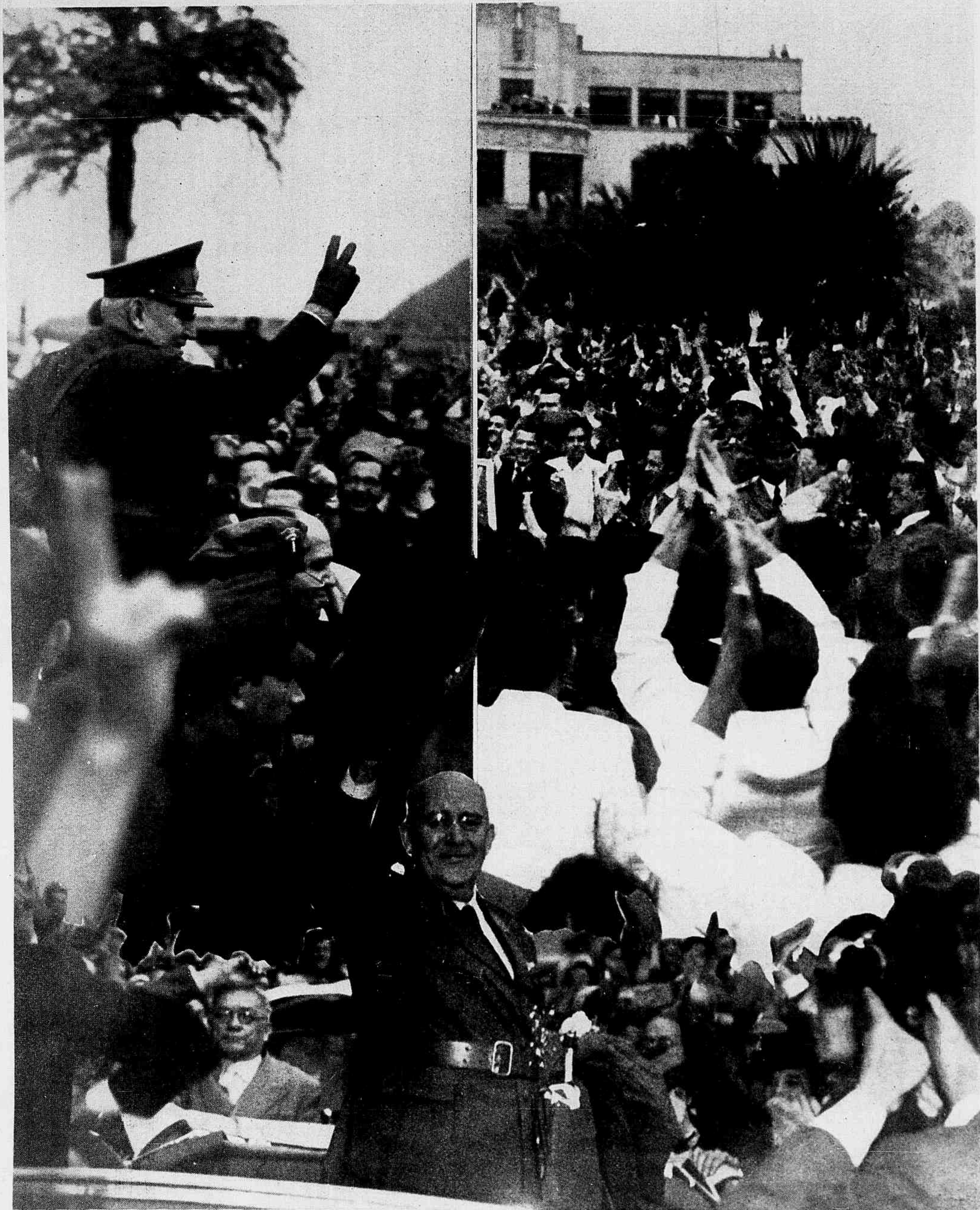


Seção de arquivo, vendo-se ao fundo a sala do facultativo encarregado do serviço médico.

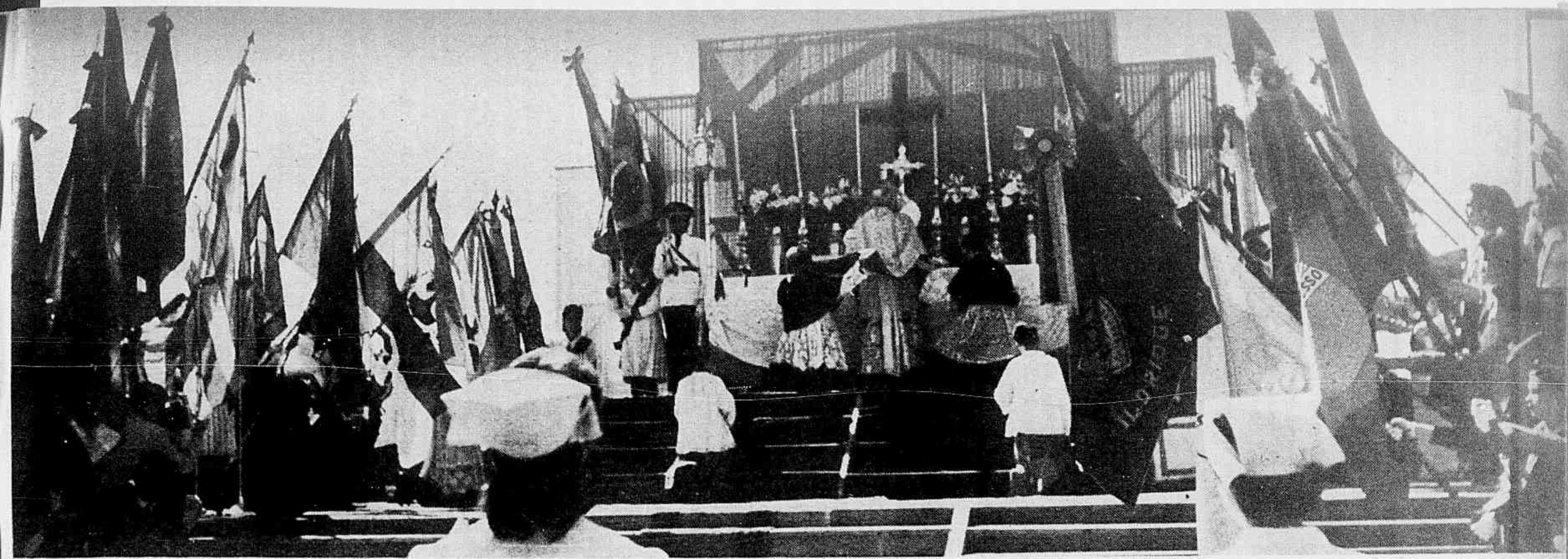


Uma das salas de exame físico e tratamento, notando-se a moderna aparelhagem e sua magnífica apresentação.

A chegada do General Justo



Para assistir às comemorações da nossa Independência, chegou ao Rio domingo, 6 de Setembro, o ilustre militar argentino general Agustín Justo. Aguardando s. ex. encontravam-se no aeroporto o prefeito Henrique Dodsworth, o ministro Macedo Soares e todos os generais da guarnição desta capital. Aclamou-o, durante o trajeto, considerável massa popular. E essa manifestação espontânea não poderia ser mais justa. Oferecendo seus valiosos serviços ao Brasil, o estadista da nação platina nos deu a solidariedade na hora do sacrifício, lembrando mais uma vez que «tudo nos une». O general Justo foi pelo Governo Brasileiro convidado para assistir aos festejos comemorativos de nossa Independência e esteve presente ao desfile militar e à «Hora da Independência», realizados no dia 7 de Setembro.



A MISSA CAMPAL

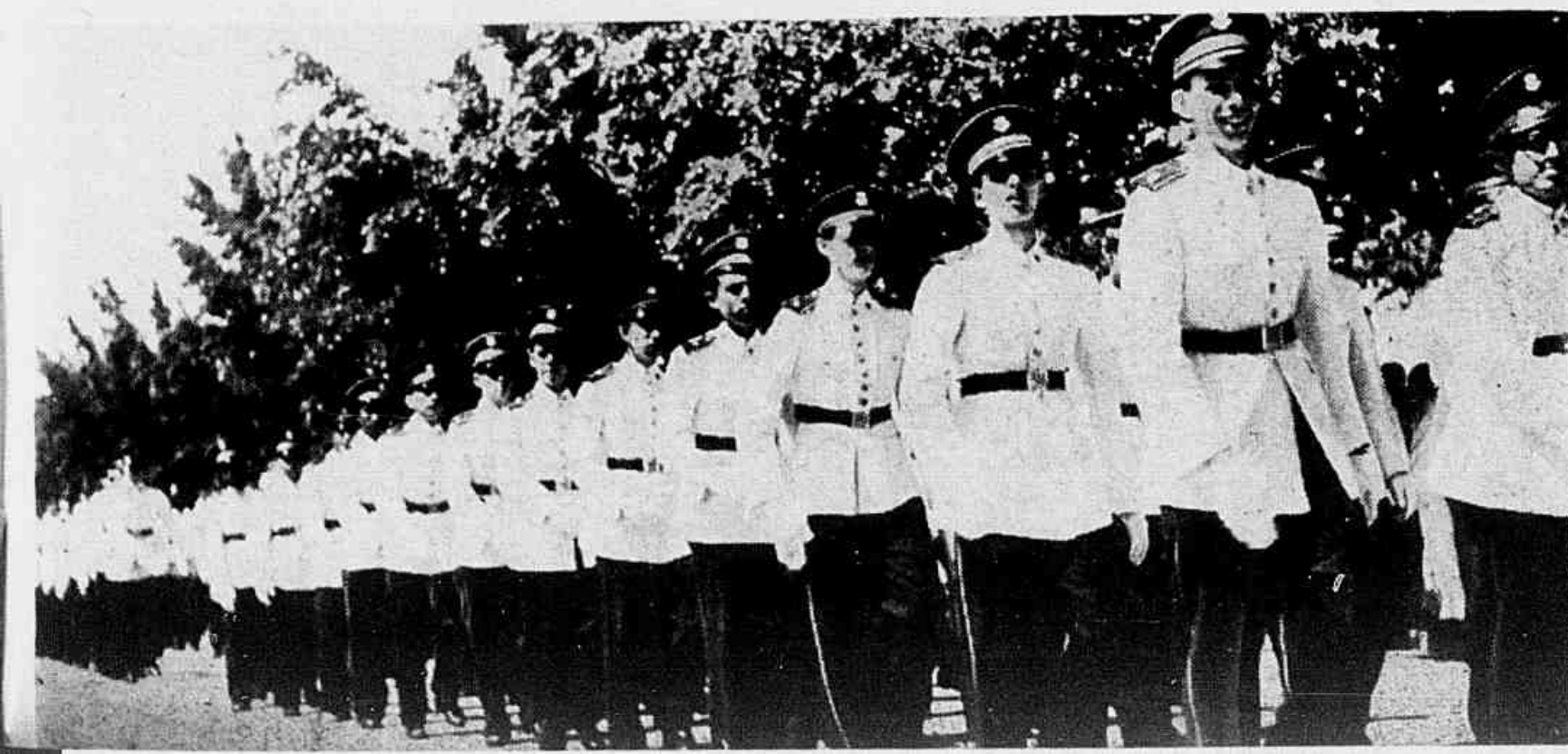


Colegio Paiva e Souza.



Escola de Comercio do Rio de Janeiro.

Em baixo e ao lado: Moderna Associação Brasileira de Ensino.



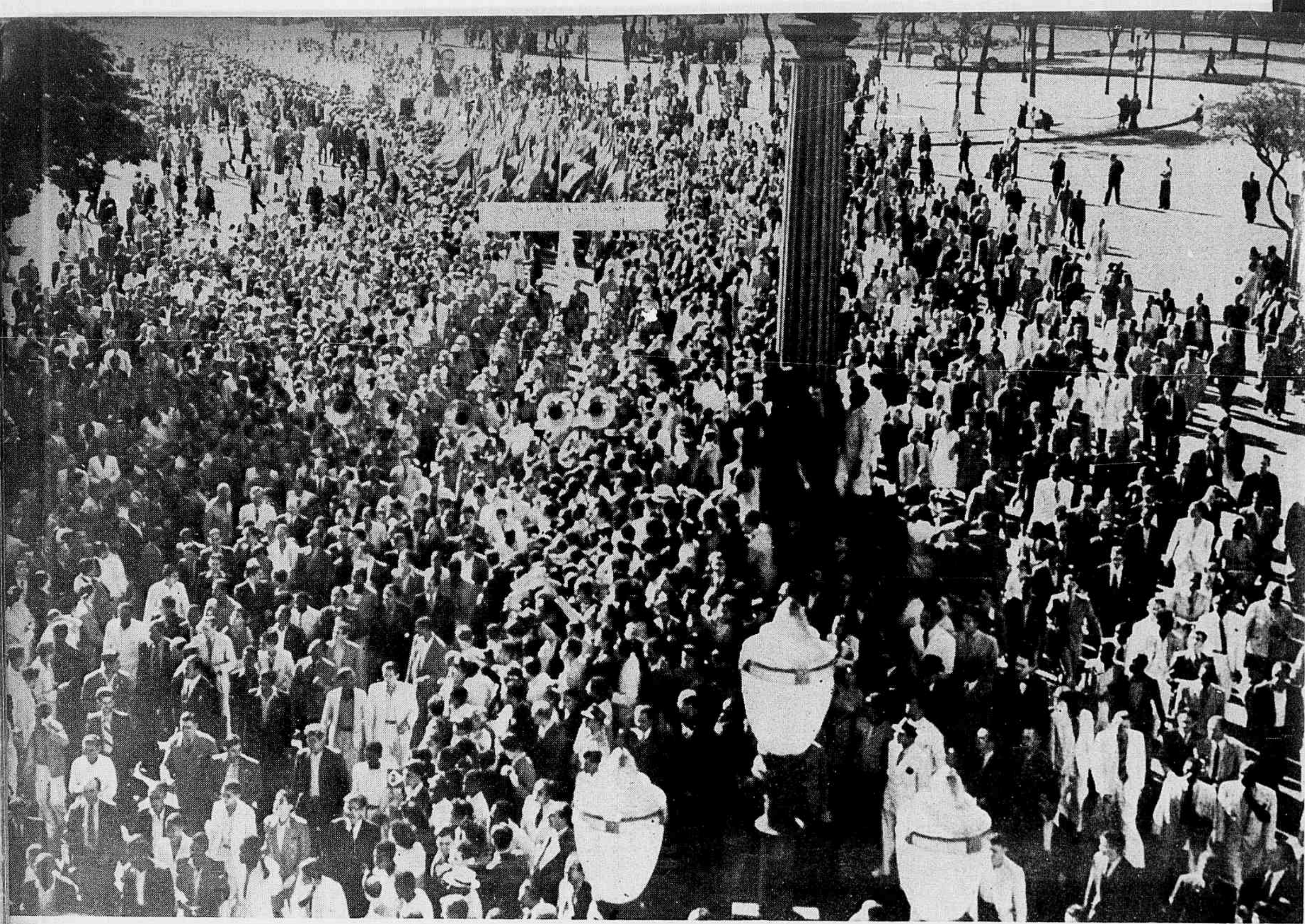
No dia 1.º de Setembro, como festejo inicial da Semana da Pátria, realizou-se no aeroporto Santos Dumont uma solenidade cívico-religiosa, promovida pelas crianças, em homenagem ao presidente da República. Era a primeira vez que o chefe do governo, que fôra acidentado a 1.º de Maio ultimo, saía á rua para uma cerimonia cívica. S. excia. chegou ao pavilhão em meio de uma salva de palmas dos seus jovens admiradores, e foi com real comoção que, após a cerimonia religiosa, lhes dirigiu a palavra esclarecedora e sempre cheia de confiança.

Damos nesta página algumas das representações escolares que compareceram á missa campal da manhã de 1.º de Setembro.



A' direita: Liceu Franco Brasileiro.





"Vitória pelo Trabalho"





Na tarde do dia 2 de Setembro realizou-se com inextinguível brilhantismo a parada dos operários. Mais de cem mil trabalhadores desfilarão em frente ao Palácio do Catete testemunhando sua solidariedade ao homem que dirige nestes momentos graves os destinos de nossa Pátria. À frente do desfile seguia um painel com esta legenda: **Os trabalhadores estão de pé pelo Brasil.** Logo atrás marchavam 120 atiradores da Escola de Instrução Militar do Sindicato dos Empregados no Comércio, conduzindo 120 bandeiras nacionais simbolizadoras dos 120 anos de nossa independência. Seguiam-se representações da indústria têxtil levando cartazes com legendas como estas: **Quêrimos um Brasil forte e soberano com Getúlio Vargas à frente — Glória à solidariedade das Américas.** Os artistas e intelectuais que formavam um terceiro grupo conduziam um cartaz com este dístico: **Gloria aos mártires da Pátria.** Seguiam-se as representações das empresas de comunicações, transportes terrestres, estivas, marítimos e portuários. Estes últimos traziam, entre outros, um cartaz com a legenda: **Vitória pelo trabalho.** Por fim desfilou o povo, que espontaneamente se incorporou ao cortejo.

A parada trabalhista do dia 2



O DESFILÉ DOS SERVIDORES DO ESTADO

A magnífica demonstração de solidariedade ao Chefe do Governo promovida pelos servidores do Estado, teve lugar na tarde do dia 3, constituindo uma das mais belas festas cívicas da Semana da Pátria. Do Palácio do Catete o sr. Getúlio Vargas presenciou o desfile em companhia de todo o Ministério. À frente do cortejo desfilou o prefeito do Distrito Federal seguido do funcionalismo municipal. Em seguida passaram os funcionários da Presidência da República — D.I.P. e D.A.S.P.. Logo após seguiram-se os Ministérios da Justiça, Educação, Exterior, Agricultura, Trabalho, Fazenda, Guerra, Marinha, Viação e Aeronáutica. Completaram o cortejo os funcionários das empresas para-estatais. Diante da sacada presidencial cada grupo parava por alguns instantes e levantava vivas e aclamações ao Chefe do Governo. Após o desfile, o Presidente dirigiu a sua palavra de confiança e fé na nossa causa à grande massa concentrada na rua do Catete.



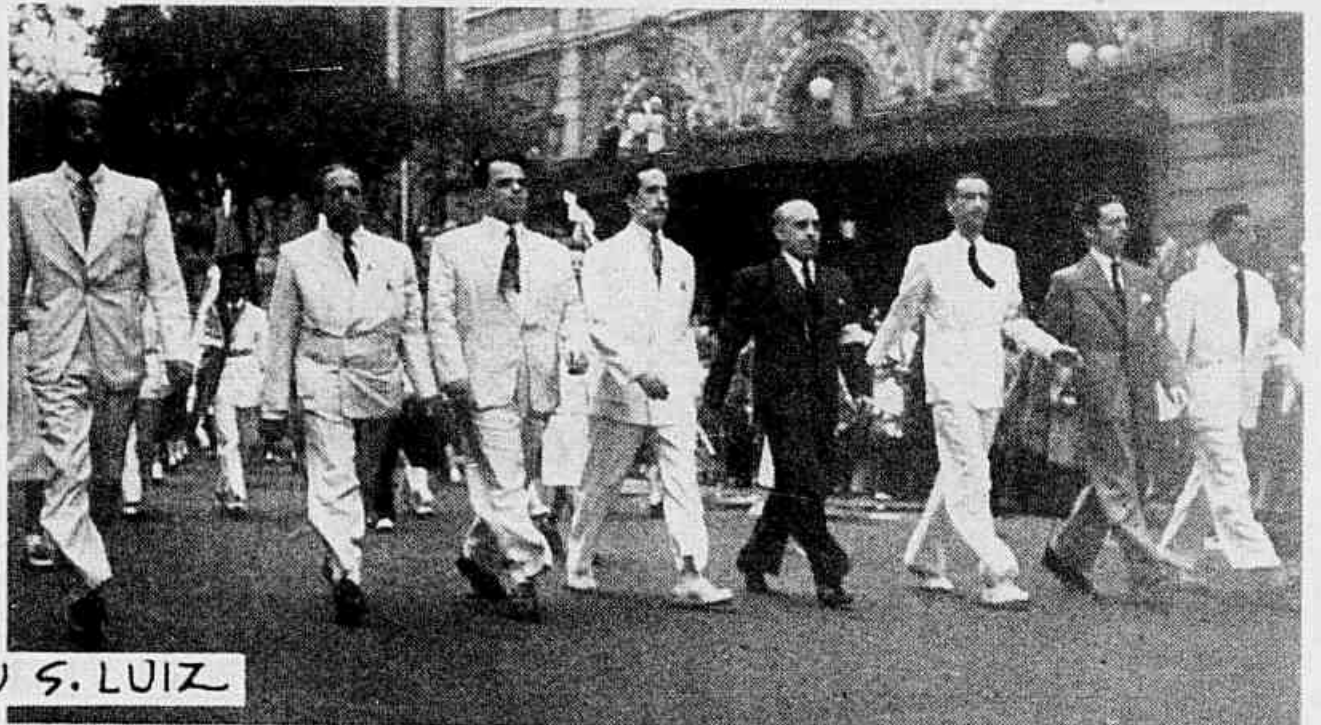
O DESFILE DA JUVENTUDE



ESCOLA BRASILEIRA DE S. CRISTOVAM



ATENEU S. LUIZ



COLEGIO RENASCENÇA



COLÉGIO IBITURUNA



INSTITUTO DE ENSINO SECUNDARIO





ESCOLA NAC. DE MUSICA



INSTITUTO LAFAYETTE



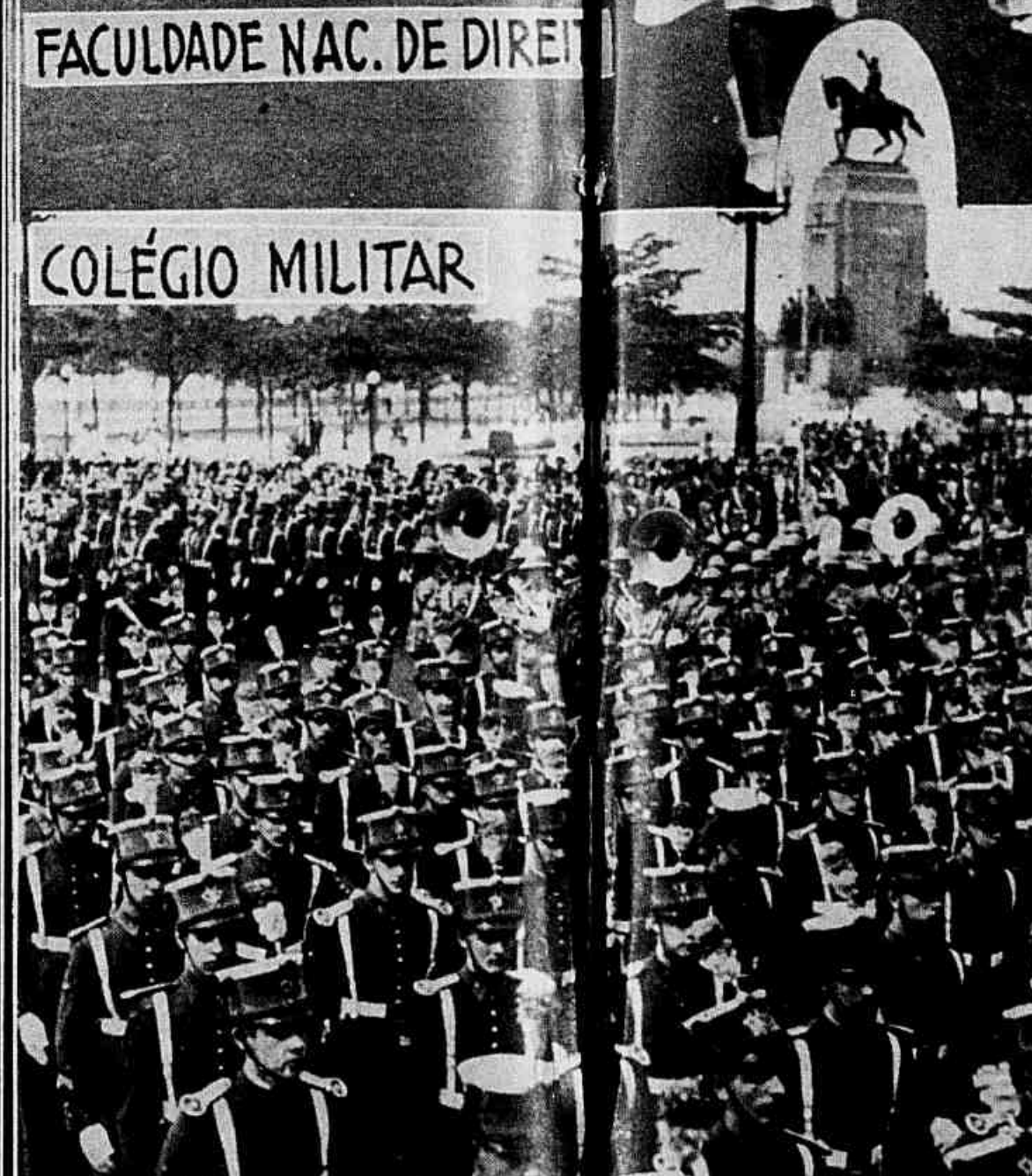
ESCOTEIROS DE TERRA



COLEGIO PAIVA E SOUZA



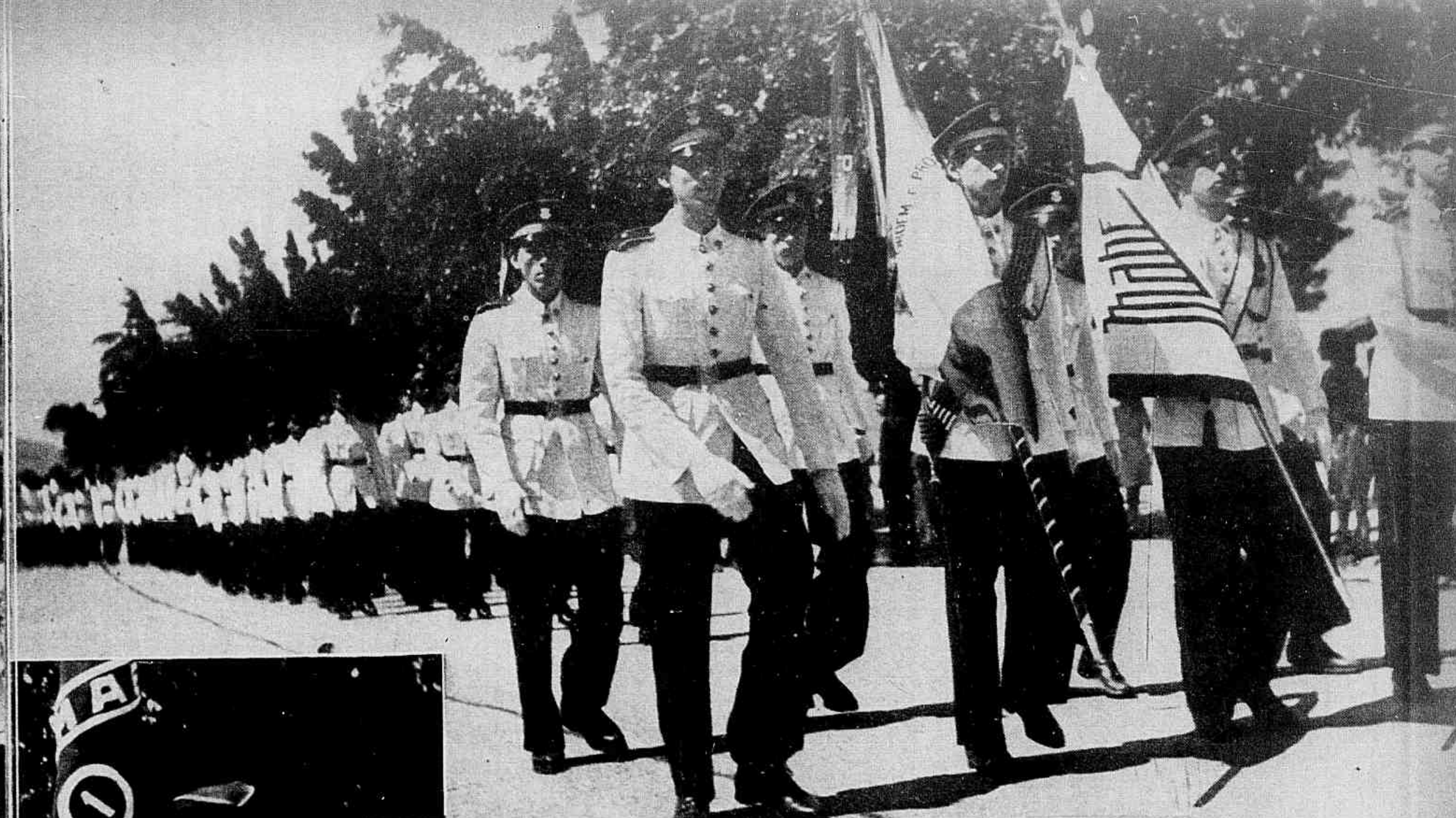
FACULDADE NAC. DE DIREITO



COLÉGIO MILITAR



LICEU FRANCO BRASILEIRO



MODERNA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO

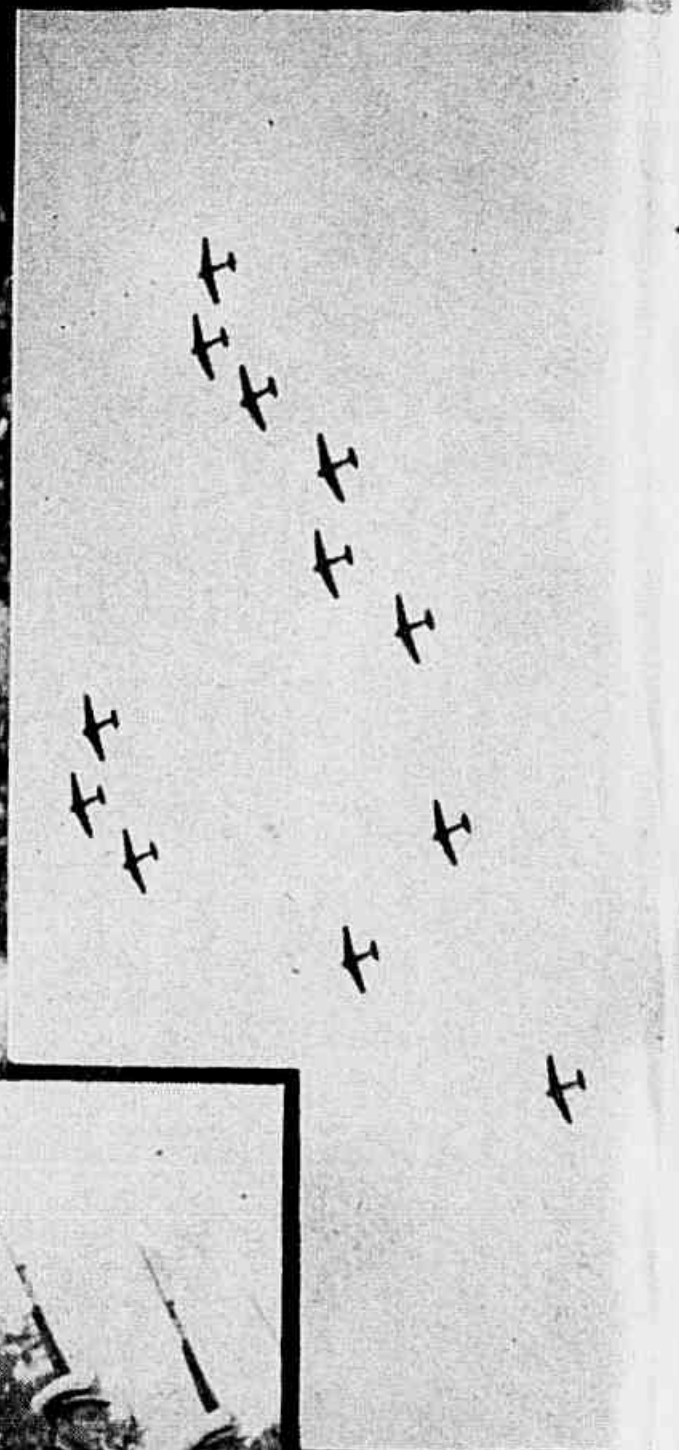


ESCOLA DE COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO

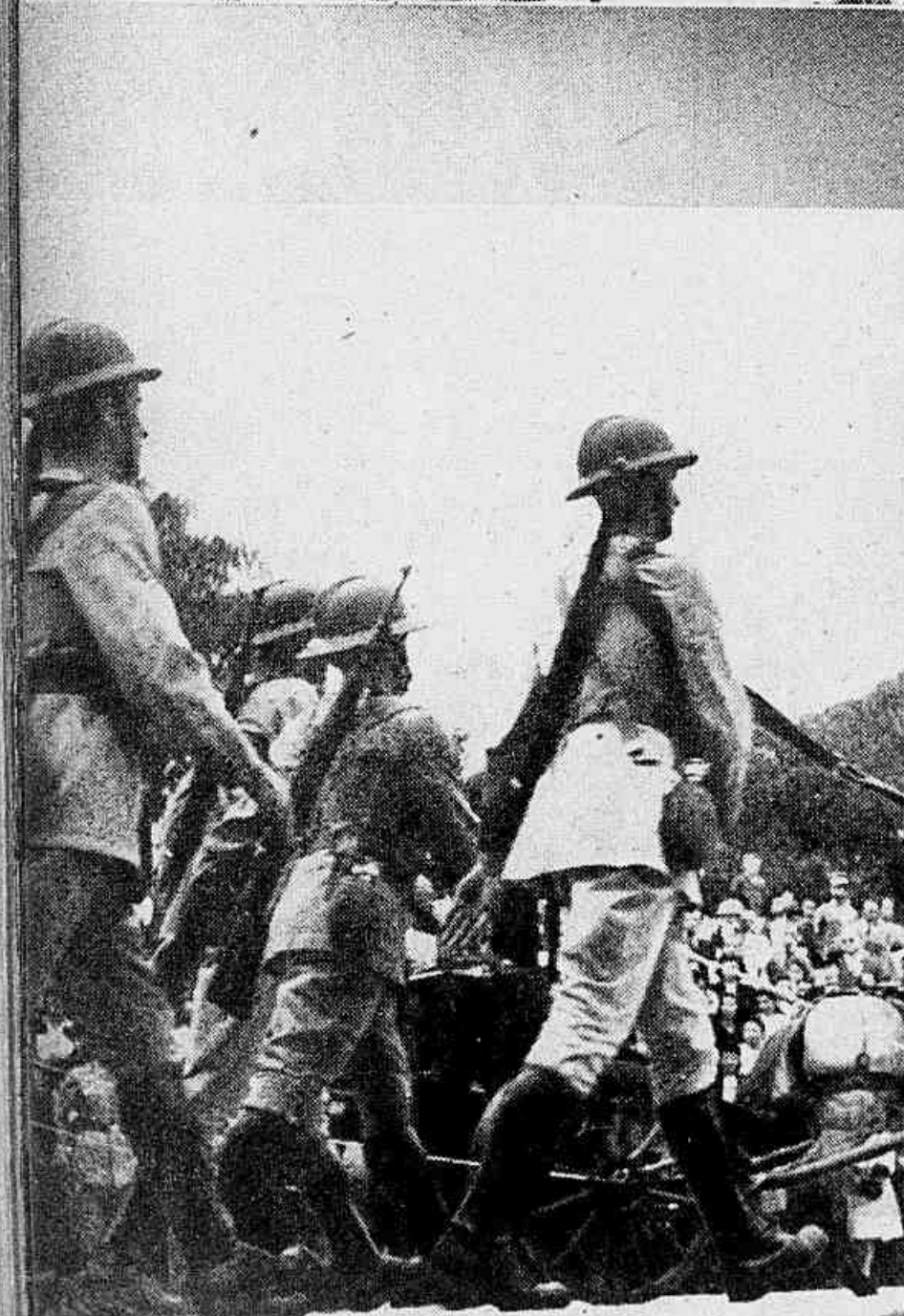


Na manhã do dia 5 de Setembro realizou-se o Desfile da Juventude — a mais bela e impressionante festa cívica já ocorrida durante a Semana da Pátria. A mocidade tem o poder de trazer-nos uma antevisão do futuro; vendo a mocidade desta terra desfilar o Presidente Vargas certa vez afirmou que nenhuma dúvida era possível almejar-se quanto à grandiosidade do futuro de nossa Pátria. Representações de todas as escolas desta Capital marcharam integrando a grande parada que foi de vibratíssimas aclamações do povo. Divididos em cinco grandes grupos escolares do Distrito Federal desfilarão em frente ao Pavilhão Presidencial onde se encontravam, além do Chefe do Governo e sra. Darcy Vargas, todos os Ministros de Estado, representações diplomáticas, altas patentes de Terra, Almirantes, magistrados dos tribunais superiores da República e o sr. Nelson Rockefeller, coordenador dos negócios inter-americanos, ora entre nós. Eram mais de 20 mil jovens que vinham com sua presença atestar que não é em vão nem sem finalidade que por todos os meios devemos defender esta terra que nos legaram.

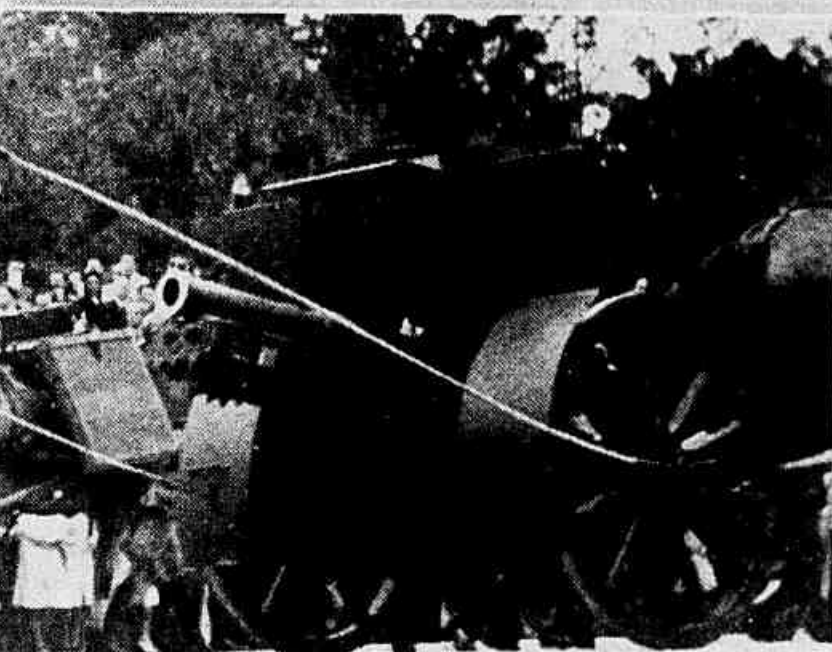
PARADA MILITAR



Guardas-marinha



Artilharia de Campanha

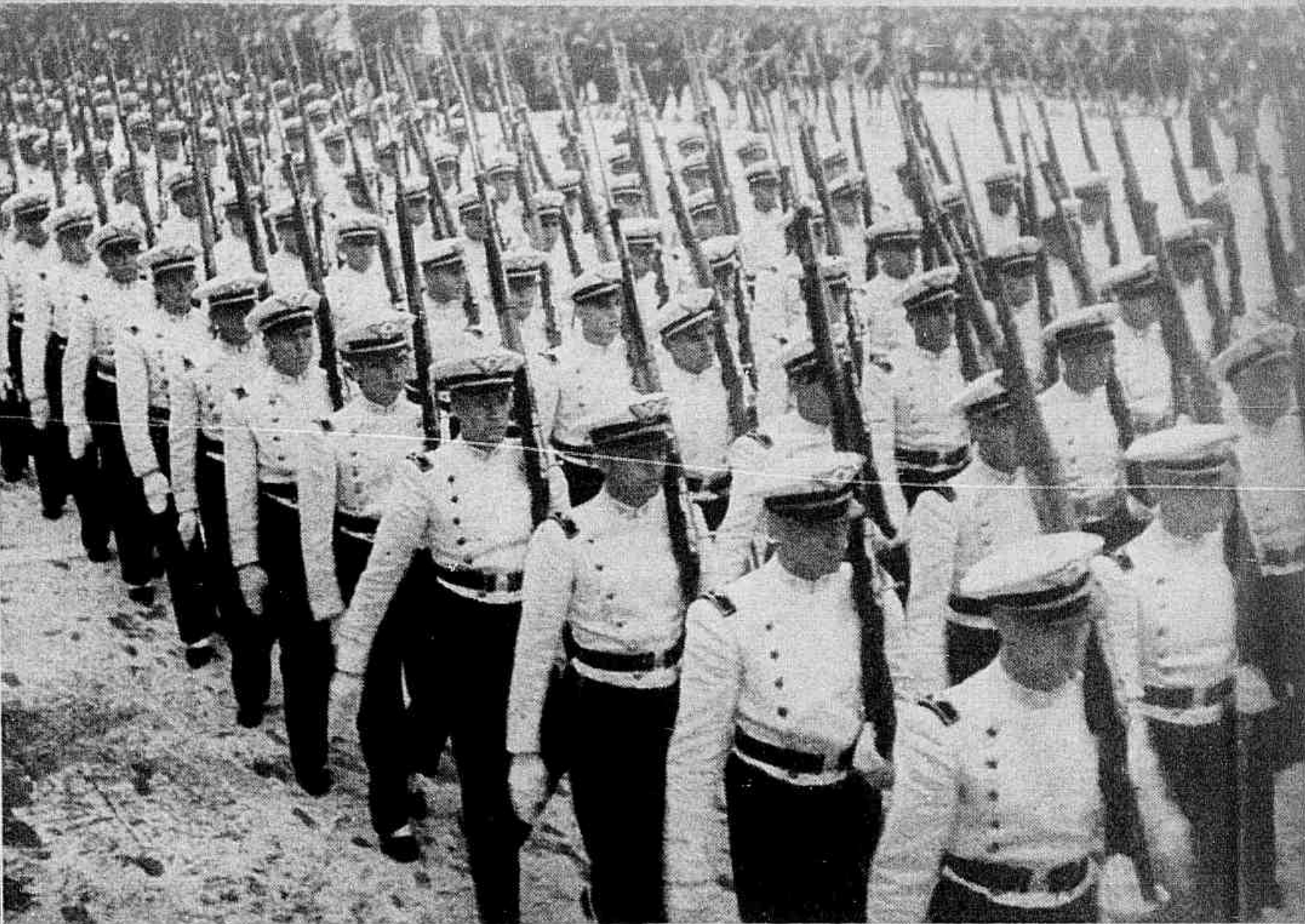


Como sucede tradicionalmente, no dia 7 de Setembro realizou-se a grande Parada Militar comemorativa da proclamação de nossa independência nacional. Este ano mais do que sempre o povo colaborou para maior brilhantismo dessa festa cívico-militar. A presença do Presidente da República acompanhado do general Agustin Justo deu lugar a que grandes expansões de júbilo patriótico sublinhassem todos os detalhes do imenso cortejo de forças armadas. Foi comandante geral das tropas em parada o general Silva Junior. O desfile obedeceu a seguinte ordem: grupamento das Forças Navais, sob o comando do contra-almirante Milcíades Portella Alves; grupamento das Forças Escolares, sob o comando do general Isauo Reguera; grupamento de Infantaria, sob o comando do general Heitor Augusto Borges; grupamento de Forças da Reserva, sob o comando do coronel Odilio Denys; grupamento de Artilharia Montada, sob o comando do coronel Angelo Mendes de Moraes; e fechando o cortejo o grupamento de Cavalaria, sob o comando do general Manoel Alexandrino Ferreira da Cunha. Um agrupamento aéreo da Escola de Aeronáutica constituído de 70 aviões, sob o comando do major Presser Belo, sobrevoou o local do desfile.

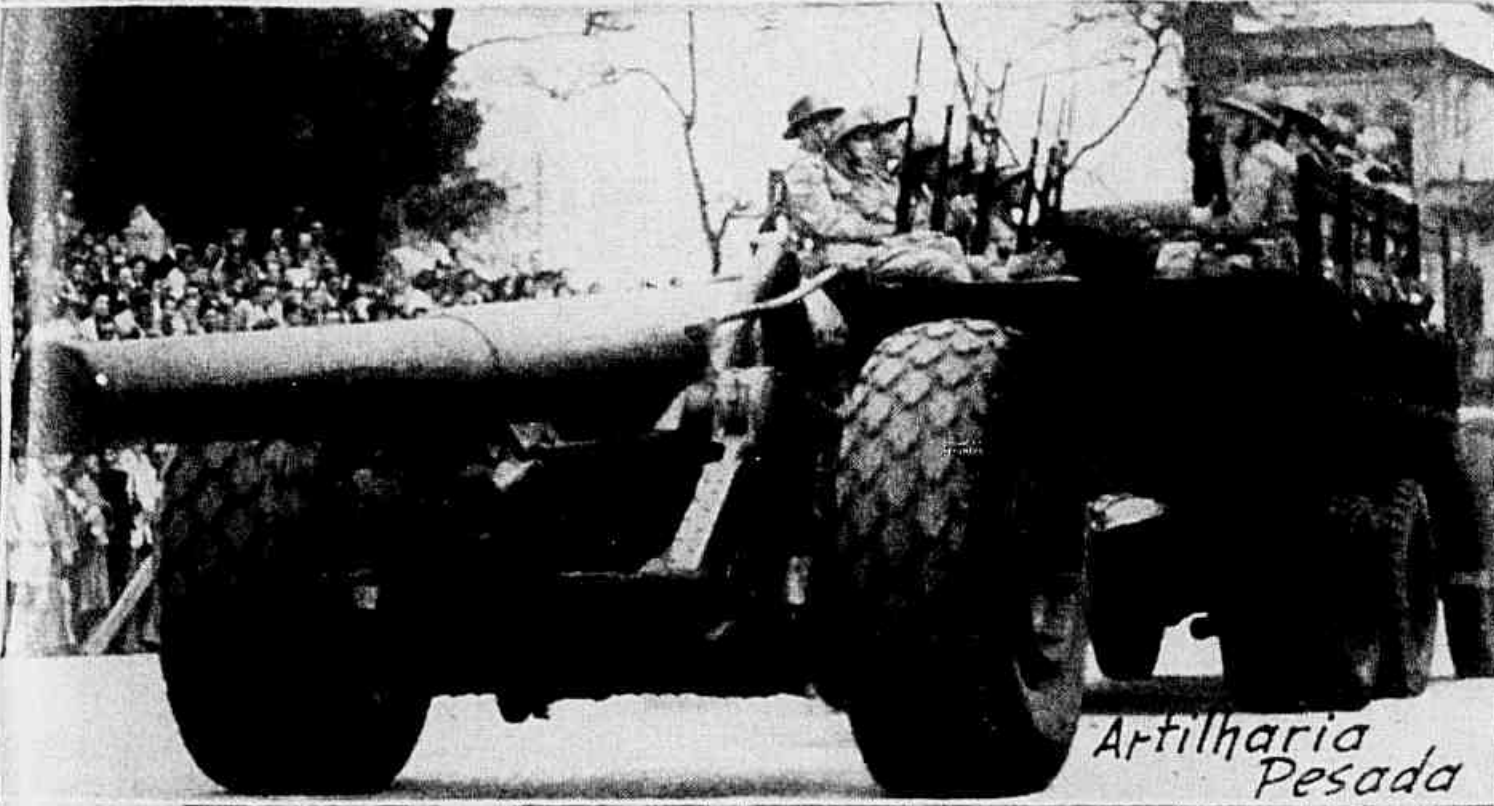




Polícia Militar



Cadetes da Aviação



Artilharia Pesada

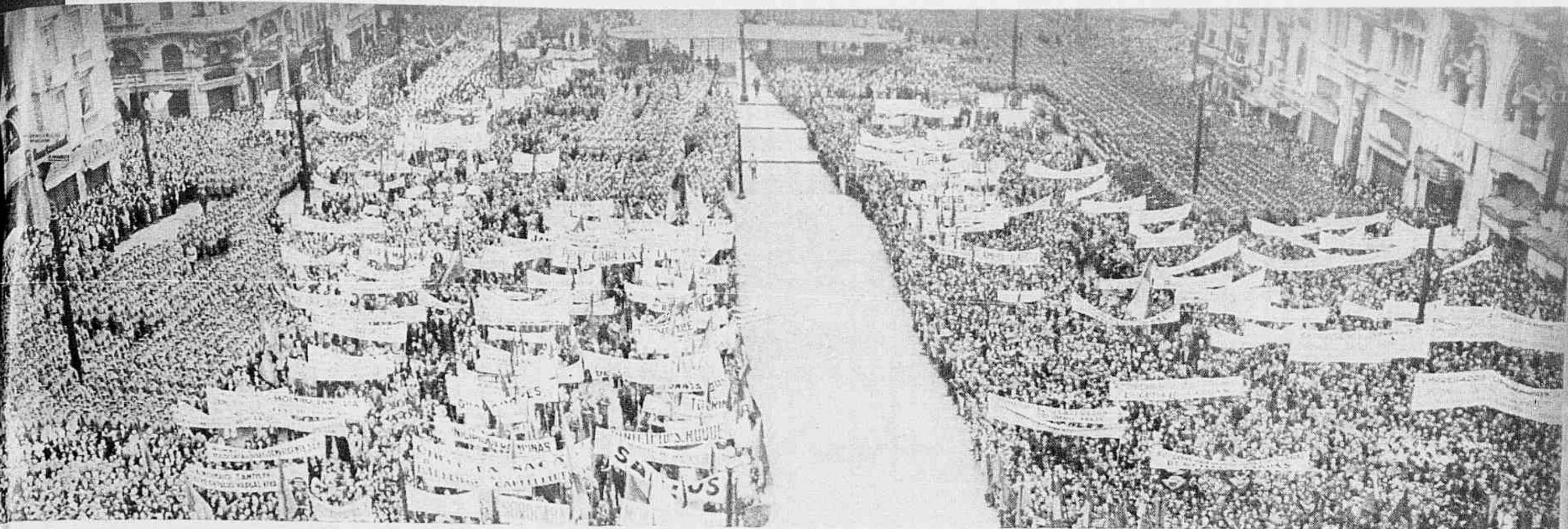


Cavalaria da Escola Militar



Hora da Independencia

Encerraram-se, como vem sucedendo nos últimos anos, no recinto do estádio do Vasco da Gama, as celebrações da Semana da Pátria, com uma magnífica solenidade comemorativa da Hora da Independência. Cerca de trinta e cinco mil e colares, formaram um orfeão gigante que, sob a regência de Vila Lobos, entoou o Hino Nacional Brasileiro e mais uma série de fornossas canções patrióticas. O chefe do governo foi alvo, mais uma vez, de delirante aclamação e calorosos aplausos. A cerimônia foi encerrada com um discurso de S. Exc.ª, dirigido a todo o país, discurso cheio de fé e confiança no nosso futuro e elucidativo da política que dirigirá o Brasil dentro do conflito em que foi envolvido. Mais do que qualquer outra, esta festa demonstrou o sentido de coesão que ora empolga todos os brasileiros.



INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

A grande parada cívica do dia 30 de Agosto ultimo, após a missa campal, na Avenida de S. João, em S. Paulo, promovida pelo Instituto Nacional de Ciencia Política e que foi organizada, em homenagem ao presidente Getulio Vargas, com a colaboração do povo paulista e a cooperação do Interventor Fernando Costa, do general Mauricio Cardoso, das autoridades estaduais e municipais. Desfilaram cerca de 150.000 pessoas. O sr. Getulio Vargas fez-se representar pelo seu filho sr. Getulio Vargas Filho. O Instituto esteve presente pelos seus diretores M. Paulo Filho, Salvio Lima, Pedro Vergara, Alves Mourão, Godofredo da Silva Tellas, Oliveira Cesar, Menotti del Picchia e Raul Guastini.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

De São Paulo



EM JAU'— Uma das interessantes cenas da alta comédia "Pertinho do Céu" dos teatregos patricios José Wandeky e Mario Lago, foi levada pelo Teatro Escola da Recreativa Juvense no palco do Cine Jáu, em 14 de Agosto do corrente ano, em benefício das bolsas de estudos do Aero Club de Jáu.

O admirável desempenho dessa peça que constituiu um autentico sucesso, esteve a cargo dos artistas emadotes: da esquerda para a direita: João Antonio Porto, senhorita Leonor Allgro, Hugo Pascolat, sra. Seide Pascolat Demineconi e Antonio Morotti, encenação de Manoel Porto.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobrelaje)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succellora de MAPPIN STORES
A. RAMOS DE ALVEIDO, S. PAULO

86 RECEITAS Gratis!

Poderá encontrá-las em "Meu Livro de Receitas", o qual, além de atraente e finamente ilustrado, contém uma variedade de receitas de toda especie de pratos deliciosos com

MAIZENA DURYEA

À MAIZENA BRASIL S.A. 31
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO 85

Peço enviar-me, **gratis**, o "Meu Livro de Receitas"

Nome _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____

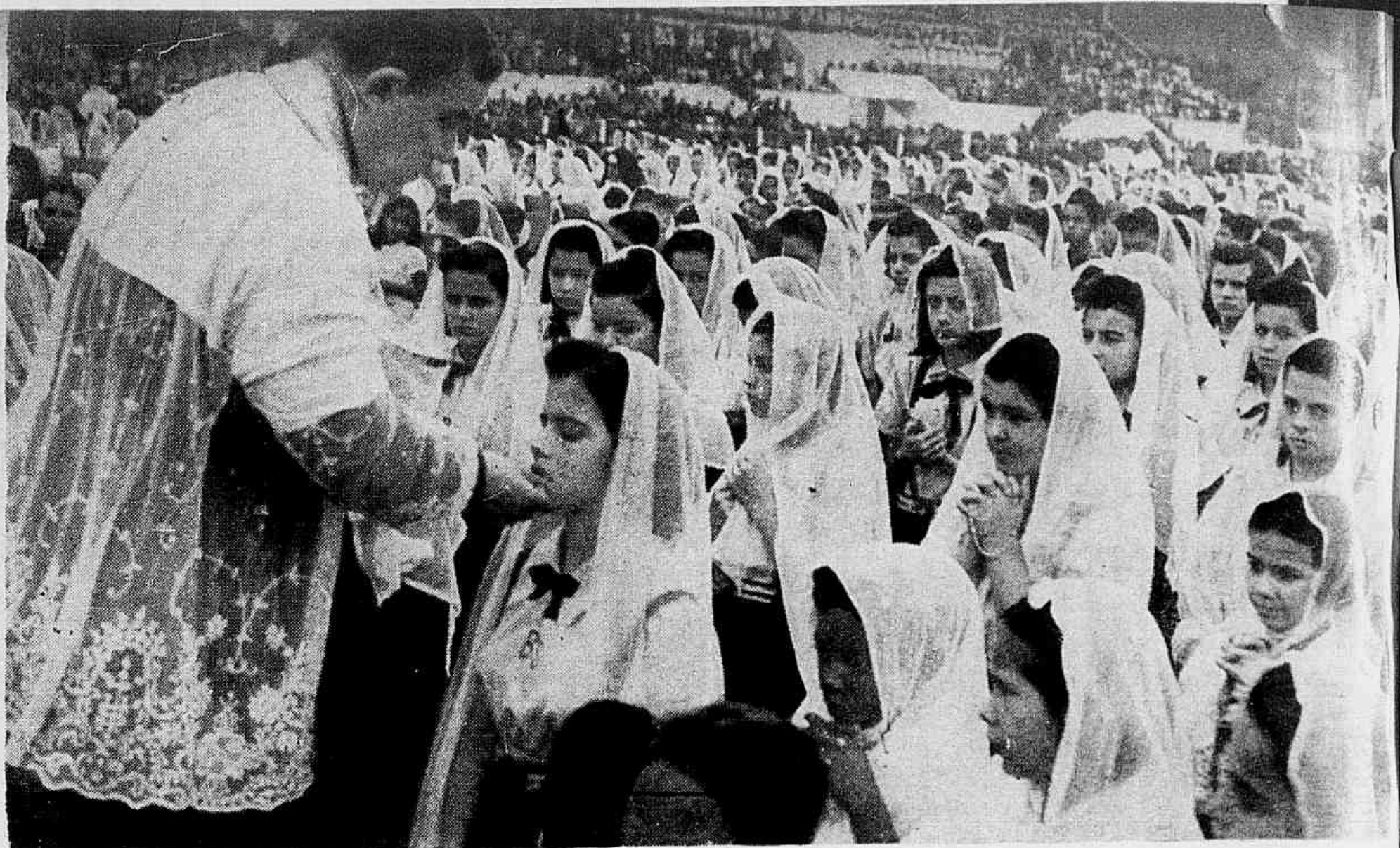
MAIZENA DURYEA



EM INTENÇÃO DAS VITIMAS DO EIXO — Aspecto apanhado durante a missa por intenção dos marinheiros brasileiros mortos em consequencia dos torpedeamentos dos nossos navios, rezada na capital paulista.



ALTAR DO CONGRESSO — A Prefeitura Municipal de Niterói mandou erigir um altar para o Congresso, no Estádio Caio Martins. Ele aqui aparece, durante uma solenidade.



JESUS DESCEU AOS CORAÇÕES — Por ocasião da missa do dia 28, comungaram milhares e milhares de jovens. De uma juventude cristianizada é que saem as gerações fortes. E de muitas gerações fortes é que se forja a perenidade de uma pátria.

Congresso Eucarístico de Niteroi



SIMPLICIDADE — Em geral os atos religiosos desenrolam-se no cenário faustoso dos templos. Não obstante, encontramos um sentido novo em uma confissão ao ar livre. E' como se voltassem os primeiros tempos da Igreja, quando ainda não existiam catedraes.



PRELADOS E AUTORIDADES — O Interventor Federal, correspondendo aos anseios da Família Católica, prestou ao Congresso o apoio oficial. Esta é a mesa que presidiu a uma das sessões, notando-se, entre autoridades eclesiásticas, o casal Amaral Peixoto.



CONFISSÕES — A confissão é um dos gestos mais grandiosos de humildade cristã. Cenas desta natureza repetiram-se copiosamente pelos dias do Congresso.



RERUM NOVARUM — Efetuando sessões, discutindo teses, o elemento proletário participou intensamente do Congresso, em uma demonstração de que a Igreja, aqui, já se impregnou com o espirito salutar da encíclica de Leão XIII.



ROMEIRO — Varias paróquias enviaram delegações a Niterói, onde brasileiros de todo o Estado do Rio irmanaram os corações na prece, fundindo-os em um único amor.

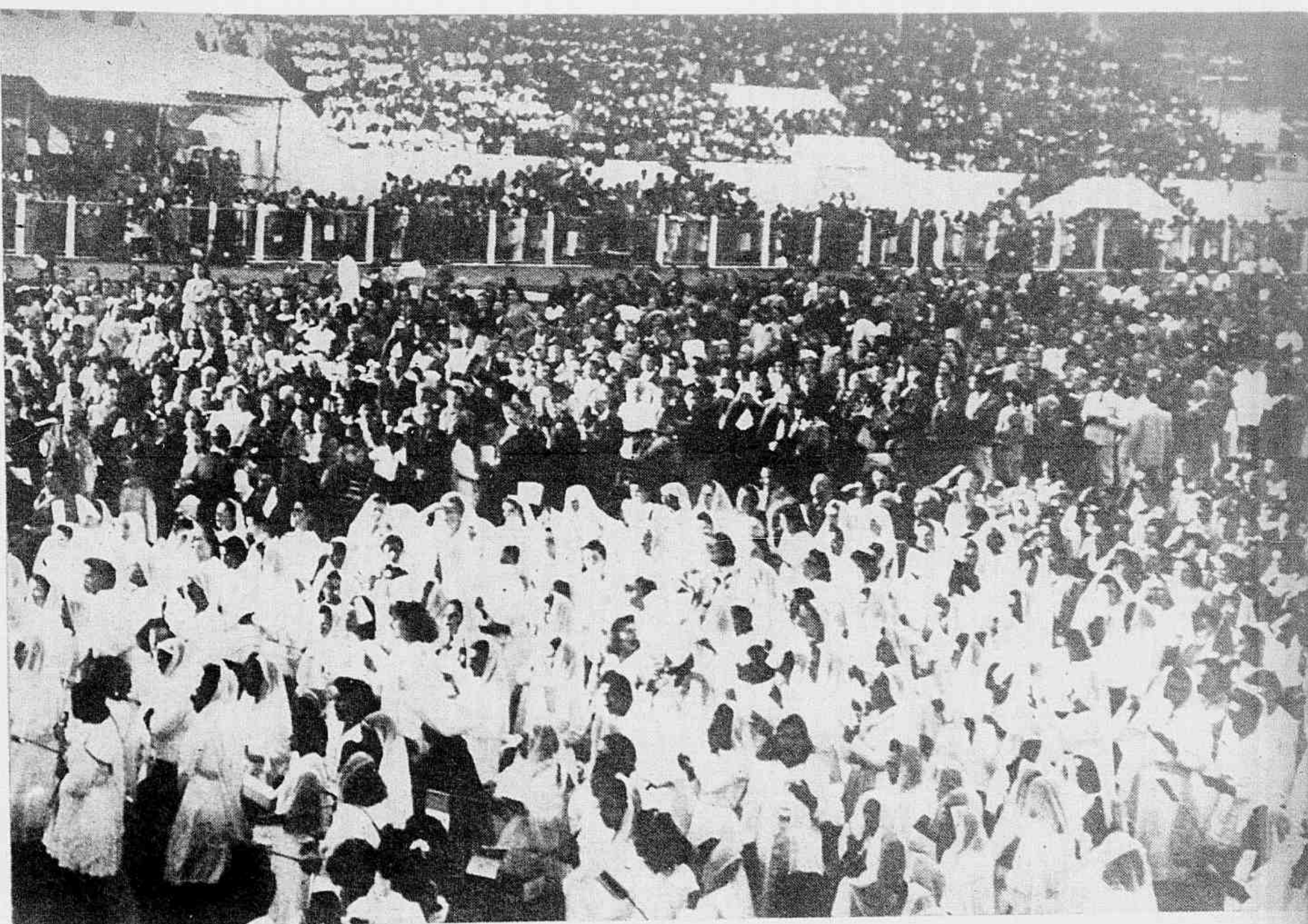
A igreja persiste em nos oferecer espetáculos de disciplina e de fé que, em qualquer tempo, já seriam soberbas demonstrações de vitalidade e de esplendor. Agora, porém, adquirem significação mais ampla. Expressam a esperança e a resignação dos homens, em face da barbaridade dos tiranos e dos horrores da guerra. Mal comparando, é o canto suavíssimo de Ariel indifferente à marcha fúnebre de Caliban...

Além do mais, o recente Congresso Eucarístico Diocesano de Niterói teve um edificante sentido patriótico e social. Na primeira sessão magna, dedicada às crianças, o general Cristovão Barcelos abordou o tema: "A Eucaristia na formação religiosa e patriótica da Juventude Brasileira". Na sessão consagrada à família, o sr. Tristão de Ataíde falou sobre "A Eucaristia na educação moral e santificadora da família". O terceiro orador oficial foi o embaixador Macedo Soares, que desenvolveu na sua oração "A história dos congressos eucarísticos e o Papa Leão XIII".

O operariado, reunido sob a cruz de Cristo, apresentou moção de solidariedade ao Interventor Amaral Peixoto. Nesta ocasião, a progenitora do Bispo de Niterói fez uma doação de cadernetas da Caixa Econômica, a 50 filhos de trabalhadores.

Durante a sua realização, de 27 a 30 p. p., o Congresso movimentou Niterói de modo surpreendente, particularmente nos últimos dias, com a presença do Cardeal-arcebispo; D. Sebastião Leme recebeu entusiástica manifestação popular, sendo saudado no desembarque pelo prefeito Brandão Junior.

As passagens mais empolgantes do Congresso foram as procissões e a missa rezada às 24 horas do dia 29, acompanhada de comuniqueção geral dos homens. E as últimas solenidades culminaram no hasteamento da bandeira nacional pelo Cnte. Amaral Peixoto, encerrando-se assim a brilhante demonstração católica.



MISSA CAMPAL — Foi um espetáculo formidável de oração e de fé. No dia 29, quando oficiava D. Otaviano de Albuquerque, Arcebispo-bispo de Campos, colhendo-se este flagante do povo.



BANDEIRAS — Os lábaros dão a nota imponente aos desfiles e festas. Sua quantidade revela o número de associações e de grupos presentes. Eis porque, melhor do que qualquer outro, este quadro dá uma idéia do que foi o Conclave Católico da vizinha Capital.



DIGNATORIOS DA IGREJA — Das mais longínquas regiões do Brasil vieram alguns bispos cooperar para o maior brilhantismo do Congresso. Assim, ali estavam, entre outros, D. Aquino Corrêa, D. Pedro Massa, D. Rodolfo de Oliveira Pena, D. Mário Vilas-Bóas.



PROCISSÃO DAS ESPERANÇAS — Corações iluminados, fisionomias confiantes, aí vemos a multidão conduzindo em triunfo a imagem de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Maria. Que ela escute o apelo dos homens!



COM ESTE SIMBOLO VENCEREMOS — Esta cruz iluminada em cima das trevas noturnas é uma prece de fogo erguida aos céus. A missa rezada à meia noite foi um momento de emoções imorredouras para os congressistas.

★ A "Sua" ★

1220
KCS.**PRA-9***apresenta DIARIAMENTE*

O MAIS COMPLETO SERVIÇO DE NOTI-
CIÁRIO DO RADIO BRASILEIRO!

SETE EDIÇÕES DO "DIÁRIO SONORO"

NOTICIÁRIO AMPLO E ESCOLHIDO SOBRE OS ACONTECIMENTOS
MAIS SENSACIONAIS DA ATUALIDADE

HORARIO: 9-10-11-12-14

17-19.55 e 23.30 horas

AGENCIAS: ASSOCIATED PRESS

- Reuters - Inter-Americana

QUATRO EDIÇÕES DO "RADIO-REPORTER-PRA-9"

NOTICIÁRIO PRECISO SOBRE A CAPITAL DA REPÚBLICA E DOS
ESTADOS, ATRAVÉS DE REPORTAGEM ESPECIAL E EXCLUSIVA,
E CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL.

HORARIO: 10-13-18-19.30 horas

REDAÇÃO ESPECIALIZADA e SERVIÇO TELE-
GRAFICO DA AGENCIA NACIONAL

NOTICIÁRIO INSTANTÂNEO
DOS FATOS MAIS
SENSACIONAIS!

★ RADIO MAYRINK VEIGA ★

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

12 Drs. José Pires Rebelo e Alfredo Maia; general Colatino Marques.

13 Sras. d. Vindinha Aranha, esposa do sr. Oswaldo Aranha; sta. Elza de Albuquerque; dr. Orlando Ribeiro de Castro; srs. Silvio José Vilardo, Antonio Luiz Ferreira Junior, Armando Farsette e Mauro Barcelos, nosso colega de imprensa.

14 Sra. d. Emilia Rocha; drs. Antonio Wanderley de Araujo Junior, Julio Brandão e Eduardo Carneiro de Mendonça; sr. Paulo Guimarães.

15 Sra. d. Germaine Carvalho Azevedo; drs. Clementino Fraga, da Academia de Letras, Yeddo Fiura, Vicente Reis, Adolfo Correia da Costa, monsenhor Gonçalves de Rezende, general Castro Aires.

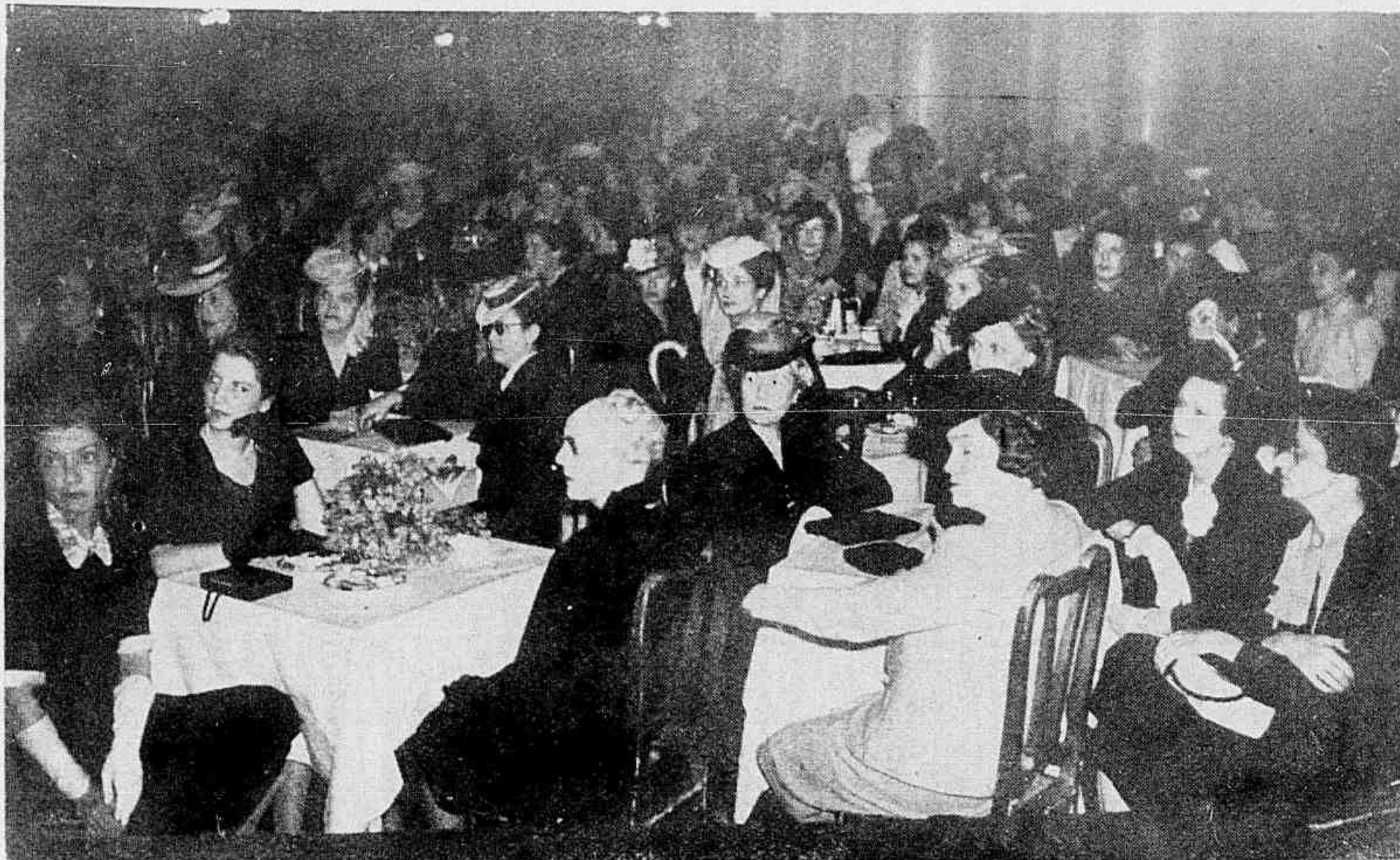
16 Sras. d. Dulce Simões Sodré e Mariana Horta Porto; srs. conselheiro João de Oliveira de Sá Camelo Lampreia, ex-ministro de Portugal no Brasil, drs. Artur Bernardes Filho, Gilberto Crockatt de Sá e Rodolpho Margarido.

17 Drs. Rodolfo Josetti, Luiz Corrêa e Castro, Jesuino de Albuquerque, sr. Alvaro da França Fernandes.

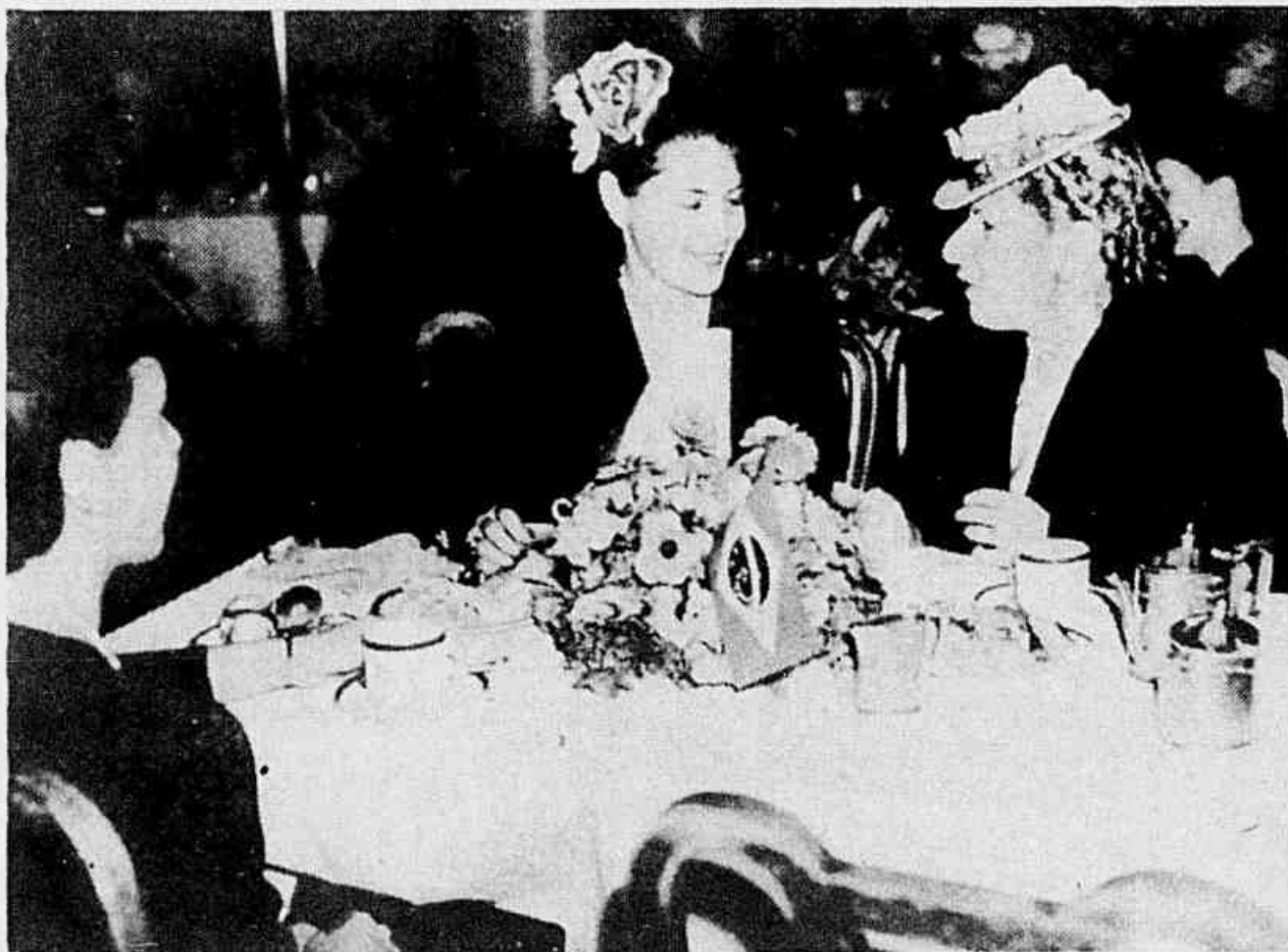
18 Sra. Cely Carvalho de Araujo; drs. Henrique Dodsworth, José Maria Mac Dowell da Costa, Mario Vaz de Mello e Samuel Pena Araújo Reis; coronel Francisco Gil Castello Branco.

FESTA DE CARIDADE

Promovido por um grupo de senhoras da nossa mais alta sociedade, realizou-se na tarde do dia 4 deste mês, no salão principal do Automovel Club do Brasil, um bel. festival em benefício das famílias vitimadas pelas torpedamentos das unidades de cabotagem de nossa marinha mercante. Festa de objetivo humano e social, teve essa reunião o patrocínio das sras. Darcy Vargas, embaixatriz Leão Veloso, Gustavo Capanema, E. G. Fontes, Martinez de Hoz, Augusta Frederico Schmidt, João Daudt de Oliveira, Lourival Fontes e muitas outras damas de nossa elevada esfera social. A grande atração da festa foi a contribuição das senhoritas Jô Souza Leite, Tereza Maria Graça Aranha e Elza Palfory de Oliveira, que desfilaram apresentando belas "toilettes" adequadas à estação. Maria de Sá Earp, conhecida cantora patricia, contribuiu com um lindo programa de canto.



Aspecto geral do salão, vendo-se no primeiro plano as embaixatrizes da Inglaterra e Peru e a senhora Oswaldo Aranha.



Mesa da senhora Gustavo Capanema.



Da esquerda para a direita: senhoras O. Vale, Maria de Lourdes Machado Costa, Adelaide Brito e Ivete Rodrigues Alves.



MISTERIO!

UM pouco de mistério completa o encanto feminino. Há mesmo quem afirme que, na mulher, só detém a curiosidade e só desperta o interesse o que se não vê... ou o que se entrevê. Quem melhor fixou o fenómeno foi Anatole France na "Ilha dos Pinguins" quando fez toda uma população agitar-se em torno do primeiro farrapo de seda que apareceu entre as livres e ingenuas filhas da terra selvagem. O certo é que, desde o velho Egito, a moda brinca de esconde-esconde com a silhueta feminina. Quando as saias descem até aos pés, os braços e o colo se descobrem. Vestidos curtos têm mangas compridas. Muitas vezes, num vestido de gola alta e mangas até ao punho, um pedacinho das costas aparece entre as casas e os botões discretamente divorciados. Um pouco de mistério...

E muito de sugestão...

Nestas páginas Carol Bruce, da Metro, oferece lindos modelos para o dia e para a noite, todos com essa ponta de segredo que é o segredo do encanto. O vestidinho em preto e branco é uma invenção original de Miss Bruce. Chama-se "black-out": sobre o fundo de seda fosca negra, o lamé branco e brilhante do cinto, da flor, do V que enfeita o chapéu, dos círculos que guarnecem as luvas têm o efeito de pontos luminosos na escuridão.

O modelo em renda e setim negros é usada por uma das dez mulheres que melhor se vestem na América do Norte: Mrs. Carrol Carstairs. É digno de nota o seu gosto pelas linhas simples e pelos adornos discretos, embora caríssimos como essas perolas, por exemplo.

Informações e pedidos
Rua Souza Dantas, 23



CASPA! CABELOS BRANCOS!

USE LOÇÃO XAMBU

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINAM A CASPA. EXITO GARANTIDO




BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES

ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio

TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Peco enviar-me prospectos!

NOME _____

ENDEREÇO _____




RUGOL

O CREME

EMBELEZADOR DA PÉLE




Senhoras

Capentes

MENAGOL

PARA A BELA E PRESTIMOSA



Duas MANHÃS

Manhãs de sol, nas praias claras. Kathryn Graysen enfeitou o vestido com motivos marinhos. E sentada numa concha de mentira tem certeza de que muita gente cairá na rede de sua sedução.

Manhãs ativas no vai e vem das compras e do trabalho. Marsha Hunt não poderia ser mais simples e mais elegante no seu costume sobrio abotoado militarmente.

(FOTOS METRO)



V

Bonbons

ITÓRIA RÉGIA

Cerejas ao

Marrasquino

OS MAIS CAROS

Incontestavelmente os melhores.

CRONICA DA MODA

Um jogo de *écharpes* permite a uma faceira engenhosa renovar o aspecto dum mesmo vestido.

Vejamos, por exemplo, um vestido de crepe preto: pôde-se completa-lo com uma *écharpe* azul e vermelha, com uma rosa azul turquesa ou verde com pintas pretas. Se tiver então um casaco ou bolero de tons vivos, o simples vestido preto nunca parecerá o mesmo.

Mas a *écharpe* não serve apenas para modificar o aspecto do vestido é extremamente util, não somente como agasalho para os dias frios, chuvosos, havendo as grandes que são usadas como mantilhas, mas também podem encobrir uma blusa não muito fresca usada sob o casaco do costume. Numerosas são as *écharpes*, longas, curtas, largas e estreitas, assim como formadas por um simples quadrado de tecido; inteiramente listadas, ou parcialmente apenas, multicores, tricores, cortadas nos



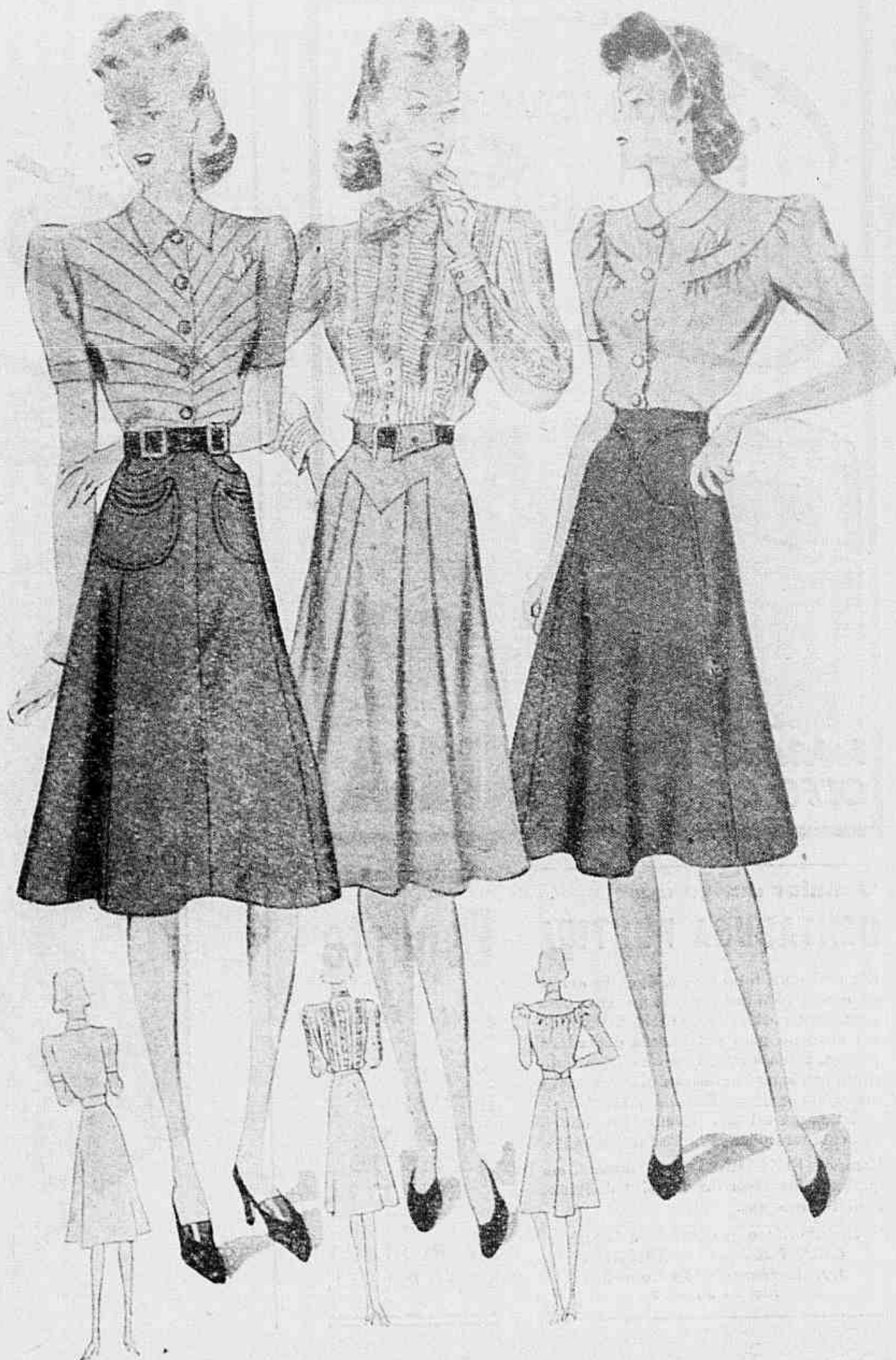
**CORTINAS
STORES
MADRÁS**

GRANDE
VARIEDADE
EM
TECIDOS
PARA
ESTOFOS

CASA BEIRIZ

RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

- 1 — Blusa de crepe rosa, com aplicações de setim do mesmo colorido.
- 2 — Blusa de crepe Georgette azul claro, enfeitada com renda e laços de fita de setim do mesmo tom.
- 3 — Blusa sem manga de lã branca debruada com um vize de tecido com pintas, as iniciais recortadas nesse mesmo tecido.



- 1 — Blusa de crepe ou linho azul com nervuras na frente. Saia de lã ou linho azul mais escuro guarnecida com dois bolsos com pespontos. Cinto de camurça azul escuro.
- 2 — Blusa de crepe Georgette ou cambraia cinza claro, enfeitada com preguinhas e rendas do mesmo tom. Saia de lã ou linho cinzento, cinto de verniz preto.
- 3 — Blusa de shantung vermelho claro, com pala e franzidos. A saia de lã ou linho vermelho escuro.

tecidos listados em *vize*. Empregam-se todos os tecidos na sua execução desde a seda mais rica até o mais singelo algodão.

Nota-se que muitos são os costumes modernos em crepe quadriculado ou com pintas; de preferencia o fundo do tecido é escuro com as pintas ou tinhas brancas ou de cores vivas.

Para as tolettes de sport, o *shantung*, o fustão e o linho. Apesar de continuar a ser o branco o preferido, os coloridos suaves são também empregados para este fim.

MARINETTE.

INFLUENCIA DAS DEBILIDADES HUMANAS NOS RECENSEA- MENTOS

Recebemos, oferecido pelo autor, o professor Nelson de Souza Oliveira, um bem confeccionado folheto com o titulo supraindicado.

Trata-se da conferencia que o autor pronunciou perante a Ordem dos Contadores da Bahia em Novembro de 1940.

O trabalho é interessante e agradecemos a gentileza do autor.

SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

**GRANDE · BOM
BARATO**

A' VENDA EM TODO O BRASIL

SEUS MOVEIS
FICAM
mais bellos



usando OLEO DE PERORA

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXODENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

91-B

Esporte Ilustrado

E' A UNICA
REVISTA
ESSENCI-
ALMENTE
ESPORTIVA
QUE
SE PUBLICA
NO BRASIL

Uma pala de renda de Milão em lã



Esta pala de renda de Milão pode ser colocada numa blusa de *tricot*, *crochet* ou mesmo num vestido de lã. Todo o *crochet* de lã é trabalhado sobre um fio forte, podendo ser substituído pela linha *perlée* n. 3; sendo que o fio mais firme é preferível. As malhas são feitas em volta do fio como mostra a fig. 1. Faz-se um longo galão e com ele formam-se os desenhos sobre um papel forte, no qual foi riscado o desenho da renda. Este desenho deve ser feito a tinta, para que o risco de lapis não suje a lã. Os desenhos são unidos por *barrettes* como mostra a fig. II. As flores são começadas pelo centro, o trabalho feito sobre o fio enrolado duas ou três vezes em volta do dedo. As pétalas, com o galão fixado no centro, são reunidas em volta por uma trancinha, que fixa todas as extremidades. As folhas (fig. III) são feitas por uma primeira volta sobre o fio e numa segunda volta por pontos baixos executados sobre todos os pontos da carreira precedente, como mostra o desenho III; na extremidade duas ou três malhas de trancinha.

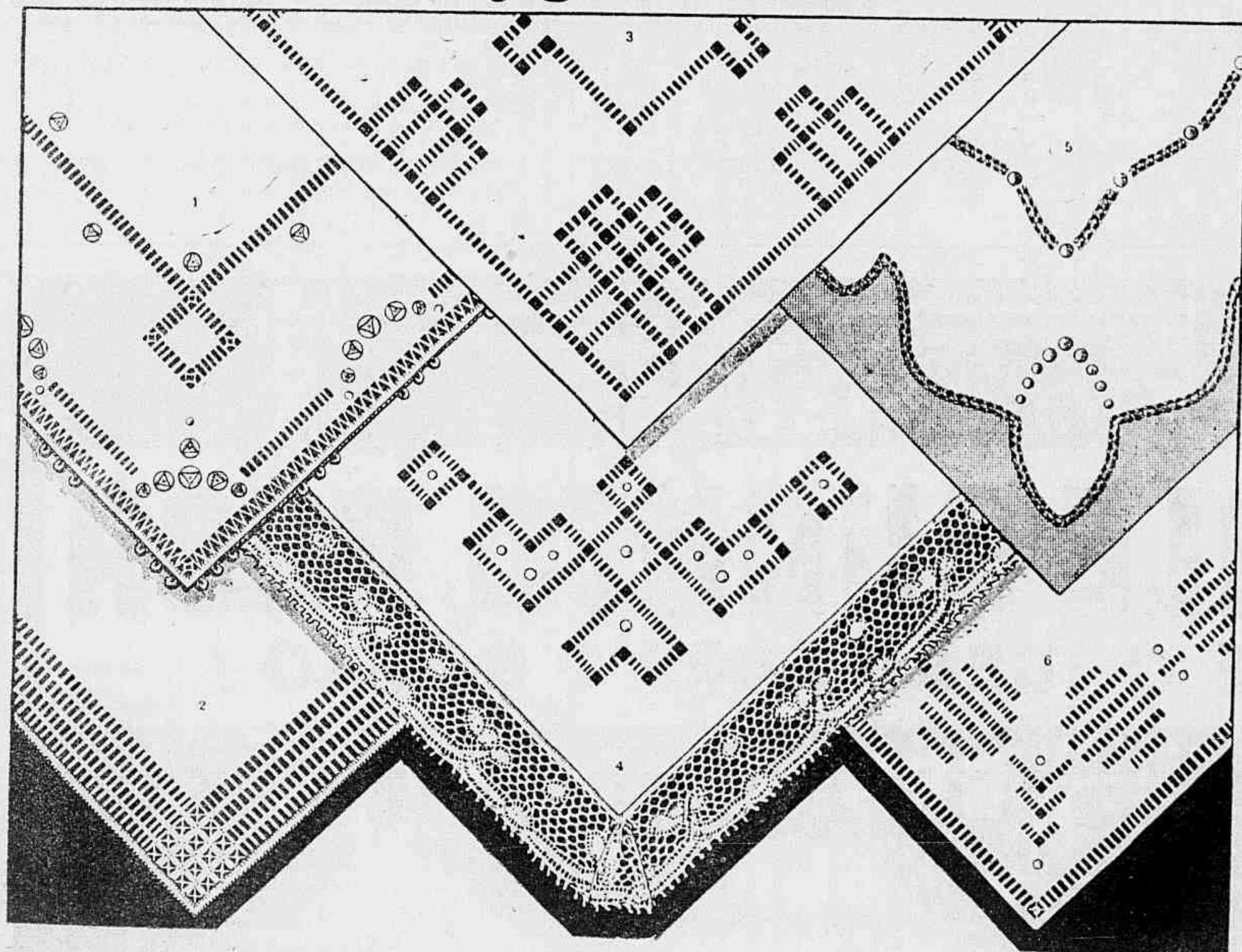
Todas essas peças são alinhavadas pelo avesso sobre o papel desenhado; são cosidas entre elas em todos os pontos de encontro; os enquadramentos e terminações da pala são feitos com galão executado também sobre o fio e cosido também nos pontos que se encontram com as flores e arabescos.

As *barrettes* são feitas por ultimo, ligando os desenhos entre eles.

Cortar a pala do tamanho exato da pessoa e riscar por cima o desenho da renda, modificando um pouco as proporções caso seja necessario. O entremeio que termina o ombro é destinado a facilitar a adaptação porque se pode suprimí-lo caso a pala tenha que ser menor, ou pôde ser duplicado caso a pala seja maior.

Quando se empregar a pala para um vestido, pôde-se guarnecer os bolsos e os punhos aproveitando o desenho dos entremeios para este fim.

Um jogo de toalhas



Desfiados, bainhas, rendas e "pois", quando bem empregados, com arte e bom gosto, podem realizar belos efeitos.

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Uma denúncia singular

(Continuação da página 31)

— E o cadáver?
— Já pensei nisto. O cadáver, é forçoso que se dê um fim a ele. E' necessário sepultá-lo.
— Boa idéia!
Laércio Moraes calçou com a ponta do sapato o solo.
— A terra aqui é húmida e sem grande esforço poderá ser escavada. Preveniremos tudo antes. E ali, pertinho, está o riacho para levar tudo que servir de adjutório a este crime. A água oferece-se a jeito para qualquer precisão...
— Terei cuidado afim de não sujar as mãos de sangue... Tenho asco de sangue humano.
Os dois patifes distanciaram o olhar ao mesmo tempo para ver um cavaleiro que passava ao longe, num caminho que cortava íngreme montanha coberta por vegetações selvagens.
E foi durante esta absorção que um rumor indistinto nas folhagens de cana fê-los voltarem a si. Olharam para trás, resabiados. Tranquilizaram-se: era uma saracura irrequeta que se exibia, gracil, para no mesmo momento se esgueirar arisca pela verdura vivace que alcatifava o brejo.
Foi o acadêmico de direito quem falou após isso para perguntar.
— Ficamos certos?
— Positivamente.
— Receberás o teu dinheiro logo que realizares a tua tarefa. Meu padrinho é dos tais que teem por hábito guardar dinheiro em casa.
O "Perigoso" falou, meio cismativo, meio distraído:
— Pensando bem, eu não devia matar o Manoel. Tanto auxílio tem-me prestado, tanto...
— Hesitas?
— Por que não o liquidas tu mesmo?
— Repugna-me! E' meu padrinho. E sempre fez por mim o que ninguém faria... Mas a principal razão da minha reserva é a primeira: Ele é meu padrinho...
— Independente do dinheiro, o Manoel foi sempre um homem de pouca sorte.
— Por burrice própria. Nunca soube aproveitar a vida. Sempre metido neste sertão incivilizado, quando podia estar na cidade gozando o que tem... Sabes que ele rejeitou há pouco trezentos contos pela fazenda?
— Tem apego a ela. — E voltando ao seu mau instinto, o "Perigoso" prosseguiu: — Queres dizer que o Manoel vai segunda feira à cidade...
— Deve ir sem falta.
— Devo atacá-lo na ida ou no retorno?
— Na volta será mais acertado. Porque sai de manhã, às sete, e a hora dificultará o plano, não achas?
— E' mesmo um pouco arriscado.
— Mas como quando voltar, voltará à noite, lá pelas dez...
— Não passará daqui.
Laércio Moraes levantou-se finalizando o pacto com estas poucas palavras mais:
— Conto contigo! E não falemos mais no caso antes de o termos liquidado...
E foi andando a passos largos, desviando-se das ramas atravancantes, esmagando as plantas rasteiras até que alcançou a estrada onde desapareceu.
O "Perigoso" não se moveu de onde estava. Continuou a fumar, refletindo, esparramando a esmo toda a argúcia maldosa do olhar bulhoso e penetrante.

—oOo—

Passara-se um mês após a palestra entre os dois malandros à sombra cheirosa da paineira em flor. Sob esta, num cantinho daquela mesma sombra e quasi encoberta pela profusão de flores que se desprendiam seguidamente, um trechozinho alongado de terra se mostrava remexido sem contudo oferecer perigo de uma anotação mais minuciosa visto como ninguém se daria ao trabalho de se desviar da estrada para descobrir o que ninguém seria capaz de supor...

Naquele dia consumou-se um fato de marcar época da história daquelas plagas distantes: E' que o temido facinora, o "Perigoso", fora apanhado em meio da via férrea pelo comboio de passageiros.

Encontraram o corpo esmagado, a cabeça longe. Dado o alarme, o pessoal acorreu. Removeram a massa ensanguentada. Tomaram outras providências. E depois, as divergentes conjecturas: Uns diziam que fora suicídio, remorso pelos crimes que não eram poucos... Outros opinavam que o malfeitor estava embriagado quando a locomotiva o pilhou... Havia ainda quem acreditasse num incidente: o trem o surpreendera distraído.

—oOo—

Laércio Moraes ia de vez em quando dar uma vista dolhos à sombra da paineira onde as flores continuavam caindo, caindo sempre, cobrindo sempre mais o chão impregnado de humidade.

As vezes, nas suas horas de indolência, demorava-se ali, observando o ambiente. Nunca tivera remorsos. O instinto daquele homem irmanava-se perfeitamente ao das feras.

Porém... Ainda não haviam esfriado os acontecimentos todos mencionados acima... Laércio Moraes ia de cabeça baixa, reparando no seu próprio vulto que o sol vivo de Fevereiro revelava na areia solta do caminho. Andou assim seguramente meia hora, quando se viu no lugar onde o seu hábito o levava a mlude. A paineira estava-lhe à frente. Olhou-a. Olhou a copa altiva e ampla. Os seus olhos foram descendo por ela, pelos galhos, pelo tronco, até a sua própria sombra. Recuou. Os seus cabelos eriçaram-se. O rosto tornou-se cadavérico. Os olhos dilataram-se com desmedido espanto. E os lábios sem cõr pronunciaram instintivamente:

— Oh!!!

Ali, sob a paineira sussurrante, a assinalar a sepultura ignota, alteava-se uma cruz pintada de negro em cujo centro, numa placa igualmente negra, qualquer coisa devia estar escrita.

Passado o primeiro momento de fulminante assombro, Laércio aproximou-se. E o seu assombro recrudescu quando pôde ler em letras bem legíveis esta inexplicável e não menos estuporante inscrição:

"Aqui jaz um homem que calmamente se deixou matar pelo simples desejo de satisfazer uma bem eneghçada vingança. De toda a estupidez que praticou na vida, esta foi, sem nenhuma dúvida, a maior delas. Oral por ele."

O moço sentiu um justo terror. A presença misteriosa daquela cruz negra no lugar onde o português fora enterrado, não podia ser mais desconcertante. Quem a teria colocado ali, se ninguém sabia do fato? O único a temer era o "Perigoso", e este há dias já estava fora do rol dos vivos...

O acadêmico lembrou-se de que, com bastante pesar, havia pago o facinora... Visto como o "Perigoso" estava morto, quem teria erguido ali aquela cruz?



...ela deixa, quando passa,
uma nota subtil de beleza...

YARDLEY 33 OLD BOND STREET



BOND STREET

Um perfume de

Yardley

de Londres

Um régio perfume criado para as ocasiões alegres e festivas... "Bond Street" é usado como si fôra uma joia pelas damas elegantes dos grandes centros. Dê-lhe a sua preferência e também o lugar de honra quando quizer fazer um presente fino. Em caixas aristocráticas.



LONDON

Laércio Moraes começou a ter medo. Primeiro fôra o choque, depois o assombro, agora o medo... Ali havia coisa! Não podia precisar bem que coisa era, mas havia...

Depois de muito refletir, com os olhos presos na cruz que encimava a sepultura rendilhada pelas sombras moveis, o rapaz deliberou: Fugiria! Sim, o melhor era fugir, sem mais protelamentos, antes que pudessem surgir embaraços transtornadores...

Afastou-se dali, apressadamente, com o temor se avolumando mais e mais dentro do seu sêr covarde. Enquanto andava ia deliberando: Ajuntaria o dinheiro que seu padrinho guardava em casa... Ainda bem! Seu protetor possuía diversas joias antigas, outras tantas libras valiosas. Levaria junto. Com essa pequena fortuna viveria alguns meses até ver em que davam as coisas... A fazenda ficaria entregue a um administrador. O Gilberto mesmo servia. Era um antigo empregado do seu padrinho. Conhecia bem tudo o que dissesse respeito à lavoura...

Logo que Laércio Moraes chegou à casa, cuidou imediatamente de providenciar o deliberado. Arrumou as roupas numa pequena mala de viagem. Catou o dinheiro e tudo o que de valor pudesse levar, sem fazer bagagem vultosa. Deu as ordens precisas, ficando de voltar poucos meses adiante.

Tendo a condução à espera, tratou de tomá-la sem perda de tempo. E já levava o pé ao estribo quando divisou, avizinhandose de próxima alameda de pinheiros, uma outra condução totalmente ocupada, cheia de homens... E entre eles alguns fardados, com calças de listas vermelhas...

— Maldição! — praguejou o miserável cerrando os punhos — Que teria havido?

O trole dos visitantes chegou junto do seu. Um homem alto, com ares autoritários, desceu primeiro. Olhou-o e olhou as bagagens. Compreendeu.

— Estou falando com Laércio Moraes?

Este não pôde e não soube negar.

— Eu mesmo.

— De saída, ao que me está parecendo...

— Vou viajar. Minhas férias extinguiram-se.

O homem de ares autoritários sorriu mordazmente.

— O senhor está convidado a acompanhar-nos à cidade. Somos da polícia...

Laércio Moraes tornou-se lívido. Correu os olhos pelos homens que o rodeavam, aparvalhado. Gaguejou:

— Não compreendo... Que tenho a ver com a polícia? Não compreendo...

— Nem eu — acrescentou o homem autoritário tocando-lhe no braço como a instigá-lo a subir para o trole. — Na cidade, perante quem de direito, tudo se esclarecerá melhor...

O acadêmico não teve outro remédio senão obedecer. Subiu. Os representantes da lei subiram com ele. E o trole partiu de volta, levantando pela estrada deserta um avermelhado rastro de poeira.

—oOo—

Na presença do delegado local e outras personalidades, Laércio Moraes ouviu o tabellão repetir essas palavras que o deixaram perplexo:

— Foi há pouco mais de um mês que veio ter ao meu cartório um homem de certa idade que me explicou ao que vinha e o que pretendia: "Tenho aqui uma carta fechada, escrita por mim, sem testemunhas. De-sejo que a conserve em seu poder, tal qual está, até que eu volte a procurá-la por todo este mês. Não obstante, si de hoje a um mês eu não vier reclamá-la, deverá ela ser aberta na presença do delegado de polícia e de quem mais quizer assistir à sua abertura". E o homem de certa idade apresentou-ma, recomendando ainda uma vez a sua não violação antes do prazo estipulado. Depois retirou-se. Correram os dias, as semanas, e ele não voltou a buscá-la. Vencido o prazo estabelecido por ele, fui ter aí com o senhor delegado que se prontificou a abri-la conforme a extranha autorização... Eis tudo.

O delegado puxou a primeira gaveta da secretária ante a qual se acomodava e, tirando de dentro uma folha de papel de linho, leu em voz alta o que de principal havia no conteúdo da mesma e que rezava assim:

"Devo estar morto há perto de um mês. O meu corpo deve estar enterrado em terras de minha fazenda, no município de "Ibitirama". O sítio onde devo me encontrar no momento poderá ser localizado sem dificuldade: Existe na citada fazenda, um caminho entre florestas, em declive para os que chegam; em certo trecho desta mesma passagem, próxima de um córrego, há uma velha paineira, fácil de ser identificada por ser a única em tal propriedade. Para melhor resultado do investigador, a mesma deve estar ainda florida, ou pelo menos o solo sob ela..."

Si fui obedecido com presteza, deve existir mais, ao abrigo dessa mesma árvore, para mais acertado esclarecimento, uma cruz de madeira pintada de fresco...

Agora, a maneira como vim a saber do que me aconteceu depois de escrever esta: Há mais de um mês passado, pelas duas da tarde, andava perambulando pela minha propriedade. E sucedeu que, passando pelo dito sítio onde devo estar, sentindo-me fatigado, dei-me à sombra da paineira, além de umas espessas moitas de cana. E admirando as flores e descansando o corpo, adormeci. Acordei com um murmúrio de vozes vindas do outro lado das moitas. Alguem, ou seja, duas pessoas, conversavam ali, e o sentido da palestra chegava aos meus ouvidos com nitidez absoluta. Conheci logo as vozes, é claro! Antes que pudessem denunciar a minha presença, constatei que falavam de mim. Por curiosidade puz-me a escutar. E surpreendi-me chocado quando me cientifiquei de que os que ali se achavam tramavam contra a minha vida! Combinavam exterminar-me ali mesmo, por ocasião da minha passagem pelo lugar quando da minha viagem projetada para dias depois. Acertaram também que o meu corpo seria enterrado debaixo daquela mesma árvore.

Revelo mais que a razão deste crime foi a cobiça do tramador pelo que possuo, pelo meu esforço honrado.

O meu afilhado e protegido, Laércio Moraes, é o responsável pelo meu assassinato caso venha este a se perpetrar. Como seu cúmplice, contratado pela quantia

(Conclue na página 41).

CRIANÇAS ELEGANTES



1 — Saia e bolero de tecido escocês, a blusa vermelha. 2 — Vestido de crepe ou linho azul, guarnecido com viezes ou cadaço branco. 3 — Vestido de linho ou fustão verde, gola de fustão branco.

SIMPLICIDADE E ELEGANCIA



1 — Vestido para a tarde de crepe chartreuse com grandes papoulas brancas. 2 — Vestido de veludo marron, a frente guarnecida com um plastron plissado de mousseline de seda branca. Os botões forrados com o próprio veludo. Para manequim 44: 4 metros e 80 centímetros de veludo de 80 centímetros de largura. 3 — Vestido de tafetá de xadrez, em dois tons de verde. Abotoamento na frente e faixa atrás. Para manequim 44: 4 metros e 60 centímetros de tecido de 90 centímetros de largura.

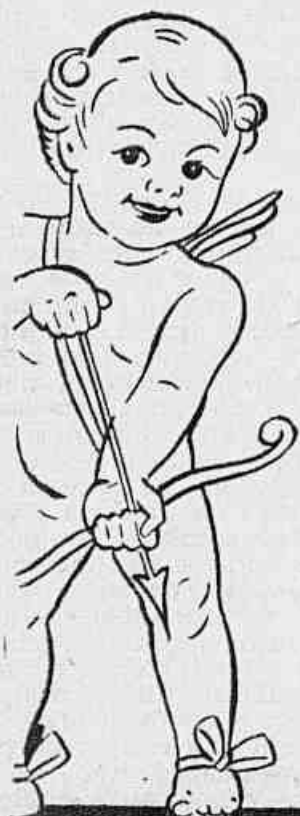
CONSELHOS PRATICOS

Receita para os pés — Para os pés cansados: primeiro meter os pés na água quente, mas não tão quente como para um escalda-pés, depois esfrega-los com a seguinte mistura. Como se fosse uma **mayon-naise**, bater bem duas gemas e ir juntando pouco a pouco duas boas colheres de azeite. A' massa já consistente juntar, misturar mexendo sempre, uma colherinha de tintura de benjoim. Deixar ficar algum tempo com esta pomada e depois limpar com um pano e pôr talco em seguida.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Para que não rachem os potes de doce — Para evitar que se fendam ou rachem quando se despeja dentro uma geléia ou uma compota fervente, toma-se um pano que se molha, e envolve-se o pote formando um rolo na parte de baixo e que se faz subir até em cima. Assim envolvido, o pote não estalará quando fôr cheio com o elemento fervente que nele se quer guardar.

Qual o tipo dos seus lábios?



Quando falam ao coração do homem amado, que expressam seus lábios? Sinceridade?... Alegria?... Façam sempre mais lindos, mais beijáveis com Baton Colgate!

O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas con-

sistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos.

Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas!

Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, o encanto inigualável da nova cor da moda — Vermelho Amazonas — exclusiva de Colgate.

MAIOR - MAIS ECONÔMICO

O coração bate com **BATON COLGATE**



SENSUAIS ? — Lábios de "mulher fatal"... "vampiro". Um tipo irresistível!



FRÍVOLOS ? — Lábios de "mulher coquette"! Inquieta os corações masculinos... e como!



SINCEROS ? — Lábios de "mulher ingênua"... inocente e pura. Amor eterno!



ALEGRES ? — Lábios de "mulher vivaz" e irrequieta! Sempre cheios de bom humor! Subjuga os homens mais sérios!



ARISTOCRÁTICOS ? — Lábios de "mulher orgulhosa", dominadora... para muitos homens, nada mais atraente!



Modelos para a tarde



1 — El-gantissimo vestido de tarde; a saia toda em drapés; longas mangas; cinto original preso com cordão e borlas.

2 — Neste chapéu enfeitado com grandes flores, o véo foi levado todo para trás. 3 — Amarrado sob o queixo o véo cae em longas pontas sobre o vestido e constitui o unico enfeite do chapéu. 4 — Uma estilização das casacas de Versailles.

*Adeus
indigestão!*

PARA gozar de melhor saúde, tome a deliciosa Quaker Oats todos os dias. Contém, em abundância, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats fornece, aos intestinos, o necessário volume para um funcionamento fácil. Preparo simples — experimente e veja!

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.



Insista em comprar a lata com a figurado Quaker — a aveia sem impurezas.



"ISTO É O QUE
EU PRECISO
PARA CURAR O
MEU RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

ALIVIA RAPIDAMENTE OS
RESFRIADOS

Basta applical-o no PEITO
na GARGANTA e nas NARINAS.



Palmeiras verdes que o vento desmancha em meneios de dança tonta. Só na alma do pescador, nos seus gestos pacientes, a calma permanece. Calma dos grandes lutadores. Orson Welles observa. O sentido do homem e da paisagem dorme fechado na brancura da areia.

UM POUCO DE CINEMA

HOLLYWOOD VISITOU AS PRAIAS DE IRACEMA

Praias de Iracema. Brancas praias ensombradas de coqueiros. Canção do vento nas palmas verdes. Canção das ondas na areia clara. Vê as simples brincando no mar, num mundo que amanece.

Jacaré era simples como a água. Forte como o vento. Bom como o sol. Foi jangadeiro a vida inteira. Desde pequenino, quando os seus olhos viam as distancias do horizonte, corriam

ao encontro das velas que vinham e sonhavam com o embate das ondas do alto. Depois, a primeira viagem. O primeiro lua na noite profunda do oceano. Feitiços de Yemanjá brotando das águas coalhadas de estrelas; vozes tremendo do frio do mar noturno, do frio do medo sobrenatural, contando historias de gente afogada. De gente que Yemanjá levava para o palácio de ouro e esmeralda no fundo do mar.



Partida simultanea das jangadas. As velas esperam o chamado do oceano para se desdobrar em azas, ao sol. O pôrto em construção sonha com os grandes transatlânticos.

(Fotos exclusivas da REVISTA DA SEMANA tomadas em Mucuripe)

MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

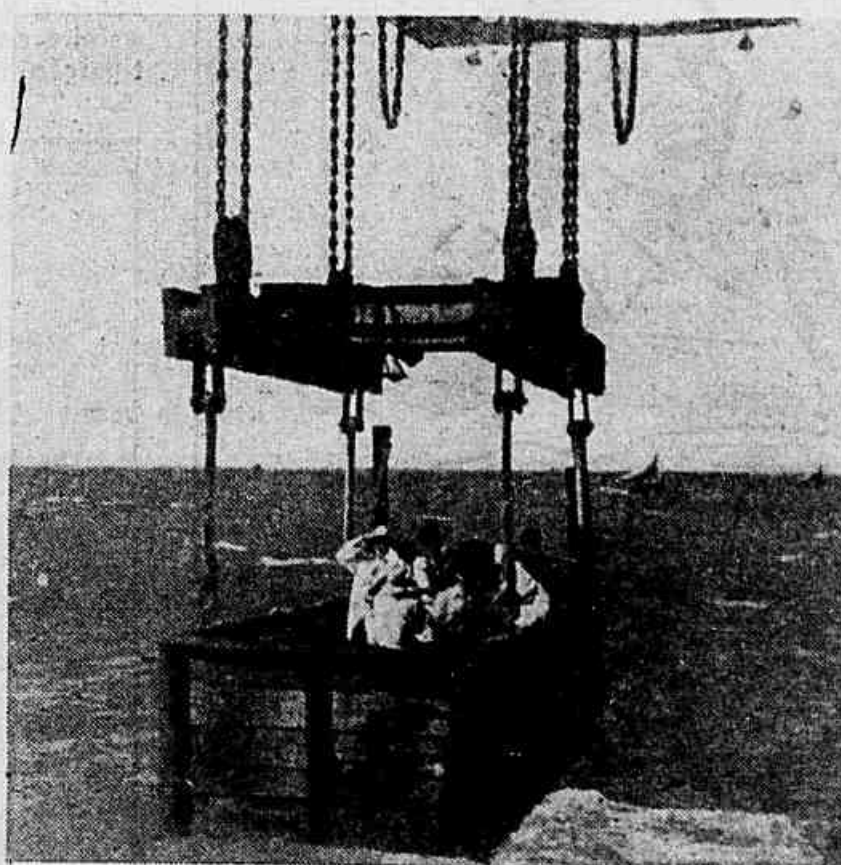
A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

Depois, a S. Pedro. Quatro figuras de bronze esculpidas na prôa de um barco mais forte que os barcos antigos, em que os homens traçaram nos sete mares do mundo a rota dos cinco continentes.

Na praça carioca, de arvores simétricas e fontes artificiais, bandeiras e luzes enfeitaram os braços da jangada que vinha cansada, os braços pendidos depois de lutar com o vento bravo das tempestades no mar. O casco enfeitado de algas e mariscos. As velas guardadas na saudade das noites selvagens das praias desertas. As luzes da cidade se acenderam em volta da jangada imóvel como uma estatua, entre as arvores simétricas da praça carioca.

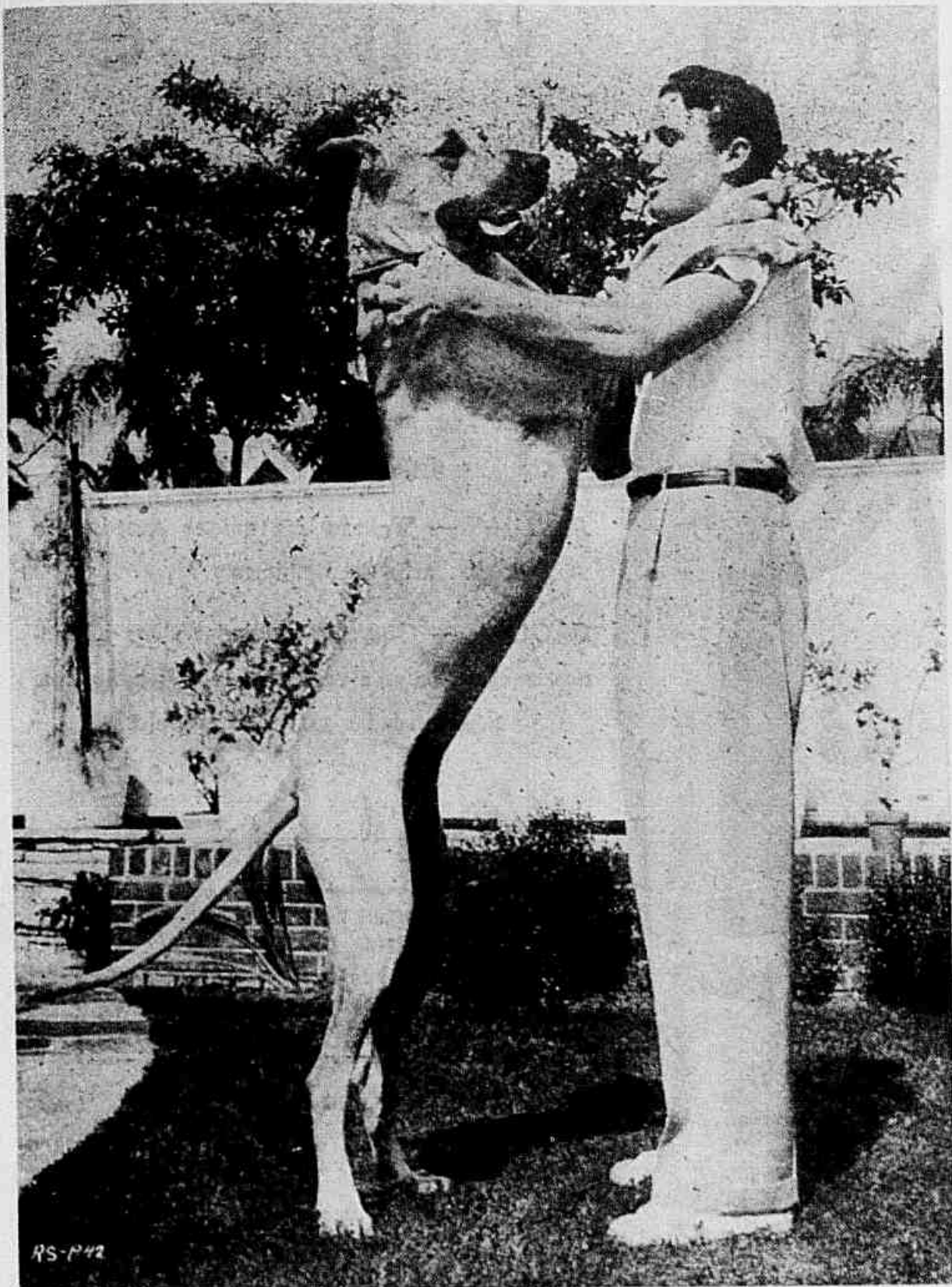


O guindaste negro num ranger de ferros é um grito solitário de civilização no barbaro mar das jangadas indômitas. A terra, ao longe, num aceno de palmas triunfais chama o olhar do "expert" de mil paisagens artificiais.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



Robert Stack abraçou nos filmes as mais lindas criaturinhas de Hollywood. Duas Dianas—a Durbin e a Barrymore—aprenderam com ele as primeiras lições de amor cinematográfico. Mas, na tela ou na vida, o abraço mais l-al e mais amigo, é este: o de King. (Foto Universal)

Alô, amigos!

O Rio tem grandes queixas de Hollywood. E com razão. Sempre que a cidade das estrelas baixa os olhos sobre esta "muy heroica y leal ciudad", só vê o que temos de pior. Pelos menos só reproduz o que nos vem das raízes remotas da África e da selva, e que procuramos esconder sob os ouropéis dos salões onde se dança o tango e se tomam cocktails à luz velada dos refletores coloridos.

Hollywood teima em fazer um Rio de negros e cachaça, de carnaval e de macumba. E o carioca se insurge, reclama, fica triste. Em vão. Aliás, não guardamos ressentimentos eternos. Tanto que a chegada de qualquer astro de primeira ou de décima grandeza, diretor, cenógrafo ou figurante de Hollywood, constitui para os "fans" um acontecimento mais importante que a guerra, a crise ou conferências internacionais.

Desta vez, o carioca está satisfeito. Não se arrepende de ter assaltado Walt Disney com pedidos de autógrafos e de tiras de paletó. "Alô, amigos!" é, de fato, uma saudação familiar, um cumprimento risonho atirado ao amigo que passa na outra calçada. Amigo íntimo e inofensivo, incapaz de ficar zangado com a intimidade...

"A aquarela do Brasil" completa o colorido rico, o ritmo álgido do desenho maravilhoso. Walt Disney permanece único na sua arte. Tanto que não se procura analisar, criticar, pesar o "quantum" de verdade ou de mentira, de justiça ou de injustiça entra no filme. As figuras tomam conta da gente. Como quando se é criança, ouvindo histórias. Sem perguntar se a Bábá tem razão. E se existe mesmo o Sacy Pererê.

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



TRANSPIROL

Então veio o homem de Hollywood. Habitado a olhar a vida como um cenário; os homens como figurantes; os fatos como comédias.

Achou bonita a jangada. A história dos jangadeiros não seria um script rendoso? Jacaré não seria um "herói" do écran, com seus músculos rijos, seu jeito de cabôco decidido, seus gestos rudes e fortes de homem criado na luta com o mar?

Jacaré morreu. No mar tranquilo da Guanabara. Na melhora simétrica de arranha-céus cor-de-areia, enfeitados de anúncios. Com barracas coloridas escondidas na sombra longa do cimento armado, sobre os *maillots* de todas as cores das sereias século vinte.

Jacaré morreu brincando de jangadeiro. Ele que era jangadeiro mesmo, vencendo as ondas, brincando de esconde-esconde com a morte que se emboscava nas tempestades negras do horizonte.



Jacaré fez de conta que as águas da Guanabara eram as verdes ondas bravias dos mares de Iracema. Fez de conta que era a madrugada das grandes pescarias, quando nas ondas que o sol prateia, longe, muito longe, a distância canta a música da partida na alma do jangadeiro.



Uma denúncia singular

(Conclusão da página 37)

de vinte contos, indico certo indivíduo cognominado "Perigoso", muito conhecido por aquela zona...

O acadêmico de Direito estava petrificado. O delegado suspendeu a leitura por uns momentos afim de correr os olhos pela assistência quieta e emocionada. Voltou a página do papel e leu mais:

"Na noite daquele mesmo dia, outras espantosas revelações chegaram ao meu conhecimento. E' que, dormindo num quarto anexo ao do meu afilhado, e tendo perdido o sono em consequência dos fatos, ouvi que, sonhando, o rapaz falava alto, parecendo inquietar-se nas cobertas. A minha excitação levou-me para perto dele com o intuito de ouvir melhor. Talvez estivesse falando do satânico pacto... E ouvi: Meu afilhado dizia apenas: "Ora, o "Perigoso"! Vinte contos é dinheiro. O "Perigoso"... Liquidá-lo-ei depois... E o trem de ferro que leve a fama..." De maneira que, si o "Perigoso" aparecer esfaelado pelas rodas de um trem, com certeza que a culpa pelo que se deu não cabe a este..."

Laércio Moraes tremia todo debaixo do seu terno de brim cinza. O delegado prosseguiu na leitura: "A par de todas essas infâmias, refleti muito. E refletindo acerca da perversidade humana, acabei aborrecendo-me da vida. Estava destinado a morrer... Morrer! Ora, eu já não era moço e as doenças de que sofria me vinham martirizando bastante. Então,

por que ter medo da morte? A ingratidão do meu afilhado, única pessoa a quem eu estimava, deixou-me desiludido. Queria matar-me, não é? Pois me dispuz a não evitar que a covardia dele se consumasse... Contudo, para os maus deve haver sempre o castigo, ainda que seja para exemplos futuros. Por isso resolvi vingar-me. E para realizar esta minha vingança é que me sujeitei a calar e esperar com paciência pelo que viesse... Tanto assim que logo na semana seguinte rumei para a cidade. Em primeiro lugar fui ter com um marceneiro muito conhecido, o Evaristo, da "Marcenaria Modelo".

O responsável pela cruz da paineira, então entre os assistentes, por ter sido convidado, movimentou-se, ante os olhares curiosos das demais pessoas ouvintes. O delegado leu ainda:

"Encomendei a cruz, pedindo que, si durante o espaço de um mês eu não a reclamasse, era do trato que o vendedor fosse plantá-la sem adiamento e sem outras ordens no lugar onde ela deve se encontrar"... Jurou-me que não se tratava de nada capaz de comprometer-me. — Interrompeu o marceneiro procurando defender a sua parte.

Sem se importar com a intromissão, o delegado continuou lendo:

"Deixando o marceneiro, procurei logo em seguida o tabellão da terra, que deve achar-se presente, e entreguei-lhe esta carta fechada com as recomendações que estão sendo cumpridas no momento..."

Como vêm os que porventura assistem ao meu depoimento póstumo, tudo quanto deixei dito nestas folhas de papel de linho, é justamente tudo quanto eu

tinha em mira fazer depois de escrever as mesmas. E como adivinhou que o meu proceder logrará inteiro êxito, será excusado que eu as altere uma vez completas..."

O acadêmico assassino aturdiu-se. Bailava-lhe no cérebro toda aquela espantosa aluvião de frases esmagadoras, envenenantes... Temeu enlouquecer.

O delegado desdobrou outra lauda de papel que encontrara acompanhando a carta. Esta tinha poucas palavras:

"Tendo feito no ano próximo passado um testamento, legando toda a minha fortuna ao meu afilhado Laércio Moraes, declaro a quem interessar que, por minhas próprias mãos inutilizei o citado testamento para que se faça outro em favor dos asilos e da pobreza desamparada. Os meus haveres, inclusive a fazenda e todo o dinheiro que possuo nos bancos, lego, pois, a obras de caridade e outros fins idênticos. Todas as pessoas presentes servirão de testemunhas nessa minha espontânea doação.

Que se faça a minha vontade. Assino-me
Manoel dos Gusmões Madeira."

O delegado largou os papéis sobre a mesa e, levantando-se com solenidade, falou:

— Por agora dispense interrogatórios desnecessários. Levem-no daqui.

Dois soldados aproximaram-se. A assistência movimentou-se abrindo alas. Laércio Moraes viu-se seguro pelos braços e levado para fora da sala onde ainda se ouviam vivos comentários em torno daquela denúncia singular...

Este é para você



MARITA — As listas estão sempre em moda. Creio que uma blusa em branco e vermelho ficará bem com uma saia azul.

LUCITA — As grandes estamparias constituem, por si sós, um enfeite. Faça o seu vestido muito simples. E ficará lindo.

JULINHA — Vestido dos quinze anos? Não acha bonitinho este?

CACILDA — Gosta de bordados vivos e grandes. Acho que num vestido branco ficarão bem tiras bordadas como no modelo.

AELSON

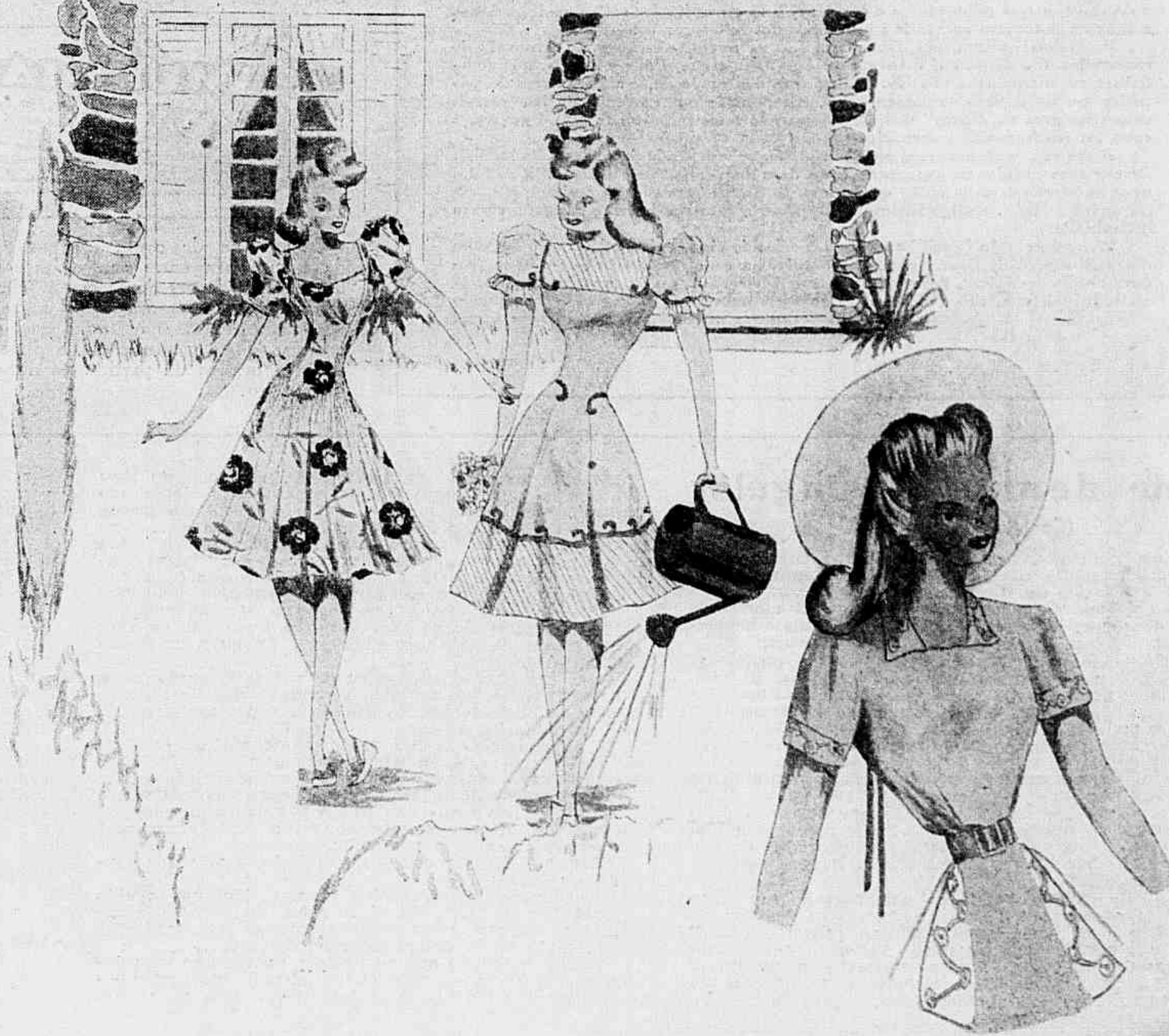
CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



O uso diário
do
**TRICÓFERO
DE BARRY**
proporciona cabelo
abundante, bello e
cheio de juventude.
Cinco gerações o
têm usado com o
mesmo admira-
vel exito. É
o mais
antigo e
famoso prepa-
rado de sua classe.

LSK



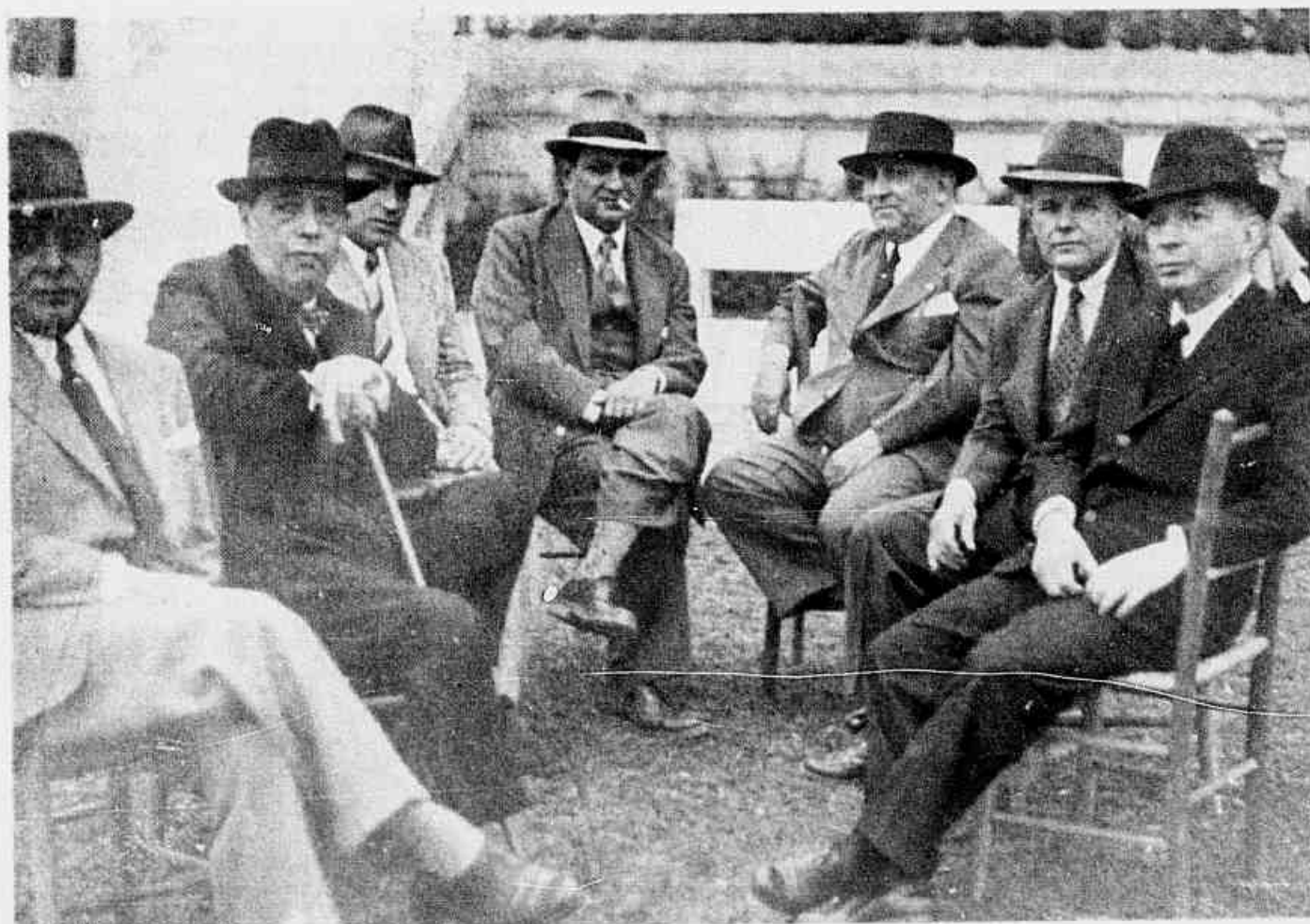
JOCKEY CLUB MUNDANO



Demonstrando mais uma vez o quanto é bondoso o coração da mulher brasileira, a senhora Oswaldo Aranha teve a feliz iniciativa de patrocinar uma festa turfística, cuja renda líquida reverteu toda em benefício das famílias das vítimas dos torpedamentos do Eixo.

O *Órgão Técnico* do Jockey Club Brasileiro, o ministro Salgado Filho, seu ilustre Presidente, e todos os sócios daquela entidade aderiram imediatamente ao movimento de solidariedade humana tão belamente iniciado pela ilustre dama de nossa sociedade, levando assim a contribuição do *luri* nacional à ruela patriótica iniciativa.

Foi uma bela tarde de esportes e alto mundanismo, a de sábado passado, e é dessa reunião elegante que oferecemos aqui aos nossos leitores os flagrantes mais expressivos, vendo-se numa das fotos a senhora Oswaldo Aranha cercada de pessoas de suas relações de amizade.



LEIAM A CENA MUDA

SETEMBRO
8
1942 — ANO 22.º
N.º 1120



A primeira e única revista brasileira de cinema -- Agora, também de Rádio --
Reportagens fartamente ilustradas - Críticas de filmes - Novidades de Hollywood
e de toda a parte do mundo. Tricromias com retratos dos grandes ídolos da tela
e do microfône. Avulso em todo o Brasil: 1\$200. A's terças-feiras.